

Plantas medicinais nativas de uso popular no Rio Grande do Sul



Expediente

Universidade Federal de Santa Maria

Reitor

Paulo Afonso Burmann

Vice-Reitor

Luciano Schuch

Pró-Reitor de Extensão

Flavi Ferreira Lisboa Filho

Pró-Reitor de Extensão Substituto

Rudiney Soares Pereira

Cultura e Arte

Vera Lúcia Portinho Vianna

Desenvolvimento Regional e Cidadania

Jaciele Carine Sell

Revisão Textual

Érica Duarte Medeiros

Projeto Gráfico e Diagramação

Marina Freitas da Silveira

Editora da Pró-Reitoria de Extensão (UFSM)

G233p Garlet, Tanea Maria Bisognin
Plantas medicinais nativas de uso popular no Rio Grande do Sul [recurso eletrônico] / [Tanea Maria Bisognin Garlet]. – Santa Maria, RS : UFSM, PRE, 2019.
1 e-book : il. – (Série Extensão)

ISBN 978-85-67104-45-4

1. Plantas Mediciniais – Rio Grande do Sul I. Universidade Federal de Santa Maria. Pró-Reitoria de Extensão II. Título.

CDU 581.6:615.89(816.5)
581.6(816.5)
615.89(816.5)

Ficha catalográfica elaborada por Alenir Goularte - CRB-10/990
Biblioteca Central - UFSM



Este material foi constituído com dinheiro público e sua comercialização é proibida. A sua reprodução, bem como sua impressão, é liberada desde que conste os créditos aos autores.

Apresentação

O presente livro, que leva por título “Plantas medicinais nativas de uso popular no Rio Grande do Sul”, foi elaborado com o intuito de dar suporte às atividades de extensão que vêm sendo desenvolvidas durante esses anos na Universidade Federal de Santa Maria. Ele propõe o fornecimento de informações, baseadas em levantamentos etnobotânicos sobre a utilização das plantas medicinais, a todos que se interessam pelo assunto.

As informações foram compiladas a partir de bibliografia confiável e publicações da internet. Foram priorizados os trabalhos desenvolvidos no estado do Rio Grande do Sul, sendo complementados por trabalhos acadêmicos de pesquisa, livros de referência em plantas medicinais, livros para identificação botânica e citações de artigos específicos.

No capítulo inicial, encontram-se informações gerais sobre plantas medicinais e fitoterapia, as formas de utilização dessas plantas e os princípios ativos presentes nessas plantas. Sugere-se que a leitura seja iniciada por este capítulo, para que o leitor possa não só se familiarizar com os termos que seguem, mas também entender sobre a importância do emprego correto das espécies listadas.

No segundo capítulo, são apresentadas as 50 plantas nativas mais utilizadas pela população do estado do Rio Grande do Sul, conforme consta na lista da Relação Estadual de Plantas Medicinais de interesse do Sistema Único de Saúde do Rio Grande do Sul (REPLAME/RS), da Portaria 588/2017 da Secretaria Estadual de Saúde/RS. As plantas estão relacionadas por ordem de uso; nome popular; nome científico; família; sinônimos populares; descrição; distribuição; partes utilizadas; formas de uso; indicação e utilização; constituintes químicos e dados farmacológicos; efeitos adversos e precauções; além de algumas curiosidades. São apresentadas fotografias da maioria das plantas, a fim de auxiliar no seu reconhecimento e na sua identificação.

O glossário que segue no terceiro capítulo contempla alguns termos farmacêuticos e médicos que constam nas monografias das plantas e que foram extraídos das revisões. A seguir, o índice foi preparado com os nomes populares e nomes científicos das plantas para facilitar a busca da espécie desejada.

O conhecimento sobre as espécies medicinais nativas mais utilizadas no Rio Grande do Sul e de interesse no SUS pode auxiliar na seleção de espécies, para garantir a eficácia e a segurança no uso. Portanto, espera-se não só contribuir com aquelas pessoas que buscam, nas plantas, o alívio para problemas de saúde mais comuns, como também auxiliar na melhoria das condições de vida da população.

Introdução

A crescente busca por produtos à base de plantas medicinais tem despertado o interesse de órgãos governamentais, no que diz respeito à elaboração de políticas nacionais com foco na Atenção Primária à Saúde. No Brasil, no ano de 2006, foram aprovadas a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS) – com diretrizes e linhas de ação para Plantas Medicinais e Fitoterapia – e a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Essas políticas foram elaboradas baseadas nas recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), conforme os princípios e as diretrizes do SUS, de acordo com a demanda da população brasileira, tendo em vista a necessidade de normatizar experiências existentes no SUS.

As ações para implementação das diretrizes nacionais buscam ampliar a oferta de serviços seguros e racionais de fitoterapia, no SUS, por profissionais qualificados e sua inserção sociocultural. No ano de 2009, o Ministério da Saúde publicou a Relação Nacional de Plantas de Interesse ao SUS (Rennisus): uma lista de 71 espécies com potencial terapêutico. Em 2010, a Diretoria Colegiada da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) divulgou, na Resolução RDC nº 10 (de 9 de março de 2010), uma lista de 66 plantas que podem ser empregadas como drogas vegetais em forma de infusão, decocção ou maceração, para uso oral ou tópico. Também há a publicação da Portaria nº 886, de 20 de abril de 2010, que institui a Farmácia Viva no âmbito do SUS.

No estado do Rio Grande do Sul, as pesquisas com plantas medicinais vêm sendo incentivadas a partir de um estudo feito pelo Projeto de Implementação da Política Intersectorial de Plantas Medicinais e Medicamentos Fitoterápicos na Secretaria Estadual de Saúde, que compilou levantamentos de plantas medicinais mais utilizadas no Rio Grande do Sul desde 1984 até 2015. Essa compilação resultou em listas de plantas medicinais nativas, exóticas, naturalizadas e cultivadas mais utilizadas no estado, sendo de interesse para utilização no SUS, conforme consta na Portaria SES/RS 588/2017, que institui a Relação Estadual de Plantas Medicinais de Interesse do Sistema Único de Saúde no Rio Grande do Sul (REPLAME/RS).

Neste contexto, com o propósito de auxiliar nos estudos sobre o acesso seguro e o uso adequado das plantas medicinais e dos fitoterápicos, serão abordadas, nesta publicação, as espécies nativas de maior utilização, pela população do Rio Grande do Sul, e de interesse para o Sistema Único de Saúde. As informações sobre as plantas medicinais contidas neste trabalho não substituem as orientações, fornecidas por especialistas em saúde, sobre o seu uso.

Referências: (BRASIL, 2010; BRASIL, Ministério da Saúde, 2009, 2010; BRASIL, Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, 2012, 2015; RIO GRANDE DO SUL, 2017; RIO GRANDE DO SUL, 2018).

A utilização de plantas na medicina popular

O estudo das plantas medicinais é realizado pela ciência denominada Fitoterapia, que, tendo sua origem no conhecimento e no uso popular, utiliza produtos de origem vegetal, com finalidade terapêutica, para prevenir, atenuar ou curar algum estado patológico. Planta medicinal é definida como uma espécie vegetal, cultivada ou não, utilizada com propósitos terapêuticos, sendo denominada planta fresca, quando coletada no momento do uso, e planta seca, quando submetida à secagem, a qual também chamamos de droga vegetal. Neste caso, compreende-se que a planta ou as suas partes contêm as substâncias ativas, ou classes de substâncias, responsáveis pela ação terapêutica, após processos de coleta, estabilização (quando aplicável) e secagem, podendo estar na forma íntegra, rasurada, triturada ou pulverizada, servindo na elaboração de medicamentos fitoterápicos.

Os fitoterápicos são caracterizados pelo conhecimento da eficácia e dos riscos de seu uso, assim como pela reprodutibilidade e pela constância de sua qualidade. São obtidos com emprego exclusivo de matérias-primas ativas vegetais, cuja eficácia e segurança são validadas por meio de levantamentos etnofarmacológicos, de utilização, de documentações tecnocientíficas ou de evidências clínicas. Não se considera medicamento fitoterápico aquele que possui, em sua composição, substâncias ativas isoladas, sintéticas ou naturais, nem as associações dessas com extratos vegetais.

A utilização das plantas medicinais ou dos fitoterápicos pode ser eficaz no tratamento de muitas doenças, desde que sejam observados alguns critérios, tais como: identificação das espécies, indicação conforme quadro clínico e preparação adequada.

Na identificação das espécies vegetais, é importante conhecer a família botânica e o nome científico, derivado do latim, que, válido no mundo todo, é escrito na nomenclatura binomial, ou seja, o primeiro nome se refere ao gênero e o segundo à espécie, seguido pelo nome do autor que fez sua descrição. Determinar as plantas apenas pelo nome popular pode gerar equívocos, pois espécies diferentes podem ter a mesma denominação, como é o caso das arnicas. No exemplo, destaca-se a *Arnica montana* L., que se trata da arnica-verdadeira, planta originária de regiões montanhosas da Europa, bastante pesquisada, citada nas farmacopeias e amplamente empregada em uso tópico. No Brasil, ocorrem outras espécies conhecidas como arnicas e que, embora utilizadas com as mesmas finalidades da espécie europeia, ainda carecem de estudos, citando-se: *Chaptalia nutans* (L.) Pol., *Solidago chilensis* Meyen, *Pluchea sagittalis* (Lam.) Cabrera, *Sphagneticola trilobata* (L.) Pruski, dentre outras da família botânica das Asteraceae.

Outro critério a ser considerado refere-se à identificação do quadro clínico, conforme o sintoma ou conforme a doença. Para que o tratamento seja adequado, deve-se procurar saber qual a planta e quais as partes são mais indicadas. Além disso, não se pode dispensar o acompanhamento de profissionais capacitados e com algum conhecimento em fitoterapia, devendo-se assegurar a exatidão das informações sobre a espécie recomendada; sobre o local de coleta ou sobre a aquisição; sobre os efeitos desejados; sobre os princípios ativos; sobre as dosagens; e sobre a adequada preparação.

Formas de utilização das plantas medicinais

As plantas medicinais podem ser utilizadas em preparações diversas conforme o caso, que pode ser de uso interno (ingeridas como chás e xaropes) e de uso externo ou tópico (na pele ou nas mucosas das cavidades naturais). As formas mais comumente empregadas nos tratamentos caseiros com plantas medicinais estão relacionadas a seguir:

a) Chás: podem ser preparados nas formas de infusão, decocção ou maceração.

a.1) Infusão: preparação que consiste em verter água fervente sobre a droga vegetal e, em seguida, tampar ou abafar o recipiente por um período de tempo determinado. Método indicado para partes de drogas vegetais de consistência menos rígida (folhas, flores, inflorescências e frutos) e para substâncias ativas voláteis. Para uma xícara de chá (150mL), usa-se a proporção de 8g a 10g da planta fresca ou 4g a 5g da planta seca (droga vegetal). Deixa-se o chá repousar pelo tempo de 5min a 10 min e, então, ele pode ser consumido ainda quente.

a.2) Decocção (cozimento): preparação que consiste na ebulição da planta em água potável por tempo determinado. Método indicado para partes da planta com consistência rígida, tais como cascas, raízes, rizomas, caules, sementes e folhas coriáceas. O tempo de cozimento pode variar de 5min a 20min. Após a fervura, coar e consumir ainda quente.

a.3) Maceração: preparação que consiste no contato da droga vegetal com água, à temperatura ambiente, por tempo determinado para cada parte da planta utilizada. Método indicado para partes vegetais que possuam substâncias que se degradam com o aquecimento. Folhas, sementes e partes tenras ficam de 10h a 12h, enquanto caules, cascas e raízes duras ficam de 22h a 24h.

b) Gargarejo: agitação de infuso, decocto ou maceração, na garganta, pelo ar que se expelle da laringe, não devendo ser engolido o líquido ao final.

c) Cataplasma: preparação elaborada com a planta, tanto fresca como seca, triturada e misturada com água e farinha. Esta mistura é aquecida, colocada entre as faces de uma gaze ou de um pano, ambos limpos, e aplicada sobre a pele da região afetada. Bem quente – como resolutiva de tumores, furúnculos e unheiros – e morna – para inflamações dolorosas em contusões e entorses.

d) Compressa: é uma forma de tratamento que consiste em colocar, sobre o lugar lesionado, um pano ou uma gaze, limpos e umedecidos, com infuso ou decocto, frio ou aquecido, dependendo da indicação de uso.

e) Inalação: administração de produto pela inspiração (nasal ou oral) de vapores pelo trato respiratório. A planta é colocada em um recipiente que recebe água fervente, gerando vapor, que deve ser aspirado por alguns minutos. Pode-se utilizar alguma cobertura sobre os ombros e a cabeça para melhor eficiência da aspiração.

f) Banho de assento: imersão em água morna, na posição sentada, cobrindo apenas as nádegas e o quadril, geralmente em bacia ou em louça sanitária apropriada.

g) Xarope: preparação líquida espessada com açúcar e usada no tratamento de dores de garganta, tosse e bronquite. Utiliza-se açúcar cristal ou mascavo, na proporção de duas partes para cada parte de água em volume. A mistura é levada ao fogo até a obtenção de uma calda, na qual são adicionadas as plantas, preferencialmente frescas e picadas, em fogo baixo, por 5min. Em seguida, o xarope é coado e guardado em frasco de vidro na geladeira.

h) Pó: preparação feita a partir da planta seca e triturada. Pode-se usar internamente (via oral) ou externamente (em uso tópico). O pó seco deve ser conservado em frasco com tampa adequadamente fechada.

i) Tintura: preparação feita com álcool de cereais, na qual as partes da planta ficam em maceração, ao abrigo da luz e à temperatura ambiente, por período de 8 a 10 dias, para conservar, por longo período, os princípios ativos. Quando é feita a partir da planta fresca, é denominada alcoolatura. Em qualquer dos casos, coa-se a mistura, que deve ser filtrada e guardada em recipiente escuro, protegido da luz e do ar. No caso das plantas frescas, o indicado é macerar 250g da planta picada em 500mL de álcool de cereais (80-90%). Para plantas secas, macerar de 250g a 300g para 1L de álcool a 70%. Usa-se na forma de gotas dissolvidas em água, para uso interno, ou em compressas e fricções, para uso externo.

Horários para tomar os preparados fitoterápicos

a) Pela manhã, ao acordar, meia hora antes do desjejum, indica-se tomar laxativos, depurativos, diuréticos e vermífugos.

b) Duas horas antes e depois das refeições principais, indica-se tomar as preparações antirreumáticas, neurotônicas, hepatoprotetoras, béquicas e antitérmicas.

c) Meia hora antes das refeições principais, indica-se tomar as preparações tônicas e antiácidas.

d) Depois das refeições principais, indica-se tomar todas as preparações digestivas e contra gases.

e) Antes de se deitar, indica-se tomar os preparados protetores do fígado e os laxativos.

De maneira geral, os chás por infusão, decocção e maceração são tomados frios, quando se deseja tratar problemas do sistema digestivo. Para afecções do sistema respiratório, gripes, resfriados e bronquites, os chás devem ser ingeridos quentes.

Medidas de referência

No preparo das infusões, decocções e macerações, bem como para fins de padronização, são adotadas as seguintes medidas de referência, com seus respectivos volumes e pesos da planta dessecada (droga vegetal):

- a)** 1 colher de sopa equivale a 15mL ou 3g;
- b)** 1 colher de sobremesa equivale a 10mL ou 2g;
- c)** 1 colher de chá equivale a 5mL ou 1g;
- d)** 1 colher de café equivale a 2mL ou 0,5g;
- e)** 1 xícara de chá ou copo equivale a 150mL;
- f)** 1 xícara de café equivale a 50mL;
- g)** 1 cálice equivale a 30mL.

Princípios ativos de plantas medicinais

Os princípios ativos são as substâncias químicas existentes em plantas, que vão atuar como medicinais, provocando reações no organismo que as utiliza. Essas substâncias são sintetizadas a partir da luz e dos nutrientes que a planta recebe ou consegue extrair do solo. De acordo com a estrutura química, podem ser separados em alguns grupos principais:

a) Ácidos orgânicos: compostos encontrados em todos os vegetais, com funções importantes no metabolismo primário da planta, como fotossíntese e respiração. Os mais comuns são os ácidos málico, cítrico, tartárico e oxálico. O ácido fórmico pode ser menos frequente.

b) Alcaloides: compostos orgânicos nitrogenados que apresentam reação alcalina. São encontrados em toda a planta, mas se acumulam, principalmente, em tecidos externos (tegumentos de sementes, cascas de caules e raízes). Em tecidos vivos, encontram-se dissolvidos nos vacúolos celulares. Apresentam atividades biológicas diversificadas, atuando no sistema nervoso central, como calmante, sedativo, estimulante, analgésico e anestésico. Alguns podem ser tóxicos ou cancerígenos e outros, por sua vez, antitumorais.

c) Antraquinonas: também chamados de glicosídeos antraquinônicos, são derivados fenólicos do antraceno. Por agirem irritando o intestino grosso, aumentando a motilidade intestinal e, conseqüentemente, diminuindo a reabsorção de água, são empregadas terapêuticamente como laxativas. A utilização de vegetais com substâncias antraquinônicas não deve ser realizada por mulheres grávidas nem por portadores de hemorroidas.

d) Compostos fenólicos: pertencem a uma classe de compostos com grande diversidade de estruturas, simples e complexas, com a presença de, pelo menos, um anel aromático com um grupo hidroxila. Estão amplamente distribuídos no reino vegetal e nos microrganismos. São encontradas estruturas de ácidos fenólicos; derivados da cumarina; pigmentos hidrossolúveis das flores, dos frutos e das folhas; ligninas; taninos; parte de proteínas, alcaloides e terpenoides. Os compostos fenólicos contribuem para o sabor, para o odor e para a coloração de vários vegetais, sendo muitos desses economicamente importantes pela utilização como flavorizantes e corantes de alimentos e bebidas. Para alguns derivados de ácidos fenólicos (tais como o ácido clorogênico, o ácido caféico e o ácido ferúlico), tem sido relatada atividade antioxidante. Possuem, também, atividade antibacteriana e antiviral.

e) Cumarinas: substâncias derivadas de lactona do ácido o-cinâmico. Podem apresentar odor que caracteriza uma planta, como ocorre com o guaco (*Mikania laevigata*). Um dos metabólitos, o dicumarol, é um poderoso anticoagulante, sendo usado, na alopatia, como base para medicamentos contra a trombose, em pequena dosagem, e como veneno para ratos, em grandes dosagens. Em geral, apresentam atividade broncodilatadora, fungicida, anticoagulante, vasodilatadora, espasmolítica e antitrombótica. Algumas cumarinas podem sensibilizar a pele sob ação dos raios ultravioleta do sol e provocar queimaduras na pele, como nas espécies de Citrus.

f) Esteroides: substâncias de estrutura química formada por um sistema cíclico de quatro anéis (ciclopentanoperhidrofenantreno).

As saponinas esteroidais e os glicosídeos cardiotônicos são estruturas derivadas de esteroides.

g) Flavonoides: constituem a maior classe de compostos fenólicos vegetais. A estrutura química dos flavonoides consiste em 15 carbonos organizados em dois anéis aromáticos, ligados por uma cadeia de três carbonos. Ocorrem de forma livre (agliconas) ou ligadas a açúcares (glicosídeos). Podem ser coloridos ou incolores. O termo flavonoide deriva do latim flavus, que significa amarelo, em virtude da cor que conferem às flores de camomila e calêndula. As antocianinas, por exemplo, são corantes vegetais com ampla distribuição nas plantas, como na uva tinta. Os flavonoides concentram-se mais na parte aérea das plantas, ocorrendo em menor proporção nas raízes e nos rizomas. As principais atividades biológicas são anti-inflamatória, antivaricosa (fortalecem vasos capilares), antiesclerose, anti-edematosa, antiespasmódica, antioxidante, antiviral, antimicrobiana, antifúngica, antitumoral, anti-hepatotóxica, colerética, diurética e hormonal.

h) Glicosídeos cardioativos ou cardiotônicos: apresentam estrutura esteroidal ligada a vários açúcares. Exercem forte efeito no músculo cardíaco, agem na contractilidade, condutibilidade e automatidade. São substâncias cuja absorção no organismo ocorre de forma cumulativa, podendo causar intoxicações crônicas. Constituem medicamentos valiosos extraídos de plantas e restritos à droga extraída e purificada, que auxiliam no tratamento de doenças cardíacas sob recomendação médica. A digitoxina, presente na dedaleira (*Digitalis purpurea*, *D. lanata*), é o mais importante desse grupo.

i) Heterosídeos: constituem um grupo extremamente variado. São compostos orgânicos que, por hidrólise, desdobram-se em glicídios e outros componentes, ou seja, uma parte açúcar e outra não. A parte açúcar é chamada de glicona, e a parte não açúcar de aglicona ou genina.

Como grupo, os heterosídeos ou glicosídeos são solúveis em álcool e hidrolisáveis em meio ácido, podendo ser desdobrados por ação de enzimas específicas. Podem se localizar em qualquer parte do vegetal. Os principais grupos são antraquinonas, cardioativos, cianogênicos, flavonoides, saponinas e cumarinas.

j) Mucilagens: são substâncias, derivadas da oxidação de açúcares, que são separadas fazendo sua precipitação em solventes alcoólicos. Encontra-se mucilagens em folhas, flores, caules e sementes das plantas. Possuem propriedade de diminuir irritações locais da pele e das mucosas, recobrando-as com uma camada protetora.

k) Óleos essenciais: são misturas de substâncias orgânicas voláteis de consistência semelhante ao óleo, chamados, também, de óleos voláteis.

São insolúveis em água e solúveis em solventes orgânicos. Obtidos

por hidrodestilação das plantas, encontram-se em diversas partes do vegetal, principalmente nas folhas e flores, bem como em estruturas especializadas, como os pelos glandulares e as bolsas secretoras. A maioria dos óleos essenciais possui cheiro ou aroma agradável. O grande número e a diversidade de substâncias presentes neste grupo é que determinam a ampla variedade de ações farmacológicas. Quimicamente, a grande maioria dos óleos voláteis é constituída de derivados fenilpropanoides ou de terpenoides. Seus constituintes variam desde hidrocarbonetos terpênicos; álcoois simples e terpênicos; aldeídos; cetonas; fenóis; ésteres; éteres; óxidos; peróxidos; furanos; ácidos orgânicos; lactonas; cumarinas; e até compostos com enxofre. Na mistura, esses compostos apresentam-se em diferentes concentrações, sendo um deles o composto majoritário, existindo outros em menores teores e alguns em baixíssimas quantidades (traços). Possuem propriedades antimicrobiana, anti-inflamatória, analgésica, antiespasmódica, eupéptica, carminativa, cicatrizante, expectorante, relaxante, vermífuga, entre outras. Além de alguns servirem como aromatizantes de alimentos e cosméticos.

l) Saponinas: são glicosídeos de esteroides ou triterpenos, com propriedade de formar espuma persistente e abundante em presença de água. Possuem propriedade detergente, cicatrizante, hipocolesterolemiantes, laxativa suave, diurética, expectorante e melhoram a circulação sanguínea.

m) Taninos: são compostos polifenólicos acompanhados de outros componentes aromáticos. São solúveis em água ou álcool e insolúveis em solventes orgânicos. Precipitam proteínas, o que explica sua propriedade adstringente, uma vez que agem nas proteínas das células superficiais das mucosas. Plantas com taninos são frequentemente utilizadas para amenizar diarreias, devido à formação de camada protetora com as proteínas precipitadas. Também atuam como agentes antimicrobiano, antiviral, hipoglicemiante e antiespasmódico. São encontrados em raízes, caules, folhas e frutos de várias plantas, tais como espinheira-santa e pitangueira.

n) Terpenos: são substâncias formadas por unidades de isopreno (cinco átomos de carbono). Conforme o número destas unidades, são classificados em monoterpenos (10), sesquiterpenos (15), diterpenos (20), triterpenos (30), tetraterpenos (40) e poliprenos (n átomos de carbono). Os monoterpenos e sesquiterpenos são comumente encontrados em óleos essenciais; os triterpenos, ligados a açúcares, formam as saponinas triterpênicas; os tetraterpenos formam os carotenos, precursores da vitamina A; os poliprenos ocorrem no látex de plantas e servem na fabricação de borrachas.

Referências: (BARBIERI, 2017; CASTRO et al., 2004; HECK; RIBEIRO; MARTINS et al., 1998; SIMÕES, 2003; SIMÕES et al., 1986).

Plantas medicinais nativas no Rio Grande do Sul

Este capítulo apresenta as plantas medicinais nativas mais utilizadas no Rio Grande do Sul, de acordo com ordem de uso, nome popular, nome científico e sua monografia resultante de compilações segundo referências para cada espécie. São apresentadas fotografias das plantas, utilizando-se a seguinte convenção de letras para duas figuras de um mesmo número: (a) situadas à esquerda e (b) situadas à direita.

1º) Marcela

Nome científico: *Achyrocline satureioides* (Lam.) DC.

Família: Asteraceae (Compositae)

Sinônimos populares: marcela, macela.

Descrição: planta herbácea aromática, anual ou bianual, ramificada, de 0,4m até 1,5m de comprimento. Caule prostrado, estriado, com ramos longos e quebradiços. Folhas simples, inteiras, alternas, lanceoladas e alongadas, de consistência macia, com revestimento alvo tomentoso na face inferior (Figura 1). Flores reunidas em inflorescências amarelas axilares e terminais do tipo capítulos. Fruto do tipo cip-sela (aquênio) estreita, de cor parda.

Distribuição: nativa de campos e áreas abertas ensolaradas do Brasil, ela ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e no nordeste (Bahia). Fora do país, é encontrada no Uruguai, na Argentina e no Paraguai.

Partes utilizadas: flores e ramos.

Formas de uso: infusão e compressa.

Indicação e utilização: muito utilizada para tratar problemas digestivos, tais como má digestão, vômitos, flatulências, diarreias, cólicas abdominais, colecistite e azia; pressão alta; colesterol; diabetes; afta; estomatite; feridas; problemas na bexiga; dor de cabeça; febre; gripe; sinusite; bronquite; tosse e tuberculose. Possui atividade expectorante, laxante, calmante do sistema nervoso e anti-inflamatória. A Anvisa recomenda a infusão das partes aéreas. Para uso interno, aconselha-se utilizar o infuso de 10g de flores secas ou duas colheres de sopa em 1L de água fervente – tomar de 3 a 4 xícaras ao dia, preferencialmente após as refeições, como digestivo. Para uso externo, aconselha-se usar o infuso de 30g de flores e ramos secos em 1L de água fervente – aplicar sob forma de compressa, de 3 a 4 vezes ao dia.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: flavonoides (quercetina, luteolina, galangina, isognafanalina), óleo essencial, saponinas triterpênicas. Extratos das flores apresentaram atividades antibacteriana, antiespasmódica, anti-inflamatória, analgésica, sedativa e antiviral contra vírus de herpes simples tipo 1.

As folhas e os caules também demonstraram atividade antiespasmódica.

Contraindicações: não há referências na bibliografia consultada. Efeitos adversos e precauções: descontinuar o uso caso ocorram reações de hipersensibilidade.

Curiosidades: a marcela é considerada a planta medicinal símbolo do Rio Grande do Sul. Segundo a tradição, durante a semana santa, especialmente na sexta-feira ao clarear do dia, faz-se a colheita da marcela. Suas inflorescências secas são utilizadas para o preenchimento de almofadas e travesseiros aromáticos, com finalidades terapêuticas.

Figura 1 – Marcela: aspecto geral das plantas em área aberta ensolarada (a); ramos com inflorescências amarelas terminais (b)



Referências: (BATTISTI et al., 2013; BRASIL, 2010; CASTRO; CHEMALE, 1995; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; HEIDEN; SCHNEIDER, 2015a; LOPES, 1997; LORENZI; MATOS, 2008; RIO GRANDE DO SUL, 2017; SIMÕES et al., 1986; TESKE; TRENTINI, 1995).

2º) Espinheira-santa

Nome científico: *Maytenus ilicifolia* Mart. ex Reissek

Família: Celastraceae

Sinônimos populares: espinheira-santa, cancorosa, cancosa.

Descrição: arbusto perene de 1,5m a 2m ou árvore de pequeno porte, até 5m de altura. Caule verde-acinzentado, lenhoso, ereto, ramificado, que forma touceiras com os perfilhos oriundos das raízes. Ramos inermes com a extremidade clara e angulosa. Folhas simples, alternas, coriáceas, lanceoladas, oblongas ou elípticas, glabras, brilhantes e com três ou mais pares de dentes espinhosos nas margens (Figura 2). Flores pequenas amarelo-esverdeadas, agrupadas em inflorescências do tipo fascículo, nas axilas das folhas. Fruto seco do tipo cápsula, ovoide, vermelho quando maduro, contendo de uma a duas sementes pretas cobertas por arilo branco.

Distribuição: nativa de regiões de altitude do Brasil (Mato Grosso do Sul e do São Paulo ao Rio Grande do Sul). Fora do país, é encontrada na Argentina, no Uruguai, no Paraguai e na Bolívia.

Partes utilizadas: folhas.

Formas de uso: infusão, decocção, pó e emplastro.

Indicação e utilização: muito utilizada para cicatrizar úlceras gástricas ou duodenais, gastrite crônica e feridas externas; normalizar as funções gastrointestinais e renais; purificar o sangue, baixar colesterol; proteger a hiperacidez; auxiliar nas gastralgias, dispepsias e intestinos atônicos constipados; combater cólicas e ressaca alcoólica. Possui ação analgésica, antisséptica, antiasmática, anticonceptiva, antimicrobiana, antitumoral, antipirética e diurética.

Pelos índios brasileiros, é utilizada como remédio antitumoral; no Paraguai, a população rural a empregava como contraceptivo; e, na Argentina, era usada como antiasmática e antisséptica. A Anvisa recomenda o uso das folhas em distúrbios de digestão, azia, gastrite e como coadjuvante no tratamento episódico de prevenção de úlcera pelo uso de anti-inflamatórios não esteroidais.

Para uso interno, aconselha-se usar 20g de folhas secas para 1L de água fervente, de 3 a 4 xícaras ao dia, antes das principais refeições. Para uso externo, na medicina tradicional, aconselha-se o emplastro com o pó e o decocto das folhas aplicado, localmente, no tratamento de feridas de pele.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: terpenos (maitensina, maitomprina, maitombutina, maitolidina), taninos, flavonoides, pigmentos antociânicos, mucilagens, açúcares livres.

O extrato das folhas possui potente atividade antiulcerogênica, que se deve, provavelmente, aos taninos presentes, causando um aumento do volume e do pH do conteúdo gástrico. Pela ação antisséptica, paralisa, rapidamente, as fermentações gastrointestinais. Extratos de raízes demonstraram atividades antimicrobiana e antitumoral, atribuídas aos compostos maitensina, pristimerina e triterpenos quinoides. De raízes, caules e folhas isolaram-se pequenas quantidades de compostos maitansinoides com atividade antitumoral e citotóxica.

Contraindicações: não deve ser administrado a crianças menores de seis anos e gestantes. Em mulheres que amamentam, pode haver redução da secreção láctea.

Efeitos adversos e precauções: podem ocorrer raros casos de hipersensibilidade. Nestes casos, recomenda-se descontinuar o uso e buscar orientação médica.

Curiosidades: esta planta faz parte da Relação Nacional de Plantas de Interesse do SUS (Rennisus). Espécie frutífera para avifauna, também cultivada como ornamental.

Não deve ser confundida com o cincho, *Sorocea bonplandii* (Baill.) W.C. Burger, Lanj. & Wess. Boer, espécie tóxica, latescente, de folhas maiores e com mais espinhos nos bordos, sendo denominada de cancorosa-da-folha-grande.

Figura 2 – Espinheira-santa: vista geral da touceira (a); ramo com filotaxia alternada e folhas com bordos aculeados (b)



Referências: (ALICE et al., 1995; BACKES; IRGANG, 2002; BATTISTI et al., 2013; BRASIL, 2009; BRASIL, 2010; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; LOPES, 1997; LORENZI; MATOS, 2008; RIO GRANDE DO SUL, 2017; SIMÕES et al., 1986; TESKE; TRENTINI, 1995).

3º) Carqueja

Nome científico: *Baccharis crispa* Spreng. (= *Baccharis trimera* (Less.) DC.)

Família: Asteraceae (Compositae)

Sinônimos populares: carqueja, carqueja amarga.

Descrição: subarbusto ereto, dioico, ramificado na base, áfilo ou com folhas muito reduzidas, de caules e ramos verdes com expansões trialadas, de 0,5m até um pouco mais de 1,0m. Alas dos ramos verdes, glabras, membranosas, com 0,5cm a 1,5 cm de largura; alas dos ramos floríferos mais estreitas que as demais. Flores branco-amareladas, aromáticas, dispostas em inflorescências do tipo capítulo, sendo esses numerosos, sésseis, dispostos ao longo dos ramos superiores, formando espigas interrompidas (Figura 3). Fruto do tipo cipse-la (aquênio) com dez estrias longitudinais.

Distribuição: nativa dos campos e beiras de matas do Brasil, ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), no centro-oeste (Distrito Federal, Goiás e Mato Grosso do Sul) e no nordeste (Bahia, Ceará e Pernambuco). Em países como Uruguai, Argentina, Paraguai e Bolívia também há ocorrência da planta.

Partes utilizadas: partes aéreas.

Formas de uso: infusão e decocção.

Indicação e utilização: muito utilizada para amenizar distúrbios digestivos e hepáticos (gastrite, azia e má digestão); cálculos biliares;

prisão de ventre; gripes e resfriados. Possui atividade antirreumática, anti-helmíntica, antidiabética, antidiarreica e cicatrizante de feridas. A Anvisa recomenda o uso das partes aéreas para problemas de digestão. Para uso interno, aconselha-se usar 2,5g da planta seca para 150mL de água fervente – tomar de 2 a 3 xícaras ao dia, 30min antes das refeições. Para uso externo, aconselha-se utilizar no tratamento de feridas e ulcerações.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: lactonas diterpênicas, esteroides, triterpenos, flavonoides (quercetina, luteolina, nepetina, apigenina, rutina, hispidulina, eupatorina, cirsimarina, cirsiol, apigeina, genkwanina e eriodictiol), resinas, saponinas, vitaminas, polifenóis, taninos, cumarinas, óleo essencial (acetato de carquejol, carquejol, α e β -cardineno, palustrol, α e β -pineno, trans- α -ocimeno e espatulenol, calameno, eledol, eudesmol).

Extratos aquosos mostraram ação hipoglicemiante em pessoas com glicemia normal. As lactonas diterpênicas demonstraram atividades biológicas como: ação contra a esquistossomose, provocada pelo verme *Schistosoma mansoni*, que penetra através da pele do homem em rios ou banhados contaminados; ação letal contra o hospedeiro intermediário do *S. mansoni*, que é o molusco *Biomphalaria glabrata*. Também foi constatada a inibição do crescimento do protozoário causador da doença de Chagas, o *Trypanosoma cruzi*. Além disso, extratos aquosos também foram eficientes na redução de 90% de lesão ulcerativa, demonstrando atividade anti-inflamatória e citoprotetora. O decocto demonstrou atividade antimicrobiana contra bactérias Gram-positivas e Gram-negativas *in vitro*. Extratos etanólicos foram eficazes sobre *Escherichia coli*, *Klebsiella pneumoniae*, *Pseudomonas aeruginosa*, *Salmonella typhimurium*, *Streptococcus pyogenes*, *Enterococcus faecalis*, *Staphylococcus aureus*, *Proteus mirabilis*, *Bacillus subtilis* e *Helicobacter pylori*.

Contraindicações: grávidas não devem se utilizar da planta, pois ela pode promover contrações uterinas. Deve-se evitar o uso concomitante com medicamentos para hipertensão e diabetes, pois pode causar hipotensão.

Efeitos adversos e precauções: em caso de hipersensibilidade, recomenda-se descontinuar o uso.

Curiosidades: esta planta faz parte da Relação Nacional de Plantas de Interesse do SUS (Rennisus). A carqueja é amplamente utilizada na medicina caseira, hábito herdado dos nossos indígenas. O primeiro registro, escrito em 1931 no Brasil, informa o emprego da infusão das partes aéreas para o tratamento da esterilidade feminina e da impotência masculina, atribuindo propriedades tônicas, febrífugas e estomáquicas.

Figura 3 – Carqueja: ramos triplados com dois tipos de inflorescências em plantas separadas



Referências: (ALICE et al., 1995; BRASIL, 2009; BRASIL, 2010; FACHINETTO; TEDESCO, 2009; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; LOPES, 1997; LORENZI; MATOS, 2008; PANIZZA, 1997; RIO GRANDE DO SUL, 2017; SIMÕES et al., 1986; TASCHETTO, 2010; TESKE; TRENTINI, 1995).

4º) Pata-de-vaca

Nome científico: *Bauhinia forficata* Link

Família: Fabaceae (Leguminosae)

Sinônimos populares: pata-de-vaca, pata-de-boi.

Descrição: arbusto ou árvore de até 6m de altura, ramos flexuosos, arqueados e aculeados. Folhas alternadas com 2 folíolos unidos pela base (bifoliadas), ovadas, cartáceas a coriáceas, apresentando 9, 11 ou 13 nervuras principais e um corte no centro, em sentido vertical, até o meio, conferindo aspecto de uma pata de vaca. Pecíolo com acúleos. Flores brancas com pétalas desiguais filiformes, reunidas em racemos axilares. Fruto do tipo legume de deiscência elástica, contendo várias sementes (Figura 4).

Distribuição: nativa nas bordas de matas do sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) e do sudeste (São Paulo) brasileiro. Há ocorrência, também, no Paraguai, na Argentina e no Uruguai.

Partes utilizadas: folhas e cascas de ramos.

Formas de uso: decocção.

Indicação e utilização: possui ação diurética; hipoglicemiante, em pacientes diabéticos; e hipocolesterolemiantes. Indicada no tratamento de cálculos renais, cistites, diarreias, má circulação do sangue, parasitoses intestinais e elefantíase.

Para uso interno, aconselha-se utilizar 1 colher de sobremesa de folhas picadas para 150mL de água, fervendo-se por três minutos — tomar 1 xícara 3 vezes ao dia, sendo uma em jejum e as demais antes

das principais refeições. Para diarreias, recomenda-se o chá feito com 1 colher de sobremesa para um copo de 200mL das cascas e dos ramos picados, fervido durante 5 minutos e ingerido após cada evacuação.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: esteróis, flavonoides (rutina e quercetina), pinitol, taninos, alcaloides, cumarinas, ácidos orgânicos.

Estudos com extrato aquoso comprovaram o efeito hipoglicemiante em ratos diabéticos, tanto em via oral (12 mg/kg) como em via intravenosa (5 mg/kg), mostrando a boa absorção do extrato. Em ratos saudáveis, não se observou queda da taxa de glicose, provando que não possui efeito hipoglicemiante por si só. Os flavonoides da pata-de-vaca são os responsáveis pela ação sobre a permeabilidade capilar.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: esta planta faz parte da Relação Nacional de Plantas de Interesse do SUS (Rennisus). É plantada, na arborização urbana, como ornamental. No sul do nosso país, ocorre uma espécie semelhante (*Bauhinia candicans* Benth.), que é considerada sinônimo de *B. forficata*, por alguns autores, tendo as mesmas propriedades.

Figura 4 – Pata-de-vaca: vista geral da planta arbustiva (a); ramos com folhas bifoliadas, flores brancas e legumes (b)



Referências: (ALICE et al., 1995; BATTISTI et al., 2013; BRASIL, 2009; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; LOPES, 1997; LORENZI; MATOS, 2008; PANIZZA, 1997; RIO GRANDE DO SUL, 2017; TESKE; TRENTINI, 1995).

5º) Pitangueira

Nome científico: *Eugenia uniflora* L

Família: Myrtaceae

Sinônimos populares: pitangueira, pitanga.

Descrição: arbusto ou árvore de 2m a 5m de altura no campo, podendo atingir até 15m na mata. Tronco tortuoso, de casca lisa, fina e esbranquiçada, com densa ramificação, formando ramagem pendente. Folhas aromáticas, simples, inteiras, opostas, glabras, brilhantes, de forma oval-alongadas, membranosas, frequentemente avermelhadas quando jovens e cartáceas quando adultas, caindo antes do aparecimento das flores (Figura 5). Flores brancas, solitárias ou em grupos de 2 a 6 nas axilas e extremidades dos ramos, com estames vistosos e pétalas delicadas que caem facilmente com o vento. Fruto carnoso do tipo baga com o cálice persistente, vermelho-alaranjado a vermelho muito escuro, sulcado longitudinalmente com, geralmente, 8 costelas ou gomos e pedúnculo longo, com uma ou duas sementes branco-cremosas.

Distribuição: nativa de bosques, beira de arroios ou rios e cercado banhados. No Brasil, ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), no centro-oeste (Mato Grosso do Sul) e no nordeste (Bahia). No Uruguai e na Argentina também há ocorrência.

Partes utilizadas: folhas.

Formas de uso: infusão e decocção.

Indicação e utilização: possui ação antidiarreica, adstringente, digestiva, diurética, antifebril, antiespasmódica, antirreumática, estimulante, fortificante, sudorífera. Utilizada para tratar cólica de menstruação, dores de estômago, diarreia, colesterol e diabetes.

A Anvisa recomenda o uso das folhas para diarreia não infecciosa. Para uso interno, aconselha-se usar 3g (1 colher de sopa) para 150mL (1 xícara de chá) de água fervente. Para diarreia não infecciosa, utilizar um cálice (30mL), após a evacuação, no máximo, 10 vezes ao dia. Para uso externo, o chá pode ser utilizado para lavar ferimentos.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: óleo essencial (cineol, geraniol, citronelol e sesquiterpenos), taninos, flavonoides, antocianinas, saponinas, sais minerais, vitamina C.

Estudos farmacológicos feitos com o extrato das folhas picadas permitiram evidenciar as propriedades: atividade inibitória da enzima xantina oxidase, que catalisa a produção de ácido úrico, e atividade antibacteriana contra algumas bactérias patogênicas.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: esta planta faz parte da Relação Nacional de Plantas de Interesse do SUS (Rennisus). É amplamente cultivada, em pomares domésticos de todo o Brasil, para produção dos saborosos frutos.

Utilizada na fabricação de bebidas, doces, geleias e como aromatizante. Seus frutos servem de alimento para pássaros, peixes e mamí-

feros. Espécie indicada para enriquecimento de áreas degradadas em margens de fontes, rios e reservatórios. As raízes têm a propriedade de rebrotar sob a árvore, produzindo verdadeiras touceiras.

Figura 5 – Pitangueira: aspecto geral da planta arbustiva com folhas jovens, avermelhadas no ápice (a); ramo com folhas opostas, verde brilhantes e frutos em diferentes estágios de desenvolvimento (b)



Referências: (ALICE et al., 1995; BACKES; IRGANG, 2002; BATTISTI et al., 2013; BRASIL, 2009; BRASIL, 2010; CASTRO; CHEMALE, 1995; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; LORENZI; MATOS, 2008; PANIZZA, 1997; RIO GRANDE DO SUL, 2017; SIMÕES et al., 1986; SOBRAL et al., 2015a).

6º) Erva-de-bugre

Nome científico: *Casearia sylvestris* Swartz

Família: Salicaceae (Flacourtiaceae)

Sinônimos populares: erva-de-bugre, chá-de-bugre, carvalhinho, guaçatonga, cafezeiro-do-mato, erva-de-lagarto.

Descrição: árvore perenifólia de 4m a 6m de altura em ambientes abertos, maior quando no interior da mata (até 20m). Tronco reto, ramificado, de casca escura e rugosa, dotada de copa densa e arredondada (Figura 6). Folhas simples, persistentes, assimétricas na base, alternas dísticas, glabras, ovado-oblongas a elípticas, membranosas a subcoriáceas, com glândulas oleíferas. Flores pequenas, amarelo-esverdeadas, aromáticas, reunidas em inflorescências fasciculadas e axilares, sésseis, abundantes em todos os ramos. Fruto do tipo cápsula, abrindo-se em três valvas, com sementes envoltas por uma massa avermelhada.

Distribuição: nativa de matas e capões do Brasil, ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), no centro-oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do sul e Mato Grosso), no norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins) e no

nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe). Fora do Brasil, é encontrada desde o México e as Antilhas até o Uruguai e a Argentina.

Partes utilizadas: folhas.

Formas de uso: infusão e decocção.

Indicação e utilização: possui ação antidiarreica, antimicrobiana, antipirética (antifebril), anti-inflamatória, antirreumática, antisséptica, antitumoral, cicatrizante, depurativa, diurética. Usada para tratar distúrbios digestivos (gastrites e úlceras) e da orofaringe (aftas, herpes, mau hálito); feridas; eczemas; pruridos; distúrbios da pele; picadas de insetos e picadas de cobra.

A Anvisa recomenda o emprego das folhas, em uso interno, para dispepsia, gastrite ou halitose e, em uso tópico, como cicatrizante e antisséptico, para dor ou lesões. Para isso, aconselha-se utilizar 2g (1 colher de sobremesa) em 150mL de água fervente (1 xícara de chá) – tomar 1 xícara, de 3 a 4 vezes ao dia, 10min antes das refeições.

Para uso externo, colocar 9g (3 colheres de sopa) de folhas secas em 500 mL de água e ferver por 10 minutos – coar e aplicar nas partes afetadas com uma porção de algodão, de 2 a 3 vezes ao dia.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: óleo essencial (terpenos), saponinas, ácidos graxos, taninos, antocianinas, resinas e flavonoides.

Pesquisas constataram que o processo de cicatrização interna e externa evolui bem no tratamento com *C. sylvestris*, devido ao óleo essencial e sua ação cicatrizante, antisséptica, antimicrobiana e fungicida. Reduz o volume de ácido clorídrico e acidez, auxiliando na atividade antiulcerogênica. Os taninos formam revestimentos protetores nas mucosas e na pele, dificultando infecções. Estudos com ratos, utilizando o extrato da sua casca, mostraram atividade anti-inflamatória, conferindo proteção contra o veneno da cobra jararaca (*Bothrops jararaca*). Estudos com diterpenos isolados demonstraram ação inibitória sobre tumores.

Contraindicações: não utilizar durante a gravidez e a lactação.

Efeitos adversos e precauções: devido à ação antagonista da vitamina K, evitar a utilização prolongada (mais de 100 dias), pois podem ocorrer hemorragias. Possui, também, atividade sobre a musculatura lisa uterina e possível ação abortiva.

Curiosidades: esta planta faz parte da Relação Nacional de Plantas de Interesse do SUS (Rennisus). Na América do Sul, o carvalhinho entra na composição de produtos dentários e antissépticos. O poder cicatrizante da planta é tão forte que, na crença popular, o lagarto só enfrenta a cobra se houver um pé de carvalhinho por perto. Se o lagarto sair ferido, basta que ele coma algumas folhas da planta.

Figura 6 – Erva-de-bugre: aspecto geral da pequena árvore ramificada (a); ramo com folhas alternas e assimétricas na base (b)



Referências: (BRASIL, 2010; ALICE et al., 1995; BACKES; IRGANG, 2002; BRASIL, 2009; BRASIL, 2010; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; LOPES, 1997; LORENZI; MATOS, 2008; MARQUETE; TORRES; MEDEIROS, 2015; PANIZZA, 1997; RIO GRANDE DO SUL, 2017; SIMÕES et al., 1986; TESKE; TRENTINI, 1995).

7º) Açoita-cavalo

Nome científico: *Luehea divaricata* Martius ex Zucc

Família: Malvaceae (Tiliaceae)

Sinônimos populares: açoita-cavalo, soita-cavalo.

Descrição: árvore caducifólia de até 25m de altura, tronco tortuoso e copa globosa. Folhas simples, alternas dísticas, oval a oblongo-lanceoladas, nervação palminérvea com três nervuras principais, discolores, verde-escuras na face superior e brancas na inferior. Flores vistosas, rosadas a amareladas, reunidas em inflorescências cimosas axilares ou paniculadas terminais. Fruto do tipo cápsula lenhosa, escura, coberta de pelos dourados, deiscente, com sementes aladas (Figura 7).

Distribuição: ocorre, no Brasil, nas regiões sul (Rio Grande do Sul e Santa Catarina), sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), centro-oeste (Distrito Federal e Goiás) e nordeste (Bahia). Em outros países como Argentina, Paraguai e Uruguai também é possível encontrá-la. Constitui-se como espécie emergente nas florestas ribeirinhas.

Partes utilizadas: cascas, folhas e flores.

Formas de uso: decocção.

Indicação e utilização: possui princípios antidiarreicos, adstringentes, antimicrobianos, antifúngicos, anti-inflamatórios e antipiréticos. Pode ser utilizada para aliviar dores estomacais; em afecções gastrointestinais, hepáticas e respiratórias; para a melhoria de doenças como a laringite e a bronquite, bem como a tosse. Pode ser considerada antiartrítica, antileucorreica e antiespasmódica, sendo empregada, também, como tônico amargo.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: triterpenos

(3 β -p-hidroxibenzoil tormêntico, ácido maslínico), esteroides flavonoides (vitexina, epicatequina, flavan-3-ol), resinas, mucilagens, taninos. Estudos com extrato bruto metanólico das cascas dos caules de *L. divaricata* foram moderadamente ativos contra *Staphylococcus aureus*. O extrato bruto das folhas apresentou efeito citostático sem seletividade na concentração de 250 $\mu\text{g/mL}$, inibindo em, aproximadamente, 85% o crescimento celular das linhagens de células tumorais. O extrato cru das cascas reduziu inflamação, em ensaios de edema de pata com ratos, e estimulou a atividade de macrófagos.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: espécie adequada à arborização urbana, possui flores melíferas muito visitadas por insetos e beija-flores. Recomendada para controle de voçorocas, replantio e enriquecimento de florestas ribeirinhas, em rios, lagos ou reservatórios.

Figura 7 – Açoita-cavalo: vista geral da árvore com ramos floríferos e frutíferos (a); detalhe dos frutos em cápsulas e ramo com flores vistosas e folhas discolores (b)



Referências: (AKIO TANAKA et al., 2005; ALICE et al., 1995; BACKES; IRGANG, 2002; DA ROSA et al., 2014; ESTEVES, 2015a; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; RIO GRANDE DO SUL, 2017).

8º) Quebra-pedra

Nome científico: *Phyllanthus niruri* L.

Família: Phyllanthaceae (Euphorbiaceae)

Sinônimos populares: quebra-pedra, erva-pombinha, quebra-pedra-ereto.

Descrição: erva ereta, anual, ramificada horizontalmente, de pequeno porte (30cm a 50cm de altura), de caule frágil de consistência mole. Folhas simples, membranáceas, alternas dísticas, oblongas de pecíolo curto, dispostas nos ramos parecendo uma folha composta (Figura 8). Flores unissexuais, pequenas, esverdeadas, inseridas nas

axilas das folhas, as masculinas na parte de cima do ramo, e as femininas voltadas para baixo. Fruto do tipo cápsula tricoca com sementes em número de seis.

Descrição: ocorre em quase toda a América, distribuindo-se do Texas, nos Estados Unidos, até a Argentina e o Brasil, onde ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), no centro-oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), no norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins) e no nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe).

Partes utilizadas: partes aéreas e raízes.

Formas de uso: infusão e decocção.

Indicação e utilização: possui ação diurética, antibacteriana, hipoglicemiante, antiespasmódica, eupéptica, hepatoprotetora, colagoga, litolítica. Auxilia na eliminação de cálculos renais pequenos e ácido úrico; age contra diabetes, hepatite do tipo B, moléstias tanto da bexiga quanto dos rins e retenção urinária. A Anvisa recomenda a infusão das partes aéreas para litíase renal, por auxiliar na eliminação de cálculos renais pequenos. Para uso interno, aconselha-se preparar o chá por fervura durante 10min, utilizando de 30g a 40g, da planta fresca, ou de 10g a 20g, da planta seca, para 1L de água; o decocto pode ser conservado na geladeira por 1 dia – Tomar 1 xícara (150 mL), 3 vezes ao dia.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: flavonoides (quercitrina, quercitina, rutina, astragalina), triterpenoides, lignanas (filantina, hipofilantina); alcaloides (filocrisina, filalvina e um alcaloide pirrolizidínico); esteroides (estradiol); taninos; ácido salicílico; ácido linoleico (ômega 6); ácido linolênico (ômega 3); ácido ricinolênico (ômega 9); vitamina C.

Estudos com extratos aquosos mostraram ação hipoglicemiante, antibacteriana e anticancerígena. A atividade diurética se deve pela elevação da filtração glomerular e pela excreção do ácido úrico.

Promove um relaxamento dos ureteres e, junto com a atividade analgésica, facilita a descida dos cálculos, geralmente sem dor nem sangramento. Em ensaios especiais, mostrou atividade contra o vírus da hepatite B.

Contraindicações: é contraindicado na eliminação de cálculos grandes e durante a gravidez.

Efeitos adversos e precauções: por causa da potencial ação tóxica do alcaloide pirrolizidínico, não se deve ultrapassar as doses recomendadas. Embora tenha sido identificada, nesta planta, determinada atividade hepatoprotetora, é conveniente interromper o uso do chá por 1 semana após cada período de 3. Dosagens altas, acima do recomendado, podem causar aumento exagerado da diurese e

diarreias, além de hipotensão (queda na pressão).

Curiosidades: esta planta faz parte da Relação Nacional de Plantas de Interesse do SUS (Rennisus), junto às espécies *Phyllanthus amarus* e *Phyllanthus tenellus*, indicando a necessidade de mais estudos para segurança no uso. *Phyllanthus* cresce em todo tipo de solo, sendo comum sua ocorrência em fendas de calçadas, terrenos baldios, viveiros, quintais, jardins, hortas e pomares em todos os estados brasileiros.

Figura 8 – Quebra-pedra: vista geral das ervas crescidas espontaneamente (a); planta com ramos de folhas simples, assemelhando-se a folhas compostas (b)



Referências: (BRASIL, 2009; BRASIL, 2010; DOMINGUES et al., 2015; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; LOPES, 1997; LORENZI; MATOS, 2008; SECCO et al., 2015; RIO GRANDE DO SUL, 2017; SIMÕES et al., 1986; TESKE; TRENTINI, 1995).

9º) Poejo

Nome científico: *Cunila microcephala* Benth.

Família: Lamiaceae (Labiatae)

Sinônimos populares: poejo, poejo-miúdo.

Descrição: erva rasteira, ramificada desde a base, elevando-se até 30cm do chão, com ramos quadrangulares, tenros e aromáticos. Caule fino, prostrado, enraizado em vários pontos, em contato com o solo (Figura 9). Folhas simples, inteiras, opostas-cruzadas, oblongas, curto-pecioladas, faces concolores, verde-claras e com pelos glandulares de essências. Flores brancas, com manchas lilases nas pétalas inferiores, reunidas em inflorescências glomerulares. Fruto dividido em aquênios, ovoides, trígonos e de cor escura.

Distribuição: ocorre nos campos, em ambientes mais úmidos, no sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no Uruguai e na Argentina.

Partes utilizadas: partes aéreas.

Formas de uso: infusão.

Indicação e utilização: possui ação estimulante, digestiva, antifebril, emenagoga, expectorante, antiespasmódica. Utilizado no tratamento de tosse crônicas, gripes, resfriados, problemas do peito e do estômago, bem como no alívio de cólicas de crianças.

Para uso interno, usar 2g (1 colher de sobremesa) das partes aéreas em 150mL de água fervente – tomar 1 xícara de chá de 2 a 3 vezes ao dia, após as refeições.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: óleo essencial de composição química diversificada, contendo: mentofurano, limoneno, β -cariofileno, α -pineno, canfeno, β -pineno, sabineno, β -mirceno, 1-8-cineol, β -ocimeno, γ -terpineno, linalol, pulegona, α -terpineol e germacreno D, flavonoides, taninos, cumarinas.

Não foram encontradas referências farmacológicas na literatura consultada.

Contraindicações: não deve ser utilizada na gravidez.

Efeitos adversos e precauções: devido à presença de mentofurano e pulegona, deve ser empregado com cautela, pois esses constituintes mostraram ação hepatotóxica e abortiva.

Curiosidades: existe outra espécie de poejo, que é empregado para as mesmas finalidades de *C. microcephala*. Trata-se de *Mentha pulegium* L., de origem europeia e asiática, cujas folhas são muito pilosas, elípticas, com flores lilases dispostas em densos glomérulos axilares. Esta última espécie faz parte da Relação Nacional de Plantas de Interesse do SUS (Rennisus) e é recomendada pela Anvisa para afecções respiratórias, como expectorante; em problemas digestivos; espasmos gastrointestinais; como estimulante do apetite; para cálculos biliares e colecistite.

Figura 9 – Poejo: erva rasteira, cultivada em canteiro (a); ramos elevados, com vários pontos de enraizamento na base, e folhas opostas na inserção dos nós caulinares (b)



Referências: (BATTISTI et al., 2013; BORDIGNON; SCHENKEL; SPITZER, 1997; CASTRO; CHEMALE, 1995; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; HORN et al., 2016; LOPES, 1997; PASTORE; SANTOS, 2015; RIO GRANDE DO SUL, 2017; SIMÕES et al., 1986).

10º) Mastruço

Nome científico: *Coronopus didymus* (L.) Smith

Família: Brassicaceae (Cruciferae)

Sinônimos populares: mastruço, mentruz, menstruz.

Descrição: erva prostrada de caule ramificado, de 20cm a 35cm de comprimento, com forte aroma de agrião. Folhas inteiramente divididas, formando segmentos. Flores pequenas, esbranquiçadas, dispostas em inflorescências racemosas axilares. Fruto pequeno com duas sementes.

Distribuição: nativa do Brasil — ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e no nordeste (Bahia).

Partes utilizadas: partes aéreas

Formas de uso: infusão, xarope e cataplasma.

Indicação e utilização: possui ação depurativa; diurética; digestiva; estimulante das funções hepáticas; expectorante; antiescorbútica. É comumente utilizada contra tosses, bronquites, escrofulose, afecções gástricas e das vias urinárias; para amenizar a anemia, o diabetes e algumas afecções pulmonares; contra dores musculares, reumatismo, contusões, machucaduras, hematomas, traumatismos, feridas e úlceras externas.

Para uso interno, usar 3g (uma colher de sopa) das partes aéreas em 150mL de água fervente — tomar 1 xícara, 2 vezes ao dia, antes das principais refeições. Na forma de xarope, adiciona-se água fervente a 1 xícara de café (50mL) contendo 1 colher de sopa (3g) da planta e 2 xícaras de café de açúcar, levando-se ao fogo até dissolver o açúcar e administrando-se 1 colher de sopa, 3 vezes ao dia.

Para uso externo, na forma de cataplasma, deve-se amassar, em um recipiente, 3 colheres de sopa da planta fresca em um pouco de água até formar uma pasta, aplicando-a, em gaze, sobre a área afetada por 2h.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: óleo essencial (substâncias sulfuradas), sais minerais, vitamina C, carotenoides (betacaroteno, violaxantina, luteína).

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: as folhas e os ramos jovens de *C. didymus*, de aroma forte e sabor picante, são consumidas cruas, em saladas, ou cozidas, em refogados, bolinhos e risotos. Quando ingeridas por vacas em

lactação, transmitem seu gosto ao leite. A planta possui crescimento espontâneo e vigoroso em hortas, pastagens e lavouras de inverno.

Referências: (BATTISTI et al., 2013; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; KINUPP; LORENZI, 2014; LOPES, 1997; LORENZI; MATOS, 2008; PANIZZA, 1997; RIO GRANDE DO SUL, 2017; SOUZA, 2015).

11º) Alfavaca

Nome científico: *Ocimum carnosum* (Spreng.) Link & Otto ex Benth. (=Benth.)

Família: Lamiaceae (Labiatae)

Sinônimos populares: alfavaca, anis, alfavaca-cheiro-de-anis, erva-das-mulheres, atroveran.

Descrição: subarbusto aromático, ereto, ramificado, de 40cm a 80cm de altura. Folhas simples, inteiras, opostas, ovaladas, membranáceas, com aroma semelhante ao da essência de anis (Figura 10). Flores pequenas, lilases, aglomeradas em racemos apicais. Do fruto-semente de 4 aquênios resultam sementes pequenas e escuras.

Distribuição: originária do sul do Brasil, também é encontrada na Argentina, no Uruguai, no Paraguai, na Bolívia e no México.

Partes utilizadas: folhas e ramos floridos.

Formas de uso: infusão e xarope.

Indicação e utilização: possui ação antimicrobiana, antidiarreica, antiespasmódica, anti-inflamatória e digestiva. É comumente utilizada em problemas estomacais, hepáticos e biliares; para eliminar gases intestinais; contra dor de cabeça, cólica menstrual, prisão de ventre, gastrite, vômitos, febres, tosses, bronquites, gripes e resfriados.

Para uso interno, usar 2g (1 colher de sobremesa) da planta em 150mL (1 xícara de chá) de água fervente – tomar 1 xícara, de 2 a 3 vezes ao dia, sendo uma de manhã e as demais antes das principais refeições. O xarope pode ser preparado com o infuso mais concentrado (1 colher de sopa da planta), adicionando-se 2 xícaras de chá de açúcar e levando-se ao fogo brando até dissolvê-lo – tomar 1 colher de sopa, de 2 a 3 vezes ao dia (para crianças, administrar a metade da dose).

Constituintes químicos e dados farmacológicos: óleo essencial (α-netol, metilchavicol, metileugenol, eugenol, linalol, cariofileno), taninos, saponinas, pigmentos.

Estudos comprovam a atividade antimicrobiana do óleo, extraído das partes aéreas de *O. selloi*, contra *Staphylococcus aureus*, que se deve, principalmente, ao eugenol.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: prefere solos férteis com boa drenagem, mas não

encharcados, à meia-sombra. Não tolera frio e é sensível ao vento. Cultivada, em jardins e hortas, como planta condimentar e medicinal. Plantas do gênero *Ocimum* são amplamente empregadas na indústria farmacêutica, cosmética, de alimentos e, atualmente, como inseticidas, devido aos componentes extraídos do óleo essencial.

Figura 10 – Alfavaca: vista geral do subarbusto em canteiro (a); ramo com folhas opostas e flores lilases em racemos apicais (b)



Referências: (GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; LOPES, 1997; LORENZI; MATOS, 2008; MORAES et al., 2002; NASCIMENTO et al., 2011; PANIZZA, 1997; RIO GRANDE DO SUL, 2017).

12º) Tansagem

Nome científico: *Plantago australis* Lam

Família: Plantaginaceae

Sinônimos populares: tansagem, transagem, tanchagem, língua-de-vaca.

Descrição: erva perene, acaule, de folhas simples dispostas em roseta basal, lâmina foliar elíptico-lanceolada e decorrente sobre o pecíolo, membranosa, com pilosidade esparsa em ambas as faces, nervação curvinérvea (Figura 11). Flores discretas dispostas em inflorescências em espigas eretas e cilíndricas elevadas pelo escapo floral. Frutos constituídos de pixídios com 1 a 4 sementes. Sementes minúsculas e escuras.

Distribuição: nativa no sul e no sudeste do Brasil, em áreas abertas de campos.

Partes utilizadas: folhas e sementes.

Formas de uso: infusão, decocção, maceração e gargarejo.

Indicação e utilização: possui ação antibacteriana, anti-inflamatória, antidiarreica, antiviral, cicatrizante, expectorante, laxativa, diurética e depurativa. É comumente utilizada para tratar afecções de pele (acnes, cravos, espinhas, alergias e feridas), picadas de insetos,

amigdalite, estomatite, faringite, gengivite, úlceras gástricas, inflamações internas, cólica menstrual, hemorroidas, candidíase e infecções. Pode ser considerado um desintoxicante das vias aéreas de fumantes.

Para uso interno, usar 2 colheres de sopa (6g) de folhas em 150mL de água fervente – esperar esfriar e fazer gargarejos, de 2 a 3 vezes ao dia.

Para tratar afecções da pele, preparar decocção, por 15min, com 2 colheres de sopa de folhas em 150mL de água e 1 colher de sopa de mel – após esfriar, faz-se aplicação localizada sobre a área afetada, com algodão embebido no chá, 2 vezes ao dia. Para ação laxante e depurativa, deve-se colocar 1 colher de sopa de sementes em 150mL de água fervente, deixar em maceração por uma noite e coar – tomar pela manhã, em jejum.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: mucilagens, flavonoides, glicosídeos fenilpropanoides (verbascosídeo), taninos, sais minerais, ácidos orgânicos, saponinas.

As mucilagens presentes no gênero *Plantago* apresentam a propriedade de reter água, aumentar/estimular o movimento intestinal e formar o bolo fecal. Em estudos *in vitro*, seu extrato aquoso foi capaz de inibir a replicação do vírus da estomatite vesicular, sem apresentar efeitos citotóxicos. Extratos hidroalcoólicos das folhas, das sementes e dos frutos demonstraram propriedades analgésica e anti-inflamatória em ratos. A atividade gastroprotetora do extrato etanólico das folhas foi relatada em diferentes modelos de indução de úlceras em ratos, sendo eficiente não só em reduzir o índice de úlceras, como também em aumentar a secreção da camada mucoprotetora estomacal.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: o nome *Plantago* refere-se às folhas rosuladas, que, distendidas sobre o solo, lembram as plantas dos pés humanos. As tansagens são muito frequentes em áreas antropizadas e crescem, espontaneamente, em jardins, gramados, pomares, hortas, beiras de calçadas e estradas, em locais abertos. Em culinária, as folhas são utilizadas cruas, em saladas, ou, cozidas, em sopas, refogados, bolinhos e pães.

Figura 11 – Tansagem: ervas com folhas em roseta basal e inflorescências em espigas



Referências: (BATTISTI et al., 2013; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; HEFLER; RODRIGUES; CERVI, 2011; HENN, 2016; KINUPP; LORENZI, 2014; LOPES, 1997; LORENZI; MATOS, 2008; PANIZZA, 1997; RIO GRANDE DO SUL, 2017).

13º) Guanxuma

Nome científico: *Sida rhombifolia* L.

Família: Malvaceae

Sinônimos populares: guanxuma, guanxuma-branca, vassourinha.

Descrição: subarbusto de até 80cm de altura, com raízes lenhosas, resistentes e profundas.

Folhas simples, alternas, membranosas, pecioladas, de forma oval-rômbica, discolores. Flores amarelas, solitárias ou em fascículos axilares, que se abrem somente pela manhã (Figura 12). Fruto esquizocárpico, com 10 a 14 mericarpos.

Distribuição: nativa nas Américas, no Brasil, ela ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), no centro-oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), no norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins) e no nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe). Atualmente cosmopolita tropical e subtropical.

Partes utilizadas: raízes, ramos e folhas.

Formas de uso: infusão e decocção.

Indicação e utilização: possui ação antidiarreica, anti-inflamatória, antimicrobiana, diurética, emoliente, febrífuga e hipotensora. Proporciona efeito calmante, em casos de insônia, e auxilia no tratamento de epilepsia. É considerada eficaz para reduzir pressão alta, níveis de colesterol e triglicerídeos. Muito utilizada contra picadas de insetos e para redução de queda de cabelos.

Para uso interno, utilizar 1 colher de sopa (3g) de folhas para 150mL de

água fervente — tomar 3 vezes ao dia. A decocção pode ser feita com 4 raízes em 1L de água — ferver por 10min e tomar 4 xícaras ao dia. Para uso externo, o chá das folhas pode ser aplicado no couro cabeludo para fortalecer os cabelos. As folhas são emolientes e servem para aliviar dores provocadas por picadas de insetos — quando mastigadas, podem ser aplicadas topicamente, em situações de urgência a campo.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: mucilagem, alcaloides (criptolepina, vascina, efedrina), esteroides e saponinas.

Extratos da planta mostraram atividade contra *Staphylococcus aureus* e *Escherichia coli*, bem como ação anti-inflamatória local devido às saponinas.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: cresce, espontaneamente, como planta ruderal, em lavouras anuais e perenes, beira de estradas e terrenos em todo o país, sendo considerada, na agricultura, uma planta daninha.

Figura 12 – Guanxuma: aspecto geral dos subarbustos com flores amarelas, crescidos na beira de mato (a); ramos com folhas discoloridas, rômbricas e alternas (b)



Referências: (ALICE et al., 1995; BOVINI, 2015; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; LOPES, 1997; LORENZI; MATOS, 2008; RIO GRANDE DO SUL, 2017).

14º) Gervão

Nome científico: *Stachytarpheta cayennensis* (Rich.) Vahl

Família: Verbenaceae

Sinônimos populares: gervão, gervão-roxo.

Descrição: subarbusto ereto, de 70cm a 80cm de altura. Caule ramificado com ramos tetrágonos, ligeiramente pubescentes. Folhas simples, opostas, ovaladas a elípticas. Flores azul-violáceas reunidas em inflorescências espigadas (Figura 13). Fruto seco, esquizocárpico, incluído no cálice, separando-se em 2 mericarpos na maturação, cada

qual com uma só semente.

Distribuição: distribui-se em regiões tropicais e subtropicais da América (do Caribe ao Brasil). No Brasil, ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), no centro-oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), no norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia e Tocantins) e no nordeste (Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco e Sergipe).

Partes utilizadas: ramos e folhas.

Formas de uso: infusão, xarope e cataplasma.

Indicação e utilização: possui ação anticatarral, antiespasmódica, anti-helmíntica, antirreumática, antimalárica, diurética, antipirética, sudorífera, vermífuga. É comumente utilizado como tônico estomacal; estimulante das funções gastrointestinais; emoliente e diurético; e como promotor de transpiração. É eficiente contra prisão de ventre, colesterol, dor de estômago, febres, dispepsia, problemas hepáticos, pedras na vesícula e hepatite.

Para uso interno, utilizar 1 colher de sobremesa (2g) para 1 xícara de chá (150mL) de água fervente – tomar 2 vezes ao dia antes das refeições. O seu chá com açúcar, em forma de xarope, é eficaz contra febres, resfriados e bronquite catarral. Para uso externo, é indicada, na forma de cataplasma, para o tratamento de feridas, contusões e afecções da pele.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: óleo essencial, taninos, flavonoides, alcaloides (substância amargas), saponinas, glicosídeos, feniletanóides. O extrato hidroalcoólico de *Stachytarpheta cayennensis*, para o tratamento de lesões cutâneas causadas pelo protozoário *Leishmania*, demonstrou atividade leishmanicida com a morte das formas promastigotas in vitro de *L. amazonensis* e *L. braziliensis*. Essa atividade se deve aos glicosídeos (verbenaína e verbenina) e flavonoides, substâncias com efeito leishmanicida comprovado.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: quando cultivada em hortas, esta espécie afugenta insetos e parasitas. Não é palatável aos animais. Cresce em beira de matas e em áreas antropizadas, sendo considerada planta daninha.

Figura 13 – Gervão: planta subarborescente de folhas opostas e flores azul-violáceas em espigas



Referências: (ALICE et al., 1995; BATTISTI et al., 2013; CASTRO; CHEMALE, 1995; FROELICH et al., 2008; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; LORENZI; MATOS, 2008; MOREIRA et al., 2007; PANIZZA, 1997; SALIMENA, 2015; RIO GRANDE DO SUL, 2017).

15º) Erva-santa

Nome científico: *Aloysia gratissima* (Gillies & Hook.) Tronc.

Família: Verbenaceae

Sinônimos populares: erva-santa, erva-da-pontada, erva-de-nossa-senhora, erva-colônia, cidrozinho-do-campo, garupá, erva-da-sepultura, erva-de-soldado.

Descrição: arbusto de 1,5m até 3,0m de altura, muito ramificado, ramos secundários curtos, rijos e espinoscentes no ápice. Folhas simples, opostas, oblongas a elíptico-lanceoladas, membranosas, discoloras, aromáticas e de sabor amargo. Flores pequenas, brancas, perfumadas, dispostas em inflorescências do tipo panícula (Figura 14). Fruto seco, esquizocárpico, separando-se em 2 mericarpos na maturação, cada qual com uma semente.

Distribuição: nativa do Brasil, distribuiu-se no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), no centro-oeste (Goiás) e no nordeste (Bahia). Ocorre, também, no Uruguai e na Argentina. Comum em campos; beira de matos, junto com arbustos pioneiros; beira de caminhos e ferrovias.

Partes utilizadas: folhas.

Formas de uso: infusão.

Indicação e utilização: possui ação antibacteriana, anticatarral, anti-febril e digestiva. É recomendada para tratar problemas do sistema nervoso (depressão) e do estômago; dores de cabeça, tosses, febres, bronquites, pneumonia, resfriados, gripes e doenças da bexiga.

Para uso interno, aconselha-se utilizar 1 colher de sobremesa (2g) para 1 xícara de chá (150mL) de água fervente – tomar 2 a 3 vezes ao dia.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: sesquiterpenos

(α -bisabolol, β -elemeno, viridiflorol e β -cariofileno), diterpenos (cauranos), triterpenos (α -amirina, ácido betulínico, ácido oleanóico, ácido ursólico), flavonoides (genkwanina, 5-hidróxi-7,4"-dimetoxiapigenina, 5-hidróxi-7,3",4"-trimetoxiluteolina e rutina), carotenoides (luteína e trans- β -caroteno), feniletanoides, compostos fenólicos (ácido ferúlico, trans-cinâmico e ácido p-cumárico).

Estudos em camundongos demonstraram que o extrato aquoso de *Aloysia gratissima* apresentou compostos químicos de natureza polifenólica e carotenoídica, com conhecida atividade biológica como antioxidante. O extrato aquoso foi capaz de exercer efeito neuroprotetor *in vitro* e *in vivo*, prevenir danos celulares das convulsões e agir como antidepressivo em testes comportamentais utilizados. Também demonstrou ser um promissor agente terapêutico em doenças neurológicas e neurodegenerativas.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: as folhas e os ramos verdes servem para fins medicinais, já as sumidades florais para fins aromáticos. O ácido ferúlico presente na espécie foi aprovado como aditivo antioxidante e conservante em alimentos no Japão. A coleta da planta deve ser feita nas primeiras horas da manhã, após haver secado o orvalho, evitando as horas mais quentes (meio-dia), a fim de prevenir perdas de óleo essencial.

Figura 14 – Erva-santa: arbusto ramificado com folhas discoloradas e flores brancas dispostas em panículas



Referências: (ALICE et al., 1995; BATTISTI et al., 2013; CASTRO; CHEMALE, 1995; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; LOPES, 1997; SALIMENA; MULLGURA, 2015a; RIO GRANDE DO SUL, 2017; ZENI, 2011).

16º) Guabiroba

Nome científico: *Campomanesia xanthocarpa* (Mart.) O. Berg

Família: Myrtaceae

Sinônimos populares: guabiroba, guabirobeira, guavirova, guabirobeira-do-mato.

Descrição: árvore com até 25m de altura, de copa densa e arredondada, semidecidual. Tronco com casca pardo-acinzentada, soltando-se em tiras longitudinais. Folhas aromáticas, simples, opostas, ovalado-oblongas, membranosas a cartáceas, de bordos ondulados (Figura 15). Flores brancas, solitárias na axila das folhas ou reunidas em pequenos ramos laterais. Fruto tipo baga, globoso, amarelo quando maduro, com poucas sementes.

Distribuição: ocorre no Brasil em quase todas as formações florestais – no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo). Fora do Brasil, ocorre no Paraguai, na Argentina e no Uruguai.

Partes utilizadas: folhas.

Formas de uso: infusão.

Indicação e utilização: possui ação antidiarreica, antimicrobiana, hipocolesterolemizante e diurética. Utilizada para reduzir triglicerídeos e colesterol. Eficaz no tratamento de cistites, uretrites e diabetes.

Para uso interno, deve-se utilizar 1 colher de sobremesa (2g) em 150mL de água fervente – tomar 1 xícara, 2 a 3 vezes ao dia.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: óleo essencial (linalol, globulol, espatuleno, terpineol, limoneno, cariofileno, neridol, α -pineno, β -pineno, o-cimeno), flavonoides (quercetina, miricitrina e rutina), saponinas e taninos.

O extrato aquoso das folhas de *C. xanthocarpa*, preparado por infusão, diminuiu os níveis de triglicerídeos e aumentou o colesterol-HDL, sem causar qualquer toxicidade renal ou hepática, podendo ser, portanto, ingerido com segurança até a dose de 5g/dia. O extrato aquoso de *C. xanthocarpa* mostrou ter atividade anti-hipertensiva e cardiotônica, o que pode torná-lo uma alternativa fitoterápica para indivíduos com síndrome metabólica. Também mostrou redução significativa de peso e diminuição da glicemia em ratos com dieta de alta caloria. O extrato hidroalcoólico apresentou atividade antiúlcera, em ratos, no modelo de indução aguda por ácido clorídrico em etanol a 60%, com proteção de 62%. Também apresentou alta capacidade antioxidante no modelo de lipoperoxidação espontânea de cérebros de ratos. Demonstrou atividade biostática para *Staphylococcus aureus*, *Salmonella choleraesuis* e *Candida albicans*.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há toxicidade e efeitos colaterais do extrato aquoso, podendo o chá, por infusão das folhas, ser consumido com segurança.

Curiosidades: a espécie possui várias utilidades, tais como: medicinal e ornamental; fornece madeira de boa qualidade (comumente

utilizada em cabos de ferramentas, instrumentos musicais e tabua-
dos), flores melíferas, frutos saborosos com alto teor de vitaminas,
que são consumidos *in natura* ou em licores, não só por humanos,
como também por pássaros e peixes. Seu plantio é indicado em
áreas degradadas de preservação permanente.

Figura 15 – Guabiroba: tronco com casca soltando-se em tiras longi-
tudinais (a); ramo com folhas opostas e bordos ondulados (b)



Referências: (ALICE et al., 1995; BACKES; IRGANG, 2002; BATTISTI et al., 2013; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; KATAOKA; CARDOSO, 2013; MARKMAN, 2002; SANT'ANNA, 2012; RIO GRANDE DO SUL, 2017; SOBRAL et al., 2015b).

17º) Sálvia-da-gripe

Nome científico: *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. ex Britton & P. Wilson

Família: Verbenaceae

Sinônimos populares: sálvia-da-gripe, sálvia, erva-cidreira, erva-cidreira-brasileira.

Descrição: arbusto de morfologia variável, alcançando até 2m de altura, rizomatoso, ramificado, com ramos retos ou arqueados, apoiantes ou decumbentes, longos e quebradiços. Folhas aromáticas, simples, opostas, ovado-oblongas, trinervadas, subcoriáceas. Flores violáceas, reunidas em inflorescências axilares capituliformes (Figura 16). Fruto encerrado no cálice persistente, acrescente, seco separando-se, na maturação, em dois mericarpos unisseminados. Há 3 quimiotipos de *L. alba*, conforme estudos químicos do óleo essencial e dos caracteres organolépticos e morfológicos: I) o primeiro com elevados teores de citral e mirceno, com fraco odor de limão, folhas ásperas e largas, inflorescências maiores com até 8 flores liguladas externas em torno de um amplo conjunto central de flores ainda fechadas; II) o segundo com teores elevados de citral e limoneno, com forte odor de limão, inflorescências menores, compostas por um pequeno disco central de flores ainda não desenvolvidas,

rodeado por apenas 3 a 5 flores liguladas, e com folhas e ramos mais delicados; III) o terceiro se caracteriza pela semelhança morfológica ao segundo, porém com elevados teores de carvona e limoneno, de odor forte, adocicado e alimonado.

Distribuição: ocorre desde os Estados Unidos (Texas) até a Argentina, o Uruguai e o Brasil, onde ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), no centro-oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), no norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins) e no nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe).

Partes utilizadas: folhas.

Formas de uso: infusão.

Indicação e utilização: possui ação analgésica, anti-inflamatória, antimicrobiana, antiviral, antiespasmódica, antigripal, anticatarral, digestiva, carminativa, sedativa, ansiolítica, mucolítica, expectorante, febrífuga, sudorífera. É eficiente no alívio do mal-estar gástrico, de cólicas intestinais e uterinas. Comumente utilizado no tratamento de crises de nervosismo e estados de intranquilidade. Alivia tosses, bronquites, febres, gripes, resfriados e rinite alérgica.

A Anvisa indica o uso das partes aéreas para quadros leves de insônia e ansiedade, cólicas abdominais, distúrbios estomacais e flatulência, além de caracterizá-lo como digestivo e expectorante.

O uso do chá das folhas frescas é recomendado conforme os quimiotipos: o primeiro e o segundo tipo possuem atividade tanto espasmolítica quanto calmante, devido à presença do citral, e ação analgésica, devido ao mirceno; o segundo, além dessas ações, tem atividade ansiolítica e sedativa; o terceiro facilita a expectoração pela forte atividade mucolítica, auxiliando na secreção mais fluida dos brônquios. Para uso interno, aconselha-se utilizar 4g a 5g de folhas frescas para 150 mL de água fervente — tomar 1 xícara 2 a 3 vezes ao dia.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: predominância de óleo essencial (citral, mirceno, limoneno, carvona, linalol), compostos fenólicos.

A infusão das folhas de *L. alba* apresentou potente atividade antiulcerogênica na úlcera gástrica de ratos Wistar induzida por indometacina. Estudos farmacológicos comprovaram atividades sedativa e ansiolítica do óleo essencial. A atividade sedativa e analgésica foi comprovada para os quimiotipos citral-limoneno e carvona-limoneno, que inibiram até 80% das contorções provocadas em ensaio de retorcimento com ácido acético em ratas. Adicionalmente, o quimiotipo citral-limoneno (50 mg/kg) foi o único que aumentou o tempo de latência ao estímulo no ensaio da placa quente na mesma medida (52%), assim como meperidina (56%), sendo seu mecanismo de ação

semelhante ao da morfina. Estudos demonstraram que o óleo essencial de *L. alba* apresentou atividade antimicrobiana contra: I) bactérias - *Bacillus subtilis*, *Lactobacillus casei*, *Enterococcus faecalis*, *Micrococcus luteus*, *Staphylococcus aureus*, *Staphylococcus epidermidis*, *Streptococcus mutans*, *Escherichia coli*, *Klebsiella pneumoniae*, *Pseudomonas aeruginosa*, *Salmonella sp.*, *Serratia marcescens*, *Shigella flexneri*, *Shigella sonnei*, *Mycobacterium smegmatis*, *Mycobacterium tuberculosis*; II) fungos - *Candida albicans*, *Candida guilliermondii*, *Candida krusei*, *Candida parapsilosis*, *Cryptococcus neoformans*, *Fonsecaea pedrosoi* e *Trichophyton rubrum*; e III) protozoários - *Entamoeba histolytica*, *Giardia lamblia*, *Trichomonas vaginalis*, *Plasmodium falciparum*.

Contraindicações: pessoas com pressão baixa devem utilizar com cautela.

Efeitos adversos e precauções: doses acima da recomendada podem causar irritação gástrica, bradicardia e hipotensão.

Curiosidades: a composição química do óleo essencial de *L. alba* é muito variável, sendo influenciada, principalmente, por fatores genéticos e ambientais como tipo de solo, clima, luminosidade e precipitação. Essa variabilidade de composição química determina os diferentes quimiotipos, sendo encontrados sete tipos em territórios franceses. A espécie tem potencial econômico para aplicação na indústria de alimentos (conservante e aromatizante), cosméticos e medicamentos fitoterápicos.

Figura 16 – Sálvia-da-gripe: ramos arqueados com folhas opostas e flores violáceas em inflorescências axilares



Referências: (ALICE et al., 1995; BRASIL, 2010; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; LINDE et al., 2016; LOPES, 1997; LORENZI; MATOS, 2008; MATOS, 2002; SALIMENA; MULGURA, 2015b; RIO GRANDE DO SUL, 2017; TAVARES; MOMENTÉ; NASCIMENTO, 2011).

18°) Guaco

Nome científico: *Mikania laevigata* Sch. Bip. ex Baker

Família: Asteraceae (Compositae)

Sinônimos populares: guaco, guaco-de-casa.

Descrição: trepadeira sublenhosa, volúvel, glabra, com caule estriado. Muito aromática, com folhas de odor característico ao guaco (cumarina) quando esmagadas. Folhas simples, opostas, cartáceas, glabras, oval-lanceoladas, nunca hastadas, pecioladas, base atenuada e ápice acuminado, com cinco nervuras (Figura 17). Flores brancas a branco-amareladas, reunidas em inflorescências, no ramo terminal, do tipo capítulo, sendo estes sésseis e agrupados em panículas de glomérulos densos. Fruto do tipo cipsela (aquênio).

Distribuição: espécie nativa do Brasil — ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), no centro-oeste (Mato Grosso do Sul) e no nordeste (Bahia).

Partes utilizadas: folhas.

Formas de uso: infusão, decocção e xarope.

Indicação e utilização: possui ação expectorante, antitussígena, broncodilatadora, antirreumática e anti-inflamatória. Indicada no tratamento de problemas pulmonares, tosses, gripes e reumatismo. Para uso interno, utilizar 3g (1 colher de sopa) em 150mL de água fervente — tomar 1 xícara, 3 vezes ao dia. Para ação expectorante, pode ser feito xarope com as folhas na proporção de 1 parte para 10 partes de água, que devem ser fervidas até que se perceba forte odor de cumarina (cerca de 10min) — adoçar com mel, guardar na geladeira e tomar 1 colher de sopa de 3 a 4 vezes ao dia.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: cumarinas (1,2-benzopirona), ácidos (ácido caurenóico), álcoois, ésteres diterpênicos, aldeídos e ésteres orgânicos, flavonoides, terpenos, taninos, saponinas.

Estudos farmacológicos comprovaram a atividade anti-inflamatória da decocção das folhas.

Contraindicações: não foram encontradas referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: em estudo com o extrato hidroalcoólico de *M. laevigata*, os ensaios pré-clínicos, avaliando dose única, subcrônica e crônica, demonstraram ausência de toxicidade para o xarope e para a solução de *M. laevigata* quando administrada via intraperitoneal. Adicionalmente, não houve alterações nas funções pancreática, hepática, renal e hematológica tanto em ratos machos e quanto em ratos fêmeas.

Curiosidades: esta planta faz parte da Relação Nacional de Plantas de Interesse do SUS (Rennisus). Pode ser cultivada a partir de estacas, em cercas ou em latadas (como nas parreiras com palanques e fios),

protegidas contra o vento forte. Na época de floração, de agosto a novembro, o guaco é bastante procurado pelas abelhas melíferas.

Figura 17 – Guaco: aspecto geral da trepadeira volúvel apoiada em suporte (a); ramo com folhas alternas de base atenuada e ápice acuminado (b)



Referências: (ALICE et al., 1995; BATTISTI et al., 2013; BRASIL, 2009; CASTRO; CHEMALE, 1995; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; GASPARRETTO et al., 2010; LOPES, 1997; RITTER et al., 2015a; RIO GRANDE DO SUL, 2017; SIMÕES et al., 1986).

19º) Carquejinha

Nome científico: *Baccharis articulata* (Lam.) Pers.

Família: Asteraceae (Compositae)

Sinônimos populares: carquejinha, carqueja-doce, carqueja-miúda, carqueja-branca.

Descrição: arbusto ereto, dioico, muito ramificado, áfilo, de caules e ramos verde-acinzentados, com expansões bialadas, de 0,5m até 1,5m de altura (Figura 18). Alas dos ramos floríferos mais estreitas que as demais, articuladas, coriáceas, de 0,2cm a 0,5cm de largura, cobertas de cera epicuticular e com muitos pelos capitados. Flores branco-amareladas aromáticas dispostas em inflorescências do tipo capítulo, sendo esses numerosos, sésseis, dispostos ao longo dos ramos superiores e das extremidades. Fruto do tipo cipsela (aquênio) com cinco estrias longitudinais.

Distribuição: nativa dos campos secos e pedregosos, bem como de beiras de matas do Brasil, ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e no sudeste (São Paulo). Fora do Brasil, é encontrada na Bolívia, no Paraguai, no Uruguai e na Argentina.

Partes utilizadas: partes aéreas.

Formas de uso: infusão e decocção.

Indicação e utilização: possui ação digestiva (em afecções do fígado e do estômago), diurética, antidiabética, antipirética (antifebril) e

tônica (contra debilidade orgânica e anemia). Para uso interno, aconselha-se utilizar 2,5g da planta seca para 150mL de água fervente – ingerir 2 a 3 xícaras ao dia, 30 minutos antes das refeições.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: óleo essencial de composição semelhante ao de *B. trimera*, com predominância de carquejol e acetato de carquejila, diferenciando-se no teor de cafeína principalmente. Triterpenos, cumarinas, diterpenos (neo-clerodano, articulina, acetato de articulina), flavonoides (santonina, absintina, luteolina, quercetina, genkwanina, acacetina, 7,4-dimetil-apigenina, circimaritina, salvigenina, jaceidina, jaceosidina, chondrillasterol). Extratos etanólicos apresentaram atividade antimicrobiana frente a *Helicobacter pylori* e atividade antiviral, por inibir a infectabilidade do vírus Vero Celis-pseudorabies RC/79 (Herpesvírus Suídeo 1 causador da pseudo-raiva).

Contraindicações: devido às possíveis contrações uterinas que pode promover, não é indicado para grávidas.

Efeitos adversos e precauções: deve-se evitar o uso concomitante com medicamentos para hipertensão e diabetes, pois pode causar hipotensão. Em caso de hipersensibilidade, recomenda-se descontinuar o uso.

Curiosidades: no Paraguai, é utilizada como anti-hipertensiva. Na Argentina, é empregada no tratamento de impotência sexual masculina e esterilidade feminina. A carquejinha é mais suave ao paladar do que a carqueja amarga.

Figura 18 – Carquejinha: arbusto verde-acinzentado de ramos caulinares com expansões bialadas



Referências: (ALICE et al., 1995; BATTISTI et al., 2013; FACHINETTO; TEDESCO, 2009; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; HEIDEN; SCHNEIDER, 2015b; LOPES, 1997; LORENZI; MATOS, 2008; RIO GRANDE DO SUL, 2017; SIMÕES et al., 1986; SIQUEIRA; ALICE; THIESEN, 1988; TASCHETTO, 2010).

20º) Erva-de-bicho

Nome científico: *Polygonum punctatum* Elliott

Família: Polygonaceae

Sinônimos populares: erva-de-bicho, pimenta-d'água, persicária, cataia.

Descrição: erva anual, ramificada, com até 1,20m de altura. Caule decumbente, de coloração avermelhada. Folhas simples, alternas, lanceoladas a linear-lanceoladas, verdes com manchas vermelho-amarronzadas, com ócrea cerdosa. Flores brancas a esverdeadas dispostas em inflorescências do tipo racemo espiciforme, apresentando pontuações avermelhadas ou negras, que correspondem a glândulas. Fruto núcula (indeiscente e unisseminado) triangular, lisa e brilhante.

Distribuição: nativa do Brasil, ocorre em ambientes úmidos do sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), do sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), do centro-oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), do norte (Acre, Amazonas, Pará e Roraima) e do nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Sergipe).

Partes utilizadas: partes aéreas.

Formas de uso: infusão, banho de assento e compressa.

Indicação e utilização: possui ação adstringente, antisséptica, cicatrizante, diurética, estimulante, vasoconstritora, hemostática, anti-diarreica, antirreumática, anti-hemorroidas, vermífuga. Indicada no tratamento de hemorroidas, varizes e úlceras varicosas; no alívio de coceiras e machucaduras; e contra sarna. A Anvisa recomenda o uso das partes aéreas para varizes e úlceras varicosas, em uso tópico. Para uso interno, indica-se utilizar, em infusão, 10g da planta seca para 1L de água – beber 1 a 2 xícaras de chá ao dia. Externamente, usar a infusão de 3g (1 colher de sopa) em 150 mL de água, aplicar compressas no local afetado ou fazer banho de assento 3 vezes ao dia.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: persicarina, taninos, flavonoides, terpenos.

Estimula a circulação e diminui a fragilidade capilar, possuindo efeito hemostático, muito útil no tratamento de hemorroidas. Exerce ação diurética, sendo eficaz nos casos de retenção urinária e nas afecções urinárias.

Contraindicações: não indicado para gestantes e crianças.

Efeitos adversos e precauções: apresenta efeito emenagogo e abortivo, o que explica suas contraindicações.

Curiosidades: espécie semelhante a *Polygonum hydropiperoides*, distinguindo-se por apresentar o perianto frutífero pontuado com glândulas marrons. No estado de Pernambuco, a pimenta-d'água elimina caramujos nos riachos onde se encontra. Antigamente, era utilizada na culinária em substituição à pimenta, devido ao sabor do seu chá ser fortemente apimentado. Espécies de *Polygonum* (*P. punctatum* e *P. hydropiperoides*) fazem parte da Relação Nacional de

Plantas de Interesse do Sistema Único de Saúde (Rennisus), indicando a necessidade de mais estudos para segurança no uso. Outras espécies de erva-de-bicho também são empregadas para as mesmas finalidades (Figura 19).

Figura 19 – Erva-de-bicho: vista geral das plantas do gênero *Polygonum* em ambiente úmido (a); ramos com folhas alternas e ócreas evidentes na região dos nós (b). A espécie das imagens corresponde a *Polygonum persicaria*



Referências: (BATTISTI et al., 2013; BRASIL, 2009; BRASIL, 2010; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; KISSMANN; GROTH, 2000; LORENZI; MATOS, 2008; MELO, 2015a; RIO GRANDE DO SUL, 2017; SIGRIST, 2014a; SIMÕES et al., 1986; TESKE; TRENTINI, 1995).

21º) Cipó-mil-homens

Nome científico: *Aristolochia triangularis* Cham. & Schlttdl

Família: Polygonaceae

Sinônimos populares: cipó-mil-homens, cipó-jarrinha, cipó-de-cobra.

Descrição: trepadeira perene, volúvel, glabra, de até 4m de comprimento. Caule com espessa casca suberosa, rugoso-estriada. Folhas simples, alternas, triangular-deltoides, de base levemente cordiforme ou truncada, com até 11cm de comprimento e 8cm de largura, discolores, com 3 a 5 nervuras principais (Figura 20). Flores solitárias, nas axilas das folhas, em forma de jarra, de até 3cm de comprimento, com coloração amarelo-avermelhada. Fruto do tipo cápsula, subgloboso e elíptico, com sementes escuras e achatadas.

Distribuição: ocorre no Brasil — no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), no centro-oeste (Mato Grosso do Sul e Mato Grosso) e no norte (Rondônia). Fora do Brasil, ocorre no Paraguai, na Argentina e no Uruguai.

Partes utilizadas: folhas, caules e raízes.

Formas de uso: decocção.

Indicação e utilização: possui ação antiofídica, emenagoga,

diurética, anticonceptiva, abortiva, anti-helmíntica, antipirética, anti-inflamatória e antirreumática. Alivia dores de cabeça, barriga, estômago e rins. É comumente empregada contra mordedura de cobra e demais afecções da pele (feridas contaminadas). Para uso interno, aconselha-se usar 2g (1 colher de sobremesa) do caule seco em 150mL de água em fervura por 10min – desligar o fogo, esperar amornar e coar; após, tomar 1 xícara de chá, 2 vezes ao dia, 30min antes das principais refeições. Em casos de picadas de cobra, tomar o chá até receber o soro antiofídico. Seu uso externo, indicado para reumatismos e problemas de pele, deve ser feito através da fervura, por 5min, de 2 colheres de sopa (6g) de folhas secas picadas em 200mL de água – após esfriar, aplicar no local afetado com uma pequena porção de algodão, 2 vezes ao dia.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: terpenoides (monoterpenos, sesquiterpenos, diterpenos), esteroides, alcaloides, lignanas, neolignana, gomas, mucilagens, taninos, ácido aristolóquico.

Os extratos das raízes apresentaram atividade antimicrobiana, inibindo fortemente o crescimento de culturas de *Staphylococcus aureus*, justificando seu uso no tratamento de feridas e doenças de pele. Extrato metanólico e substâncias isoladas mostraram atividade antimicrobiana contra I) bactérias (*Enterobacter aerogenes*, *Shigella sonnei*, *Shigella flexneri*, *Salmonella enterica serovar Typhimurium*, *Pseudomonas aeruginosa*, *Staphylococcus aureus*, *Bacillus cereus*, *Enterobacter aerogenes*); II) fungos (*Candida krusei*); e III) micobactérias (*Mycobacterium abscessus*).

Contraindicações: é contraindicado seu uso interno, principalmente para gestantes, lactantes e crianças.

Efeitos adversos e precauções: os ácidos aristolóquicos possuem efeitos carcinogênicos comprovados em animais e seres humanos, podendo, ainda, causar deformações em fetos ou aborto.

Curiosidades: reza a lenda dos sertanejos que o cheiro das plantas de cipó-mil-homens basta para narcotizar as cobras e que, quando eles andam com as pernas recém friccionadas com o cipó, ao longo do caminho, todas as cobras adormecem. A superstição, ainda, os leva a crer que alguns pedaços do caule destas plantas, colocados junto de objetos de uso diário (sob colchões, canos das botas e arreios), resguardam de desgraças de qualquer natureza.

Figura 20 – Cipó-mil-homens: trepadeira volúvel com folhas triangulares, caule com casca suberosa, rugosa-estriada e flor solitária em forma de jarra.



Referências: (ALICE et al., 1995; BATTISTI et al., 2013; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; LOPES, 1997; LORENZI; MATOS, 2008; PANIZZA, 1997; PEREIRA et al., 2018; RIO GRANDE DO SUL, 2017; SIGRIST, 2014b; SIMÕES et al., 1986)

22°) Quitoco

Nome científico: *Pluchea sagittalis* (Lam.) Cabrera

Família: Asteraceae (Compositae)

Sinônimos populares: quitoco, erva-lucera, lucera, arnica.

Descrição: erva anual ou perene, com 40cm a 60cm de altura, ereta, aromática, pouco ramificada. Caules e ramos com alas membranáceas verdes. Folhas simples, sésseis, alternas, rígido-pubescentes, lanceoladas, com estípulas se estendendo pelo caule (Figura 21). Flores aveludadas, inicialmente brancas a róseas passando ao castanho, dispostas em inflorescências de capítulos reunidos em corimbos terminais. Frutos do tipo cipsela (aquênio), muito pequenos.

Distribuição: ocorre no Brasil — no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), no centro-oeste (Goiás), no norte (Acre, Amapá e Pará), no nordeste (Bahia, Maranhão, Pernambuco e Sergipe). Fora do Brasil, é encontrada no Uruguai, na Argentina e no Paraguai.

Partes utilizadas: partes aéreas.

Formas de uso: infusão.

Indicação e utilização: possui ação peitoral, carminativa, estomacal, colerética, colagoga, febrífuga, analgésica e cicatrizante. É empregada para o tratamento de problemas digestivos, diarreias, embaraços gástricos, flatulências, dispepsias nervosas, gases, inflamações do útero, rins e bexiga, reumatismo, resfriados e bronquites. Comumente utilizada contra machucaduras. Para uso interno, aconselha-se utilizar 2g (1 colher de sobremesa) da planta em 150mL de água fervente — tomar 2 xícaras ao dia.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: óleo essencial rico em terpenos (eudesmanos, α -pineno, d-canfeno, cineol, p-cimeno, linalol, cânfora, α -terpineol, borneol, cariofileno, humuleno.),

flavonoides, taninos, ácidos orgânicos (cafeoilquínicos, clorogênico, cafeico).

Atividade antimicrobiana comprovada contra *Trypanosoma cruzi*, o protozoário causador da doença de Chagas. Estudos com extratos aquosos das folhas e caules reduziram a absorção de água no jejuno e cólon, reduzindo a secreção intestinal, conseqüentemente produzindo efeito antidiarreico.

Contraindicações: a planta não apresenta riscos de toxicidade, conforme a literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não foram encontradas referências na literatura consultada.

Curiosidades: espécie com potencial ornamental e paisagístico. Exala forte cheiro agridoce quando amassada. Com ela, pode ser produzido licor aperitivo junto com outras plantas. Ocupa áreas úmidas, podendo infestar culturas de arroz de várzea.

Figura 21 – Quitoco: aspecto geral da erva com folhas alternas, cultivada em canteiro



Referências: (BURGER et al., 2000; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; LOEUILLE; MONGE, 2015; LOPES, 1997; LORENZI; MATOS, 2008; RIO GRANDE DO SUL, 2017).

23º) Sabugueiro

Nome científico: *Sambucus australis* Cham. & Schlttdl.

Família: Adoxaceae (anteriormente Caprifoliaceae)

Sinônimos populares: sabugueiro, sabugueiro-do-brasil, sabugueiro-do-rio-grande.

Descrição: arbusto grande ou arvoreta de 3m a 4m de altura, muito ramificada, de copa irregular. Raízes superficiais emitem vários rebrotos ao redor do pé. Caule com tronco tortuoso, pardo esverdeado, de casca rugosa e fissurada. Folhas opostas, compostas imparipinadas, com 7 a 13 folíolos membranáceos, oval-lanceolados, que exalam forte odor quando amassadas (Figura 22). Flores brancas,

pequenas, odoríferas, reunidas em inflorescências corimbosas terminais. Frutos constituídos de bagas globosas negras ou roxo-escuras quando maduras, contendo 3 a 5 sementes.

Distribuição: ocorre no Brasil — no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e no sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo). Fora do Brasil, pode ser encontrada na Argentina e no Uruguai.

Partes utilizadas: flores e entrecascas.

Formas de uso: infusão, decocção, gargarejo, compressa e cataplasma.

Indicação e utilização: possui ação diurética, antipirética, antisséptica, sudorífica, cicatrizante, anti-inflamatória, analgésica e antirreumática. É considerada “remédio do peito”, devido à sua eficiência contra afecções respiratórias, em gripes, resfriados, bronquites, sinusites e eliminação de catarro. É indicada, também, para baixar a febre e tratar sarampo.

Para uso interno, aconselha-se usar 10g de flores secas para 1L de água fervente — esperar amornar, coar e tomar 1 xícara de chá, de 2 a 3 vezes ao dia, permanecendo em repouso para o alívio das dores em geral e para a estimulação da sudorese, principalmente em casos de sarampo e catapora. O chá por decocção da entrecasca picada, que é recomendado para reumatismo (artrite e gota), nefrite e cálculos renais, é preparado com 1 colher de chá (1g) da entrecasca picada em 150mL de água em fervura, durante 5 minutos — tomar 1 xícara de chá, 3 a 4 vezes ao dia, até às 17h. Externamente, as flores são utilizadas em irritação dos olhos, dermatoses (pruridos, reações alérgicas, erupções cutâneas), queimaduras leves e úlceras bucais, na forma de gargarejos, compressas e cataplasmas, que são aplicados topicamente sobre a área afetada.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: flavonoides (rutina, hiperosídeo, isoquercitrina, quercetina, canferol), terpenos, esteroides, ácido clorogênico, glicosídeos, alcaloides.

Extratos aquoso e hidroetanólico das flores apresentaram significativa atividade antiedematogênica, equivalente ao padrão indometacina, em ensaios de edema de pata de rato induzido por carragenina. A atividade anti-inflamatória está relacionada ao conteúdo de flavonoides, principalmente rutina, quercetina e canferol. Esses extratos também apresentaram potente atividade antioxidante, mais efetivos que os de *Ginkgo biloba*.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: doses elevadas, acima do recomendado, podem causar irritações no estômago e no intestino. O uso das folhas deve ser evitado, já que elas contêm glicosídeos cianogênicos tóxicos.

Curiosidades: é cultivada para fins ornamentais. As flores e os frutos são usados na culinária e servem para aromatizar geleias. As folhas

são empregadas para o preparo de inseticida caseiro. Todas as partes da planta vêm sendo utilizadas na medicina natural há bastante tempo, todavia, nos dias de hoje, a tendência é utilizar as flores secas.

No Brasil, existe cultivada a espécie *Sambucus nigra*, originária da Europa, da Ásia e do norte da África, com propriedades semelhantes e que se diferenciam de *S. australis* por apresentar menor número de folíolos, com apenas 5 cinco a 7 nas folhas.

Figura 22 – Sabugueiro: aspecto geral do tronco com casca rugosa e fissurada (a); folhas opostas e compostas imparipinadas com mais de sete folíolos (b)



Referências: (ALICE et al., 1995; CASTRO; CHEMALE, 1995; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; LOPES, 1997; LORENZI; MATOS, 2008; PANIZZA, 1997; SCOPEL, 2005; RIO GRANDE DO SUL, 2017; SIMÕES et al., 1986; SOBRAL, 2015; TESKE; TRENTINI, 1995).

24º) Jurubeba

Nome científico: *Solanum paniculatum* L.

Família: Solanaceae

Sinônimos populares: jurubeba, jurubeba-verdadeira.

Descrição: arbusto de até 3m de altura, apresentando acúleos curvos no tronco e nos ramos. Folhas simples, alternas, inteiras a lobadas, coriáceas, glabras e verdes na face superior e branco-tomentosas na inferior. Flores de coloração branca até azulada ou violeta, reunidas em inflorescências do tipo panícula ramificada, surgem nas laterais dos ramos ou nas suas extremidades (Figura 23).

Frutos bagas esféricas, de cor verde-amarelada quando maduras, contendo muitas sementes.

Distribuição: nativa do Brasil, ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), no centro-oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), no norte (Pará) e no nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do

Norte e Sergipe). É cultivada ou encontrada em beira de matos e estradas.

Partes utilizadas: folhas, frutos e raízes.

Formas de uso: infusão, decocção, cataplasma e gargarejo.

Indicação e utilização: possui ação tônica, diurética, descongestionante, estomáquica, febrífuga, colagoga, emenagoga e cicatrizante. É comumente utilizada no tratamento de dispepsia, afecções do fígado (icterícia, hepatite, insuficiência hepática), inflamação do baço, prisão de ventre, anemias, cistites, diabetes, tumores uterinos, feridas e úlceras. Possui ação estimulante das funções digestivas, sendo bastante utilizada contra ressaca, após o consumo exagerado de álcool ou de comida.

A Anvisa recomenda a infusão da planta inteira para distúrbios da digestão. Para uso interno, recomenda-se decocção, por 10 min, de 20g de folhas ou raízes para 1L de água – tomar 1 xícara após as refeições, podendo chegar a 5 xícaras ao dia. Para uso externo, deve ser feita a decocção ou a infusão, com 1 colher de sopa de folhas cortadas em pedaços em 1 xícara de água fervente – após esfriar, aplicar nas partes lesadas (feridas, úlceras, contusões, pruridos), em forma de cataplasma com gaze. Pode-se utilizar, também, em gargarejo.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: alcaloides (solanidina, solasodina), saponinas esterólicas nitrogenadas (paniculina, jurubina), outras saponinas (isojuropidina, isojurubidina, isopaniculidina, jurubidina), mucilagens, resinas (jurubidina, jurubepina), óleo essencial, ceras, ácidos orgânicos (ácido clorogênico).

Diversos estudos das atividades biológicas foram realizados: o extrato etanólico das folhas e raízes apresentou-se como espasmolítico, antiviral, anti-tripanosoma, antiúlcera e antibacteriano contra *Bacillus subtilis*, *Erwinia carotovora*, *Ralstonia solanacearum*, *Staphylococcus aureus*, *Escherichia coli*, *Pseudomonas aeruginosa*; o extrato apenas das raízes mostrou atividade antimicrobiana contra bactérias Gram-positivas (*Staphylococcus aureus*, *Bacillus subtilis*, *Enterococcus faecalis*, *Micrococcus luteus*), leveduras (*Candida albicans*, *Candida krusei*), uma micobactéria (*Mycobacterium smegmatis*), fungos filamentosos (*Aspergillus niger*) e a *Escherichia coli*; o extrato das raízes reduziu 50% da diarreia e da frequência de evacuações, em modelo animal de diarreia induzida por óleo de rícino, além de reduzir acúmulo de fluido intestinal, relacionando-se à presença do ácido clorogênico. Possui, também, atividade anti-inflamatória, provavelmente por atuar na liberação de aminas vasoativas, reduzir a migração de leucócitos, minimizar a formação de edema e a permeabilidade vascular.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: utilizar sempre na dose recomendada, evitando períodos prolongados, caso contrário, pode haver

intoxicação, que causará sintomas como náuseas, vômitos, diarreias, cólicas abdominais e dores de cabeça. A intoxicação se dá devido à quantidade de alcaloides e esteroides que a planta contém.

Curiosidades: esta planta faz parte da Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse do SUS (Rennisus).

A espécie *Solanum paniculatum* é facilmente confundida com outra jurubeba, *Solanum fastigiatum* Willd., que ocorre mais frequentemente no Rio Grande do Sul. No entanto, diferem não só nos tipos de pelos nas folhas e ramos, como também na forma dos acúleos, que, em *S. fastigiatum*, são retos e finos e, em *S. paniculatum*, são curvos e alargados. Não se deve ingerir frutos verdes de espécies botânicas de *Solanum*, como jurubeba, joá, mata-cavalo e peloteira, pois acumulam glicoalcaloides esteroidais do tipo solanina, capazes de provocar vômito, diarreia, dores de estômago e de cabeça.

Figura 23 – Jurubeba: aspecto geral do arbusto cultivado em canteiro (a); detalhe dos ramos mostrando a variabilidade na forma das folhas, desde inteiras até lobadas, flores em panículas e frutos globosos (b)



Referências: (BRASIL, 2009; BRASIL, 2010; CASTRO; CHEMALE, 1995; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; LOPES, 1997; LORENZI; MATOS, 2008; PANIZZA, 1997; RIO GRANDE DO SUL, 2017; SIMÕES et al., 1986; STEHMANN et al., 2015; TENÓRIO, 2015; TESKE; TRENTINI, 1995).

25°) Sete-sangrias

Nome científico: *Cuphea carthagenensis* (Jacq.) J. F. Macbr.

Família: Lythraceae

Sinônimos populares: sete-sangrias, guanxuma-vermelha.

Descrição: erva ereta, pouco ramificada, de caule revestido com pelos glandulares de cor avermelhada, de 20cm a 50cm de altura. Folhas simples, opostas, ásperas, de cor mais clara na face inferior. Flores de cor lilás, dispostas em grupos de 2 a 4 nas axilas foliares (Figura 24). Fruto do tipo cápsula com 3 a 5 sementes.

Distribuição: ocorre desde o México até o Uruguai. No Brasil, é encontrada no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo), no centro-oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), no norte (Acre, Pará, Rondônia e Tocantins) e no nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Pernambuco e Sergipe).

Partes utilizadas: planta inteira.

Formas de uso: infusão, decocção e compressa.

Indicação e utilização: possui ação depurativa, sedativa do coração, diaforética, laxativa, antissifilítica, anti-inflamatória das mucosas, antitérmica, hipotensora, anticolinesterásica e antirreumática. É utilizada para tratar hipertensão arterial, palpitações do coração, aterosclerose, febres intermitentes e afecções da pele. Além disso, é muito indicada para a melhora da circulação sanguínea.

Para uso interno, aconselha-se preparar o chá por infusão (folhas e flores) ou decocção (caule, ramos e raízes) por 15min – utilizar 2 colheres de sopa da planta para 1L de água – Tomar 1 xícara do chá morno, 4 a 5 vezes ao dia. Para uso externo, em compressas, aconselha-se usar a decocção de 6 colheres da planta para 1L de água – aplicar pela manhã e pela noite na área afetada, com uma porção de algodão ou gaze, para tratar afecções da pele.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: óleos essenciais, taninos, pigmentos, mucilagens, saponinas, flavonoides.

Um estudo farmacológico do extrato bruto mostrou efeito hipotensor e anticolinesterásico em animais, além de significativa atividade estimulante da contração da musculatura lisa.

Contraindicações: não é indicado para crianças.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: o uso desta planta vale por sete sangrias, alusão a um tratamento comum no passado, daí a origem do nome. Existem, no Brasil, pelo menos mais duas espécies com características, propriedades medicinais e nomes populares semelhantes, *Cuphea racemosa* (L. f.) Spreng. e *Cuphea calophylla* Cham. & Schltdl. Ocorrem como plantas ruderais, de crescimento espontâneo, em pastagens e terrenos baldios.

Figura 24 – Sete-sangrias: erva ereta de folhas opostas e flores lilases



Referências: (BATTISTI et al., 2013; CASTRO; CHEMALE, 1995; CAVALCAN-
TI; GRAHAM, 2015; LOPES, 1997; LORENZI; MATOS, 2008; PANIZZA, 1997; RIO
GRANDE DO SUL, 2017; TESKE; TRENTINI, 1995).

26°) Chapéu-de-couro

Nome científico: *Echinodorus grandiflorus* (Cham. & Schltld.) Micheli

Família: Alismataceae

Sinônimos populares: chapéu-de-couro, chá-de-campanha.

Descrição: erva ou subarbusto de terrenos brejosos, perene, ereto, de 1m a 2m de altura, rizomatoso. Folhas simples em roseta, limbo de até 40cm de comprimento, amargas, ásperas, coriáceas, cordiformes, pecíolo de até 130cm de comprimento, com 11 a 13 nervuras curvas salientes (Figura 25). O formato do limbo varia bastante entre plantas, sugerindo variedades. Planta de aspecto polimorfo. Flores brancas, grandes, reunidas em inflorescências do tipo panícula, com pedúnculo longo. Fruto do tipo aquênio.

Distribuição: nativa na América tropical e subtropical. No Brasil, ocorre em solos úmidos do sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), do sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), do centro-oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), do norte (Acre) e do nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Sergipe).

Partes utilizadas: folhas.

Formas de uso: infusão, compressa e banho de assento.

Indicação e utilização: é uma planta de ação diurética, antirreumática, anti-hipertensiva e depurativa. Auxilia em problemas renais, hepáticos e urinários. É indicada no tratamento de erupções cutâneas e para tirar manchas da pele.

A Anvisa recomenda o uso das folhas de *Echinodorus macrophyllus* (Kunth) Micheli para edemas por retenção de líquidos e processos inflamatórios, espécie de usos semelhantes a *E. grandiflorus*. Para uso interno, aconselha-se utilizar 1 colher de sobremesa do pó das folhas secas e moídas em 150mL água de fervente – tomar 1 xícara, 2 vezes

ao dia, ou realizar gargarejo e bochecho para afecções da garganta (amigdalite, faringite), estomatite e gengivite. Seu uso externo deve ser feito através da aplicação de compressas bem quentes, do mesmo tipo de chá, nos casos de dores nevralgias e gota reumática. Também serve para tratamento de prostatite, aplicando-se banhos de assento, em bacia com água quente e 1L do chá – utilizar diariamente, durante 20 min, deixando pernas e dorso fora da água.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: alcaloides, glicosídeos, saponinas, taninos, flavonoides, terpenos, sais minerais.

Age como estimulante do suco biliar no intestino delgado, produzindo um efeito laxativo. Melhora quadros reumáticos pela sua ação sobre os rins e sobre o fígado. Estimula a eliminação do ácido úrico pelo aumento no fluxo urinário e sua ação na filtração glomerular.

Contraindicações: não deve ser utilizado por pessoas com insuficiência renal e cardíaca.

Efeitos adversos e precauções: não utilizar doses acima do recomendado, caso contrário, pode causar diarreia. Há, ainda, a possibilidade de a planta interagir com medicamentos anti-hipertensivos, causando queda de pressão.

Curiosidades: é considerada planta daninha em ambientes aquáticos. Ocasionalmente, é cultivada como ornamental em lagos decorativos ou para fins farmacêuticos. As folhas, frequentemente, encontram-se danificadas por insetos, que as recortam.

Figura 25 – Chapéu-de-couro: aspecto geral da planta em ambiente brejoso (a); folha curvinérvea com pecíolo longo (b)



Referências: (BRASIL, 2010; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; LOPES, 1997; LORENZI; MATOS, 2008; MATIAS; LOPES; SAKURAGUI, 2015; PANIZZA, 1997; RIO GRANDE DO SUL, 2017; SIMÕES et al., 1986; TESKE; TRENTINI, 1995).

27°) Maracujá

Nome científico: *Passiflora edulis* Sims

Família: Passifloraceae

Sinônimos populares: maracujá, maracujá-azedo, maracujá-ácido, maracujá-de-suco.

Descrição: trepadeira perene, vigorosa, alcançando de 8m a 10m, quando se apoia em árvores altas. Caule grosso e torcido, ramos longos, pilosos, secção circular, arroxeados com gavinhas. Folhas simples, grandes, alternas, trilobadas, palminérveas, com duas glândulas nectaríferas na base do limbo e estípulas pequenas (Figura 26). Flores solitárias, axilares, grandes, brancas, com filamentos purpúreos, formando corona. Frutos ovais a arredondados, casca grossa, lisa e amarela, na variedade flavicarpa, ou purpúrea, na variedade iodicarpa, com endocarpo sucoso e alaranjado, de aroma pronunciado e sabor ácido. Sementes numerosas, escuras e imersas na massa sucosa do fruto.

Distribuição: nativa de regiões tropicais e subtropicais do Brasil, ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), no centro-oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), no norte (Amazonas, Pará e Tocantins) e no nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe).

Partes utilizadas: folhas.

Formas de uso: Infusão e decocção.

Indicação e utilização: possui ação calmante, indutora do sono, controladora de ansiedade e redutora de pressão sanguínea. A Anvisa recomenda a infusão das folhas para quadros leves de ansiedade e insônia, como calmante suave. Para uso interno, aconselha-se cozinhar de 3 a 4 folhas frescas (10g), bem picadas, ou de 3g a 5g do pó de folhas secas, em 150mL de água – tomar 1 xícara, à noite, para induzir o sono ou de 2 a 3 xícaras, ao dia, como tranquilizante, por, no máximo, uma semana.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: alcaloides (passiflorina), glicosídeo cianogênico (cardiospermina que se converte em ácido cianídrico), flavonoides (crisina, isovitexina, isoorientina, vitexina-2-O-rhamnosídeo, vicienina-2, luteolina-7-O-glucosídeo, 6,8-di-C-glicosil crisina), ácidos orgânicos, pectinas, saponinas.

Extratos aquosos demonstraram atividades ansiolítica e antidepressiva. Devido aos alcaloides e flavonoides, o maracujá age como depressor inespecífico do sistema nervoso central, resultando na ação sedativa, tranquilizante e antiespasmódica da musculatura lisa. A passiflorina é um medicamento de grande valor terapêutico, similar à morfina, que, apesar de narcótico, não deprime o sistema nervoso central. Possui efeito analgésico, justificando seu uso em nevralgias.

Contraindicações: é contraindicado para pessoas com hipotensão (pressão baixa).

Efeitos adversos e precauções: seu uso pode causar sonolência. Não se deve utilizar simultaneamente a medicamentos sedativos e depressores do sistema nervoso central. Não utilizar cronicamente. Deve-se controlar o uso das folhas em forma de chá, pois existem riscos de intoxicação cianídrica em doses exageradas.

Curiosidades: esta planta faz parte da Relação Nacional de Plantas de Interesse do Sistema Único de Saúde (Rennisus). Os frutos são empregados na preparação de sucos refrescantes ou em bebidas alcoólicas, com cachaça/vodka e açúcar. A polinização das flores é feita pelas abelhas mamangavas, que fazem ninhos em tocos de madeira mole, próximos às plantas.

Figura 26 – Maracujá: vista geral da trepadeira com folhas trilobadas e frutos em desenvolvimento (a); ramo com gavinhas e folhas alternas



Fonte: autor (2019)

Referências: (BRASIL, 2009; BRASIL, 2010; AYRES et al., 2015; BERNACCI et al., 2015; CASTRO; CHEMALE, 1995; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; LORENZI; MATOS, 2008; PANIZZA, 1997; RIO GRANDE DO SUL, 2017).

28º) Arnica

Nome científico: *Chaptalia nutans* (L.) Pol.

Família: Asteraceae (Compositae)

Sinônimos populares: arnica, arnica-do-mato, língua-de-vaca.

Descrição: erva anual, acaule, medindo 20cm a 30cm de altura. Folhas rosuladas, simples, levemente recortadas (lirado-pinatífidas), com a face superior verde-escura e a inferior de cor acinzentada, devido ao indumento piloso. Flores róseas dispostas em inflorescência do tipo capítulo, elevado pelo longo escapo de aspecto nutante (curvado) (Figura 27). Fruto cipsela (aquênio) com papilho plumoso.

Distribuição: originária das Américas, ocorre do México até o Brasil. Em nosso país, encontramos no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio

do Sul), no sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), no centro-oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso) e no norte (Acre e Tocantins). Desenvolve-se tanto em locais ensolarados quanto em locais semissombreados, bem como em solos recém alterados.

Partes utilizadas: folhas, raízes e flores.

Formas de uso: infusão e decocção.

Indicação e utilização: devido a suas ações anti-inflamatória e antimicrobiana, é utilizado como cicatrizante externo – em contusões, traumatismos, ferimentos, hemorragias ou sobre as têmporas, para aliviar dores de cabeça. Além disso, tende a ser muito eficiente quando utilizado para tratar problemas de fígado.

Para uso interno, utilizar 1 folha para 1 xícara de água fervente, tomar 2 vezes ao dia. Para uso externo, aconselha-se utilizar 1 colher de sopa de raízes, folhas e flores fatiadas, em 150mL de água em fervura, por 5 minutos – após esfriar, coar e aplicar sobre a área afetada, com uma porção de algodão, de 2 a 3 vezes ao dia.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: óleo essencial, cumarinas (a 4-O-β-glucopiranosil-5-metilcumarina, 7-O-β-D-glucopiranosil-nutanocumarina), ácido parassórbico, lactonas (5-metil-3α-hidroxicoumaril-lactona), resinas, mucilagens, taninos, pigmentos, flavonoides, princípio amargo.

Extratos da planta demonstraram atividade antimicrobiana, contra bactérias Gram-positivas (*Bacillus subtilis* e *Staphylococcus aureus*), justificando o uso para tratamento de feridas contaminadas. O composto responsável por esta atividade foi identificado como 7-O-β-D-glucopiranosil-nutanocumarina.

Contraindicações: não foram encontradas referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não foram encontradas referências na literatura consultada.

Curiosidades: planta frequentemente encontrada em áreas de pastagens, jardins, gramados e terrenos baldios. Prefere solos bem supridos de umidade, tolerando tanto locais ensolarados como semissombreados. Na Costa Rica, os indígenas usam a planta no combate às lombrigas intestinais. Tanto as raízes quanto as folhas são úteis contra a úlcera.

Figura 27 – Arnica: erva no seu ambiente natural em beira de mato

(a); detalhe da planta com folhas discolores, levemente recortadas e escapo floral curvado (b)



Fonte: autor (2019)

Referências: (FLORA SBS, [s.d.]; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; KISSMANN; GROTH, 2000; LOPES, 1997; LORENZI, 2008; PANIZZA, 1997; ROQUE; MONGE, 2015; RIO GRANDE DO SUL, 2017; TRUITI et al., 2003; ZOTTIS; SARRAGIOTTO, [s.d.]).

29º) Arnica-do-mato

Nome científico: *Sphagneticola trilobata* (L.) Pruski (= *Wedelia paludosa* DC.)

Família: Asteraceae (Compositae)

Sinônimos populares: arnica-do-mato, margarida, vedelia, mal-me-quer-do-brejo, insulina.

Descrição: erva perene, de 40cm a 80cm de comprimento, de caules prostrados com extremidades ascendentes e com enraizamento nos nós. Folhas simples, opostas, levemente ásperas e limbo trilobado. Flores amarelas, dispostas em inflorescência do tipo capítulo isolado, com pedúnculo fino e reto (Figura 28). Fruto do tipo cipsela (aquênio).

Distribuição: espécie de ampla distribuição neotropical, ocorrendo do México ao Brasil. Em nosso país, ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), no centro-oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), no norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins) e no nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe). Cultivada e naturalizada na Austrália, na Malásia, nas Ilhas do Pacífico e em regiões tropicais do Novo Mundo.

Partes utilizadas: folhas e flores.

Formas de uso: infusão e decocção.

Indicação e utilização: utilizada no tratamento de diabetes, ferimentos, machucados e machucaduras internas, coqueluche e hematomas. Possui ação antirreumática, anti-inflamatória, febrífuga,

antinevrálgica e antianêmica.

Seu uso deve ser interno: 1 colher de chá (1g) da planta para 150mL de água fervente – tomar 1 xícara, 2 vezes ao dia.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: terpenos (ácido caurenóico, estigmasterol, acetato β -amirina, friedelanol, ácido oleonólico, lactonas sesquiterpênicas), flavonoides (luteolina, coreopsina).

Extratos da planta, principalmente das flores, revelaram atividade antimicrobiana contra bactérias Gram-positivas (*Staphylococcus aureus*, *Staphylococcus saprophyticus*, *Streptococcus agalactiae*, *Bacillus cereus*) e fungos dermatófitos (*Epidermophyton floccosum*, *Trichophyton rubrum*, *Trichophyton mentagrophytes*). A luteolina e o ácido caurenóico parecem ser os constituintes de maior atividade nesta planta.

O extrato etanólico das folhas causou redução na glicemia de coelhos diabéticos, em concentrações de 200mg e 400/kg, com redução da colesterolemia e concentração de triacilgliceróis.

Contraindicações: não foram encontradas referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não foram encontradas referências na literatura consultada.

Curiosidades: planta cultivada como ornamental. É comum em várzeas úmidas da planície litorânea. Por apresentar um alto índice de enfolhamento, é utilizada, também, como cobertura de solo, principalmente para revestir barrancos, escoadouros e taludes. Por escapar do cultivo, é daninha em canais de drenagem, terrenos baldios e lavouras perenes, como bananais e pomares.

Figura 28 – Arnica-do-mato: erva rasteira em ambiente levemente sombreado (a); ramos com folhas trilobadas, opostas e flores amarelas em capítulos isolados (b)



Fonte: autor (2019)

Referências: (FIDELIS, 2003; FLORA SBS, [s.d.]; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; KISSMANN; GROTH, 2000; LEMÕES et al., 2012; LORENZI, 2008; ROQUE; MONGE, 2015; SARTORI, 2005; RIO GRANDE DO SUL, 2017).

30°) Guaco

Nome científico: *Mikania glomerata* Spreng.

Família: Asteraceae (Compositae)

Sinônimos populares: guaco, erva-de-cobra.

Descrição: trepadeira sublenhosa, volúvel, glabra, com caule pouco estriado. Não aromática, com folhas sem odor característico de guaco (cumarina) quando esmagadas. Folhas simples, opostas, carnosas-coriáceas, glabras, deltoides a lanceolado-hastadas, pecioladas, base hastada e ápice acuminado, com cinco nervuras (Figura 29). As folhas apicais podem ter a forma das folhas de *M. laevigata*. Flores brancas a branco-amareladas, reunidas em inflorescências no ramo terminal e axilares, do tipo capítulo, sendo estes sésseis e agrupados em panículas de glomérulos densos. Fruto do tipo cipsela (aquênio).

Distribuição: espécie nativa na Argentina, no Paraguai, no Uruguai e no Brasil. Em nosso país, ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e no nordeste (Bahia).

Partes utilizadas: folhas.

Formas de uso: infusão, decocção e xarope.

Indicação e utilização: possui ação broncodilatadora, expectorante e anti-inflamatória. É útil no tratamento das crises de asma, tosse, bronquite, gripes e resfriados. Em casos de inflamações na boca e na garganta, também é muito utilizada.

A Anvisa recomenda a infusão das folhas para gripes, resfriados, bronquites (tanto alérgicas quanto infecciosas) e como expectorante. Seu uso interno deve se dar através de 3g (1 colher de sopa) em 150mL de água fervente — tomar 1 xícara, 3 vezes ao dia. Para obter uma ação expectorante, pode ser feito xarope com as folhas na proporção de uma parte para dez partes de água por 10min, até o aparecimento do cheiro de cumarina — adoçar com mel, guardar na geladeira e tomar 1 colher de sopa, de 3 a 4 vezes ao dia.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: cumarinas (1,2-benzopirona), óleos essenciais ricos em sesquiterpenos, triterpenos (friedelina) e diterpenos do tipo caureno (ácidos caurenoico, grandiflórico, cinamoilgrandiflórico e caurenol), esteroides (β -sitosterol, estigmasterol), flavonoides, taninos hidrolisáveis e saponinas.

Extratos aquosos facilitam a fluidificação dos exsudatos traqueobrônquicos e estimulam a saída da secreção pelo reflexo da tosse, além de provocar o relaxamento da musculatura lisa dos brônquios. Isso pode estar relacionado ao bloqueio dos canais de cálcio, acompanhado de ações anti-inflamatória e antialérgica.

A cumarina e o ácido caurenoico são responsáveis pelas atividades anti-inflamatória e expectorante. O ácido caurenoico promove a inibição do crescimento de *Staphylococcus aureus* e *Candida albicans*,

aliado ao ácido cinamolgrandiflórico. A atividade antimicrobiana também foi demonstrada contra *Staphylococcus epidermidis*, *Bacillus cereus*, *Bacillus subtilis*, *Streptococcus mutans* e *Streptococcus pneumoniae*, além da atividade *in vitro* contra formas tripomastigotas de *Trypanosoma cruzi*. Evidenciou-se potente ação relaxante da contração uterina, através de mecanismos independentes de receptores alfa 2- adrenérgicos e como antagonista de canais de cálcio. O tratamento com *Mikania glomerata* pode ser indicado na pneumoconiose, que é caracterizada por inflamação pulmonar causada pela exposição ao pó de carvão. Atua como preventivo de lesão pulmonar oxidativa, reduzindo a inflamação.

Contraindicações: uso não aconselhável para crianças com idade inferior a um ano e mulheres no período gestacional.

Efeitos adversos e precauções: em altas doses, pode causar vômito e diarreia. O uso prolongado (crônico) pode provocar acidentes hemorrágicos devido ao antagonismo com a vitamina K. Mulheres com menstruação abundante devem evitar sua utilização, pois provoca aumento do fluxo menstrual. Além disso, pode haver interação com medicamentos anticoagulantes.

Curiosidades: esta planta faz parte da Relação Nacional de Plantas de Interesse do Sistema Único de Saúde (Rennisus). Em regiões infestadas por serpentes venenosas, cujo veneno provoca a coagulação sanguínea, a planta costumava ser preparada como contraveneno, devido aos compostos cumarínicos responsáveis pelo efeito antiofídico. Na época de floração, o guaco é bastante procurado pelas abelhas melíferas.

Figura 29 – Guaco: trepadeira volúvel apoiada em suporte (a); ramo com folhas alternas, deltoides, de base hastada e ápice acuminado (b)



Fonte: autor (2019)

Referências: (BRASIL, 2009; BRASIL, 2010; CZELUSNIAK et al., 2012; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; GASPARETTO et al., 2010; LOPES, 1997; LORENZI; MATOS, 2008; PANIZZA, 1997; RIO GRANDE DO SUL, 2017; RITTER et al., 2015b; RITTER; BAPTISTA; MATZENBACHER, 1992; ROCHA et al., 2008; TESKE; TRENTINI, 1995).

31º) Cambará

Nome científico: *Moquiniastrum polymorphum* (Less.) G. Sancho (= *Gochnatia polymorpha* (Less.) Cabrera)

Família: Asteraceae (Compositae)

Sinônimos populares: cambará, cambará-guaçú, candeia, vassourão.

Descrição: árvore de até 12m de altura, tronco curto, tortuoso, com casca espessa, fendida e solta. Folhas simples, alternas, lanceoladas, subcoriáceas, discoloras (face superior glabra/verde-escura e face inferior pilosa/branco-prateada) (Figura 30). Flores branco-amareladas, reunidas em inflorescências do tipo panícula de capítulos. Fruto do tipo cipsela (aquênio), com cerdas de 1cm que auxiliam na dispersão anemocórica.

Distribuição: nativa do Brasil, ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), no centro-oeste (Goiás e Mato Grosso do Sul) e no nordeste (Bahia). Fora do Brasil, pode ser encontrada no Paraguai, no Uruguai e na Argentina.

Partes utilizadas: folhas e cascas.

Formas de uso: infusão e decocção.

Indicação e utilização: sua ação anticatarral auxilia nas afecções do sistema respiratório, como expectorante, no combate à gripe, à tosse, à bronquite, à coqueluche e à asma. Indígenas do Paraná e de Santa-Catarina usam a casca do caule no tratamento do reumatismo ósseo. O chá das folhas e das cascas é utilizado contra problemas respiratórios.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: óleo essencial contendo compostos alifáticos e aromáticos, fenilpropanoides, monoterpenos, sesquiterpenos e diterpenos, sendo os principais componentes: (E)-nerolidol, eugenol, fenilacetaldéido e tricosano. Há, também, flavonoides (genkwanina, demetoxicentaureidina, 3-Ometilquercetina, hiperosídeo e rutina), saponinas, taninos e cumarinas.

Extratos aquosos das folhas possuem atividade anti-inflamatória. Extratos das folhas, em diclorometano e etanólico, mostraram fraca atividade antimicrobiana contra cepas de *Staphylococcus aureus* e *Streptococcus mutans*. Extrato em diclorometano dos ramos e o extrato em etanol das cascas foram ativos contra *Micrococcus luteus*, *Staphylococcus aureus* e *S. epidermidis*. A maior atividade antimicrobiana foi observada para o extrato em diclorometano das cascas, que inibiu crescimento de *Streptococcus mutans*, *Enterococcus faecalis* e *Candida albicans*. Essas atividades parecem relacionar-se à presença de diterpenos (tipo caurenos) nos extratos.

Curiosidades: é uma árvore de copa cinzenta, que se destaca na paisagem campestre sulina. Seus troncos curtos e tortuosos servem para moirões de cerca. Espécie pioneira, que cresce diretamente

sobre campos secos, propiciando o surgimento posterior de outras espécies de árvores. Fornece mel, conhecido como mel de cambará, que é muito apreciado no mercado consumidor pelo seu aroma e sabor.

Figura 30 – Cambará: árvore de copa acinzentada, em beira de estrada (a); ramos com folhas discolores e flores branco-amareladas, reunidas em inflorescências axilares e terminais (b)



Fonte: autor (2019)

Referências: (ALICE et al., 1995; BACKES; IRGANG, 2002; FLORA SBS, [s.d.]; RIO GRANDE DO SUL, 2017; ROQUE, 2015; STEFANELLO et al., 2006a, 2006b).

32º) Angico-vermelho

Nome científico: *Parapiptadenia rigida* (Benth.) Brenan

Família: Fabaceae (Leguminosae)

Sinônimos populares: angico, angico-vermelho, angico-verdadeiro, paricá.

Descrição: árvore de grande porte, de 5m a 35m de altura, caducifólia. Tronco alto e reto, de até 1,2 m de diâmetro. Casca grossa, marrom-escura a avermelhada, que se desprende em placas. Folhas alternas, compostas, bipinadas, membranosas, com 3 a 8 pares de pinas (Figura 31). Flores branco-amareladas, reunidas em inflorescências, em espigas isoladas, longas e densas. Fruto do tipo legume plano, linear, articulado, que se abre, liberando as sementes aladas.

Distribuição: nativa na Mata Atlântica do Brasil — do sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) ao sudeste (São Paulo).

Partes utilizadas: cascas.

Formas de uso: decocção.

Indicação e utilização: possui ação cicatrizante, antidiarreica e expectorante em bronquites. Pode ser utilizada no combate a doenças venéreas. O chá das cascas é usado como anti-inflamatório e antimicrobiano, sendo adicionado a xaropes expectorantes.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: óleo essencial (4,6-dimetil-dodecano; N-butil-benzeno-sulfonamida;

bis-2-etil-hexil hexadecanoato; hexadecanoato de 2- hidróxi-1-etil; 2,3-di-hidróxi-propil octadecanoato e sitostenona), polifenóis (derivados da catequina), taninos.

Estudos com extrato metanólico da casca mostraram atividade antimicrobiana contra: *Staphylococcus aureus*, *Staphylococcus epidermidis*, *Bacillus subtilis* *Micrococcus luteus* e *Candida albicans*. Análise do extrato etanólico da casca resultou no isolamento dos novos derivados de catequina, que mostraram efeitos promissores de cicatrização de feridas em um ensaio de raspagem. O óleo essencial das folhas foi testado em patógenos de plantas e apresentou atividade antifúngica contra: *Rhizoctonia solani*, *Phytophthora capsici*, *Pythium ultimum* e *Botrytis cinerea*.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: espécie pioneira agressiva, cultivada para recuperação de áreas de preservação permanente e com fins paisagísticos em grandes espaços. É melífera. Fornece madeira pesada, de cor branca-amarelada a castanha-avermelhada, que é utilizada na construção civil e na carpintaria.

Figura 31 – Angico-vermelho: árvore em floresta aberta (a); planta jovem com folhas compostas bipinadas (b)



Fonte: autor (2019)

Referências: (BACKES; IRGANG, 2002; BATTISTI et al., 2013; CASTRO; CHEMALE, 1995; SOUZA et al., 2004; MORIM, 2015; MOURA et al., 2016; RIO GRANDE DO SUL, 2017).

33º) Murta

Nome científico: *Blepharocalyx salicifolius* (Kunth) O. Berg.

Família: Myrtaceae

Sinônimos populares: murta, cambuim, guamirim.

Descrição: árvore de 15m a 20m de altura, de copa globosa, perenifólia, com tronco reto, revestido por casca grossa e fissurada

longitudinalmente. Folhas aromáticas, simples, inteiras, opostas, glabras, subcoriáceas, lanceoladas (Figura 32). Flores brancas, perfumadas, reunidas em inflorescências axilares em dicásios. Fruto baga globosa, pequena, de cor vermelha, contendo até 4 sementes.

Distribuição: nativa do Brasil, ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), no centro-oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso) e no nordeste (Bahia). Fora do Brasil, é encontrada no Uruguai, na Argentina, no Paraguai e na Bolívia.

Partes utilizadas: cascas e folhas.

Formas de uso: infusão e decocção.

Indicação e utilização: digestiva, hipotensora, antidiarreica, antileucorreica, antibacteriana, antiespasmódica. Indicada para o tratamento de cistites e uretrites. Ameniza náuseas.

Para uso interno, é indicado preparar uma infusão com 1 colher de sopa de folhas frescas ou secas, picadas em 1 xícara de água fervente, 3 vezes ao dia. A decocção é feita com 1 colher de sopa de casca picada, para 1 xícara de água.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: flavonoides (chalconas), taninos, óleo essencial rico em monoterpenos (limoneno, mirceno, α -pineno, β -ocimeno, cineol, linalol, terpineol, terpin-4-ol) e sesquiterpenos (β -cariofileno, α -humuleno, óxido de cariofileno).

Ensaio biológicos sobre atividades antibacteriana e antiespasmódica podem justificar o uso popular da espécie como antidiarreica. Extratos aquosos de folhas frescas e secas foram efetivos contra bactérias Gram-positivas e Gram-negativas. O óleo essencial e os taninos podem estar envolvidos nas atividades. O extrato etanólico das folhas mostrou atividade contra células tumorais humanas de três linhagens – UACC-62 (melanoma), MCF-7 (câncer de mama) e TK-10 (câncer renal); contra o protozoário *Leishmania amazonensis* (que causa a leishmaniose) e contra o fungo *Paracoccidioides brasiliensis* (que provoca micose sistêmica, a paracoccidioidomicose). Atribui-se às chalconas essas atividades biológicas.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: árvore com potencial, no paisagismo, como ornamental. Seus frutos são procurados por pássaros, sendo indicada para reflorestamento ao longo das margens de rios. A madeira é empregada em obras internas de construção civil, para tabuados e para lenha.

Figura 32 – Murta: tronco com casca fissurada longitudinal (a); ramos com folhas lanceoladas opostas (b)



Fonte: autor (2019)

Referências: (ALICE et al., 1995; LIMBERGER et al., 2001; LOPES, 1997; LORENZI, 1998; RIO GRANDE DO SUL, 2017; SIQUEIRA et al., 2011; SOBRAL et al., 2015c).

34°) Maracujá

Nome científico: *Passiflora alata* Curtis

Família: Passifloraceae

Sinônimos populares: maracujá, maracujá-doce, flor-da-paixão.

Descrição: trepadeira perene, alcançando até 10m, cujos galhos se fixam no apoio por meio de gavinhas. Caule quadrangular com ângulos levemente alados. Folhas simples, grandes, alternas, inteiras, ovadas a ovado-oblongas, com 2 ou 3 pares de glândulas nectaríferas na base do limbo e estípulas ovais. Flores solitárias, axilares, grandes, vermelhas, com filamentos listrados de branco e roxo, formando corona (Figura 33).

Frutos ovais, de casca fina, resistente, lisa e amarela, com endocarpo sucoso. Sementes numerosas, escuras e cercadas de arilo mucilaginoso, esbranquiçado e doce-acidulado.

Distribuição: nativa do Brasil, ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), no centro-oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), no norte (Acre, Amazonas e Pará) e no nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Sergipe).

Partes utilizadas: folhas.

Formas de uso: infusão e decocção.

Indicação e utilização: calmante, indutor do sono, controlador de ansiedade e redutor da pressão sanguínea.

A Anvisa recomenda a infusão das folhas para quadros leves de ansiedade e insônia, como calmante suave. Internamente, deve-se cozinhar de 3 a 4 folhas frescas (10g), bem picadas, ou 3 a 5g do pó de folhas secas, em 150 mL de água — tomar 1 xícara à noite, para induzir o sono, ou 2 a 3 xícaras ao dia, como tranquilizante. Utilizar por, no máximo, uma semana.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: alcaloides indólicos (harmina, harmana, harmol, harmalina), flavonoides (vitexina, isovitexina, orientina, apigenina, 2''-O-xilosil-vitexina,

2''-O- ramnosil-vitexina, 2''-O-ramnosil-escoparina, 2''-O- ramnosil-orientina e isoorientina), saponinas (quadrangulosídeo), glicosídeos esteroidais e triterpenoidais (glucoglispiranosil-estigmasterol, glucopiranosil-ácido oleanólico), glicosídeos cianogênicos, resinas, taninos.

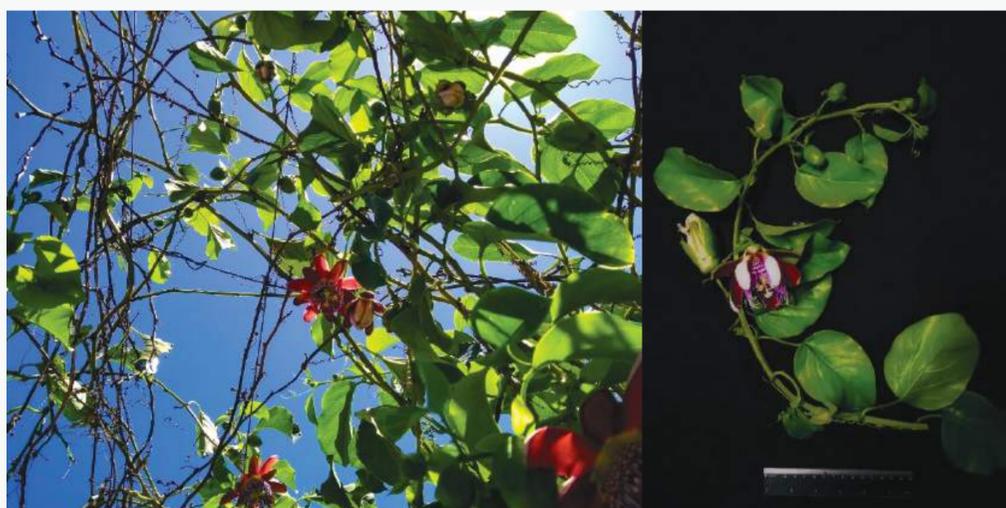
Estudos pré-clínicos demonstraram o efeito depressor de *P. alata* sobre o Sistema Nervoso Central – o extrato fluido prolongou o tempo de sono induzido por pentobarbital, reduziu a atividade motora espontânea, apresentou discreto efeito anticonvulsivante e efeito sedativo em camundongos. Foi verificada, também, a ação ansiolítica de extratos aquosos e hidroetanólicos das folhas de *P. alata* em ratos. Verificou-se atividade antioxidante, com efeito protetor frente ao dano oxidativo hepático induzido por tetracloreto de carbono, em ratos tratados com extrato aquoso.

Contraindicações: é contraindicado para pessoas com hipotensão (pressão baixa).

Efeitos adversos e precauções: seu uso pode causar sonolência. Não se deve utilizar junto com medicamentos sedativos e depressores do sistema nervoso central. Pode haver potencialização de seus efeitos quando aliada ao álcool e a anti-histamínicos. A planta, por si só, potencializa o sono induzido pelo pentarbital e os efeitos analgésicos da morfina. Deve-se controlar o uso das folhas em forma de chá, pois existem riscos de intoxicação cianídrica em doses exageradas.

Curiosidades: esta planta faz parte da Relação Nacional de Plantas de Interesse do Sistema Único de Saúde (Rennisus). *Passiflora alata* está descrita como matéria-prima farmacêutica na Farmacopeia Brasileira (edições I, II e III). No Brasil, são comercializadas diversas preparações farmacêuticas obtidas a partir de extratos das partes aéreas dessa espécie. Os frutos são alimentícios e a planta é ornamental, devido à exuberância de suas flores.

Figura 33 – Maracujá: vista geral da trepadeira com gavinhas (a); ramo com caule alado, folhas inteiras e flores vistosas



Fonte: autor (2019)

Referências: (BRASIL, 2009; BRASIL, 2010; BERNACCI et al., 2015; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; GOSMANN et al., 2011; LOPES, 1997; LORENZI; MATOS, 2008; REGINATTO et al., 2001; RIO GRANDE DO SUL, 2017; TESKE; TRENTINI, 1995).

35°) Araçá

Nome científico: *Psidium cattleianum* Sabine

Família: Myrtaceae

Sinônimos populares: araçá, araçazeiro, araçá-amarelo, araçá-vermelho.

Descrição: árvore perenifólia, de até 10m de altura. Tronco, em geral, tortuoso, com casca lisa, descamante em placas finas. Copa densa, verde-brilhante. Folhas simples, opostas, coriáceas, obovadas (Figura 34). Flores brancas, solitárias, axilares ou reunidas ao longo dos ramos. Fruto do tipo baga, globoso, de cor amarela ou vermelha, com várias sementes.

Distribuição: nativa do Brasil, ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e no nordeste (Bahia, Ceará, Pernambuco e Sergipe). Fora do Brasil, pode ser encontrada no Uruguai.

Partes utilizadas: folhas.

Formas de uso: infusão e decocção.

Indicação e utilização: além de possuir efeito antidiarreico e anti-hemorragico intestinal, regula a pressão sanguínea. O chá das folhas e dos brotos é usado, popularmente, contra diarreias.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: óleo essencial (cineol, triciclono, cariofileno, β -pineno, butirato de linalol, ledol, β -felandreno, α -terpineol), flavonoides (canferol, quercetina, cianidina, catequinas), saponinas, taninos (ácido elágico).

O extrato aquoso (decocto) das folhas mostrou atividade antimicrobiana contra o biofilme de *Streptococcus mutans*, que provoca cárie dentária, sendo indicado como anticárie. O extrato etanólico das folhas e suas frações foi eficaz contra *Staphylococcus aureus*, *S. epidermidis*, *Burkholderia cepacia* e *Escherichia coli*. O óleo essencial das folhas de *P. cattleyanum* é biologicamente ativo contra espécies de *Candida* e apresenta atividade antifúngica, antibiofilme e baixa citotoxicidade, constituindo, assim, um potencial agente antimicrobiano de uso clínico.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: espécie muito cultivada devido ao seu potencial ornamental e aos frutos saborosos, que agradam não só aos pássaros, mas também a nós, humanos, que nos utilizamos deles para fabricação de doces e geleias. Seu plantio é indicado em áreas degradadas

úmidas, para preservação permanente. Sua madeira pesada é usada em tornearia, em cabos de ferramentas, dormentes, moirões ou como lenha e carvão.

Figura 34 – Araçá: árvore de copa densa e tronco de casca lisa (a); ramo com folhas obovadas alternas e frutos globosos



Fonte: autor (2019)

Referências: (ALICE et al., 1995; BACKES; IRGANG, 2002; BATTISTI et al., 2013; BRIGHENTI et al., 2012; FALEIRO et al., 2016; RAMOS, 2017; RIO GRANDE DO SUL, 2017; SOBRAL et al., 2015d).

36º) Carrapicho-rasteiro

Nome científico: *Acanthospermum australe* (Loefl.) Kuntze

Família: Asteraceae (Compositae)

Sinônimos populares: carrapicho-rasteiro, carrapichinho, carrapicho-do-campo, carrapichinho-miúdo.

Descrição: erva anual, prostrada ou decumbente, ramificada, de caules arroxeados, com até 60cm de comprimento. Folhas simples, inteiras, opostas, cartáceas, ovaladas. Flores amareladas, dispostas em inflorescências axilares e terminais do tipo capítulo. Fruto do tipo cipsela (aquênio) provido de projeção rígida (Figura 35).

Distribuição: nativa do Brasil, ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), no centro-oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), no norte (Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins) e no nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Sergipe). Fora do Brasil, há ocorrência no Paraguai.

Partes utilizadas: folhas e raízes.

Formas de uso: infusão e decocção.

Indicação e utilização: possui ação tônica, hepatoprotetora, diaforética, eupéptica, antidiarreica, antimalárica, antiblenorrágica e febrífuga. É indicada no tratamento de problemas de estômago, fígado, rins e bexiga. O chá, tanto por infusão quanto por decocção das folhas, é empregado no tratamento de tosses, febres, bronquite, dispepsia,

diarreia, doenças do sistema urinário, anemia e erisipela. Externamente, na forma de banho, é indicado contra úlceras, feridas, micoses, dores lombares e renais ou nos membros.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: flavonoides, taninos, saponinas, mucilagens, óleo essencial rico em sesquiterpenos dos grupos cadinano (α -cadinol, δ -cadineno), cariofilano (β -cariofileno) e germacrano (globulol), espatulenol e diterpenos.

Estudos farmacológicos constataram atividade inibitória de tumores cancerosos, devido ao acanthostril (sesquiterpeno germacrano). O extrato cru foi parcialmente ativo contra *Plasmodium falciparum*, protozoário causador da malária, em ratos infectados. Extratos aquosos e hidroalcoólicos de folhas e raízes apresentaram efeito bactericida contra *Enterococcus faecalis* e *Shigella dysenteriae*, bactérias indutoras de diarreia. O extrato hidroalcoólico demonstrou atividade antifúngica contra *Aspergillus niger* e atividade antiúlcera significativa.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: planta amplamente dispersa pelo país, crescendo com vigor em solos agrícolas, em pastagens e terrenos baldios, sendo considerada, pelos agricultores, uma planta daninha.

Figura 35 – Carrapicho-rasteiro: erva rasteira entre gramíneas em ambiente aberto (a); ramos com folhas simples, flores amareladas e frutos espinhosos agrupados em número de cinco (b)



Fonte: autor (2019)

Referências: (ADATI, 2006; ETHUR et al., 2018; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; KISSMANN; GROTH, 2000; LORENZI, 2008; LORENZI; MATOS, 2008; MONDIN, 2015; RIO GRANDE DO SUL, 2017).

37º) Penicilina

Nome científico: *Alternanthera brasiliana* (L.) Kuntze

Família: Amaranthaceae

Sinônimos populares: penicilina, periquito, terramicina, doril, suspiro-de-folha-roxa, perpétua-do-mato.

Descrição: erva ou subarbusto perene, de base lenhosa, ramos decumbentes, prostrados ou semieretos, de 60cm a 120cm de altura. Folhas simples, opostas, elípticas a ovadas, arroxeadas escuras, membranáceas. Flores pequenas, esbranquiçadas, reunidas em inflorescências do tipo panícula de glomérulos densos (Figura 36). Fruto do tipo utrículo pontiagudo.

Distribuição: nativa do Brasil, ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), no centro-oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), no norte (Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins) e no nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe).

Partes utilizadas: folhas e flores.

Formas de uso: infusão e decocção.

Indicação e utilização: é indicada para o tratamento de dor de cabeça, dores em geral e infecção de garganta. É digestiva, depurativa, diurética, anti-inflamatória, analgésica e antiviral (vírus da herpes simples).

A infusão das folhas é considerada diurética, digestiva, depurativa, empregando-se para moléstias do fígado e da bexiga. Para uso interno, a infusão ou decocção das inflorescências das flores é considerada béquica — Usar 1 colher de sobremesa (2g) para 1L de água fervente — beber 3 a 4 xícaras de chá por dia.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: flavonoides (canferol 3-O-rubinosídeo-7-O- α -ramnopiranosídeo, quercetina 3-O-robinobiosídeo-7- α -L-ramnopiranosídeo, quercetina 3-O-robinobiosídeo, canferol 3-O-robinobiosídeo, canferol 3-O-rutinosídeo-7-O- α -L-ramnopiranosídeo e canferol 3-O-rutinosídeo), triterpenoides (acetato de α -amirina), esteroides (estigmasterol, β -sitosterol e β -sitostanol), saponinas, carotenoides, pigmentos (betalaínas), alcaloides (1-Etil-4-(4-morfolinalamina)-1,2,3,6-tetraidropiridina), açúcares redutores e derivados da cumarina.

A α -amirina demonstrou atividade anti-inflamatória nos processos inflamatórios tópicos, diminuindo a formação de edemas (efeito anti-edematogênico). O efeito farmacológico de α e β -amirina, na pancreatite aguda induzida por L-arginina, em ratos, e ceruleína, em camundongos, atenuou significativamente a severidade da lesão pancreática devido à ação anti-inflamatória e antioxidante das substâncias. O extrato hexânico de *A. brasiliiana* apresentou atividade antimicrobiana frente a *Staphylococcus aureus*.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: *Alternanthera brasiliana* var. *brasiliana* é cultivada como ornamental pelo colorido arroxeadado de suas folhas e de seus ramos. Cultivada em grupos para efeito de massa colorida, a pleno sol, em canteiros de terra bem adubada e úmida. A forma típica de *A. brasiliana* é considerada planta daninha de lavouras perenes e possui folhagem esverdeada.

Figura 36 – Penicilina: vista geral da planta em canteiro (a); ramos com folhas opostas e inflorescências em glomérulos (b)



Fonte: autor (2019)

Referências: (ANUNCIACÃO, 2012; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; LORENZI; SOUZA, 2008; MENDES, 2012; PANIZZA, 1997; RIO GRANDE DO SUL, 2017; SENNA, 2015).

38º) Corticeira-do-banhado

Nome científico: *Erythrina crista-galli* L.

Família: Fabaceae (Leguminosae)

Sinônimos populares: corticeira-do-banhado, corticeira, crista-de-galo, sananduva, seibo, mulungu.

Descrição: árvore caducifólia de até 15m de altura, com tronco curto, de casca grossa, suberosa e ramos retorcidos, com acúleos (Figura 37). Folhas compostas, trifoliadas, aculeadas, com folíolos ovais a elíptico-lanceolados. Flores carnosas, vermelhas, de corola parcialmente fechada, em forma de unha e reunidas em inflorescências de cachos terminais (Figura 38). Fruto do tipo legume roliço e curvo com várias sementes.

Distribuição: nativa do Brasil, ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e no centro-oeste (Distrito Federal, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso). Fora do Brasil, ocorre na Argentina e no Uruguai.

Partes utilizadas: cascas.

Formas de uso: infusão e decocção.

Indicação e utilização: indicada para tratar gripes, dores de garganta, úlceras, gastrites e dores na coluna. Possui ação anti-inflamatória, cicatrizante, adstringente, narcótica e analgésica.

O chá das cascas de espécies de *Erythrina* é empregado não só para tratar ansiedade, mas também como calmante de tosses e bronquites. Na forma de compressas mornas, serve para tratar reumatismos e dores musculares.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: alcaloides eritralina, eritramina, erisodina, erisotrina, eritralina-11 β -O-glucopiranósido e alcaloides indólicos (hipaforina); flavonoides (coumestrol, genisteína, daidzeína, luteína), pterocarpanos (derivados de isoflanoides), triterpenoides,

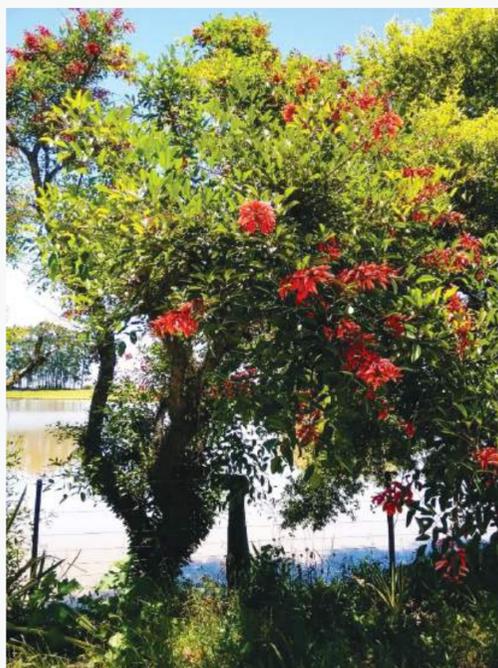
O extrato hidroalcoólico apresentou efeito inibitório sobre os microrganismos causadores de mastite bovina: *Escherichia coli*, *Pseudomonas aeruginosa*, *Staphylococcus aureus*, *Staphylococcus hyicus*, *Streptococcus intermedius* e *Streptococcus uberis*. Extratos de sementes possuem efeito sedativo, laxante e diurético comprovados. Pterocarpanos do extrato etanólico das cascas possuem atividade contra *Mycobacterium smegmatis* e *Staphylococcus aureus*.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: árvore nacional da Argentina e do Uruguai, é retorcida, pioneira característica de ambientes úmidos, como banhados, beira de rios e lagos, contudo isso não quer dizer que não se desenvolva em terrenos secos. É ornamental e melífera, muito procurada por abelhas. As corticeiras, em ambiente natural, são cobertas por orquídeas, especialmente *Cattleya*. A madeira serve para confecção de boias, gamelas, tamancos e saltos de sapatos. Várias espécies de *Erythrina* são empregadas como medicinais e inseticidas, sendo muito utilizadas, também, como veneno para peixes.

Figura 37 – Corticeira: árvore com tronco curto e retorcido, característica de ambiente úmido



Fonte: autor (2017)

Figura 38 – Corticeira: ramo com flores vistosas, vermelhas e reunidas em cachos terminais



Fonte: autor (2017)

Referências: (BACKES; IRGANG, 2002; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; LIMA; MARTINS, 2015; LORENZI, 1998; LORENZI; MATOS, 2008; OLANDA et al., 2016; REDKO et al., 2007; RIO GRANDE DO SUL, 2017; TAN et al., 2017).

39º) Erva-lanceta

Nome científico: *Solidago chilensis* Meyen

Família: Asteraceae (Compositae)

Sinônimos populares: erva-lanceta, lanceta, arnica, arnica-do-campo, espiga-de-ouro, cordão-de-ouro, rabo-de-rojão.

Descrição: erva anual ou perene, rizomatosa, entouceirada, ramos eretos de até 2m de altura e com alguma ramificação na parte mais elevada. Folhas simples, alternas, sésseis, linear-lanceoladas, ásperas. Flores amarelas reunidas em inflorescências escorpioides de capítulos, que estão dispostas na extremidade dos ramos (Figura 39). Fruto do tipo cipsela (aquênio), cilíndrico e piloso.

Distribuição: nativa do Brasil, ela ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), no centro-oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso) e no nordeste (Bahia, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe). Ocorre, também, no Chile, na Argentina, no Uruguai, no Paraguai e na Bolívia.

Partes utilizadas: folhas.

Formas de uso: infusão e decocção.

Indicação e utilização: possui atividade adstringente, emoliente, vulnerária (curativa de feridas e chagas), cicatrizante, anti-inflamatória e gastroprotetora. É utilizada no ratamento de distúrbios gastrointestinais, em casos de gastrites, úlceras gástricas e diarreias. Empregada externamente em traumatismos, hematomas e necroses por varizes.

Seu uso interno só deve ser feito com estrita indicação e acompanhamento médico, pois a planta apresenta toxicidade. O emprego por via tópica é o mais frequente, muito utilizado no tratamento de

ferimentos, escoriações, traumatismos e contusões, em substituição à arnica-verdadeira (*Arnica montana* L.). O seu uso externo é indicado através de compressas embebidas na tintura ou na maceração, em álcool, de suas folhas e de seus rizomas.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: flavonoides (quercitrina, quercetina, rutina), óleo essencial (monoterpenos; sesquiterpenos; diterpenos inulina, rutina, solidagenona), ácidos orgânicos (quínico, gálico, caféico, clorogênico, hidrocínâmico, 3,4-O-dicafeoilquinico e 4,5-O-dicafeoilquinico), taninos, saponinas, resinas.

Infusões preparadas a partir dos rizomas, das inflorescências e das folhas exibiram ação anti-inflamatória, devido à inibição tanto da liberação de mediadores pró-inflamatórios quanto da infiltração de leucócitos e neutrófilos para o sítio da inflamação. A infusão de raízes mostrou efeito analgésico significativo. O extrato aquoso das inflorescências e a solidagenona apresentaram atividade gastroprotetora em modelos de lesão gástrica. O extrato etanólico das folhas apresentou potente ação antioxidante e hepatoprotetora em camundongos com dano hepático. O óleo essencial, em concentrações baixas e com ausência de citotoxicidade, possui potencial ativo contra leveduras emergentes e multirresistentes,

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: em uso interno, apresenta toxicidade.

Curiosidades: esta planta faz parte da Relação Nacional de Plantas de Interesse do Sistema Único de Saúde (Rennisus). Possui crescimento vigoroso, desenvolvendo-se em pastagens, beira de estradas e terrenos baldios, sendo considerada planta daninha. É cultivada em hortas medicinais caseiras e suas flores atraem abelhas melíferas.

Figura 39 – Erva-lanceta: vista geral das ervas eretas, com ramificação terminal (a); ramos com folhas alternas e flores amarelas, reunidas em inflorescências escorpioides nas extremidades (b)



Fonte: autor (2019)

Referências: (ALICE et al., 1995; ASSINI; FABRÍCIO; LANG, 2013; BORGES; TELES, 2015; KISSMANN; GROTH, 2000; LOPES, 1997; LORENZI; MATOS, 2008; MARIN, 2014; RIO GRANDE DO SUL, 2017; SIMÕES et al., 1986).

40°) Urtiga-brava

Nome científico: *Urera baccifera* (L.) Gaudich. ex Wedd.

Família: Urticaceae

Sinônimos populares: urtiga-brava, urtigão, urtigão-do-mato, urtiga-vermelha.

Descrição: arbusto grande ou arvoreta perene, de casca fibrosa, possui grande polimorfismo, de 1,5m a 3,5m de altura. Possui ramos geralmente aculeados na base e providos de pelos urticantes. Produz látex incolor. Folhas simples, alternas, ovais a elípticas, rugosas, com pelos urticantes nas nervuras e pecíolos. Flores reunidas em inflorescências axilares cimosas, com ramos carnosos e rosados (Figura 40). Ocorrem plantas com flores só masculinas, só femininas, bem como plantas com ambos os tipos de flores, em inflorescências separadas. Fruto do tipo aquênio ovoide, unisseminado.

Distribuição: nativa do Brasil, ela ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), no centro-oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), no norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins) e no nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe). Também ocorre na América Central, no Caribe e nas Antilhas.

Partes utilizadas: folhas e raízes.

Formas de uso: infusão, decocção e cataplasma.

Indicação e utilização: possui atividade depurativa, diurética, anti-inflamatória e analgésica. É utilizada para tratar hiperplasia de próstata, infecção urinária e artrite. No tratamento de tosse, gripes e resfriados com febre, pode-se utilizar 1 xícara de chá das folhas e tomar 3 vezes ao dia. As folhas quentes podem ser aplicadas em cataplasma sobre articulação dolorosa.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: flavonoides (catequinas, antocianinas, antocianidinas), esteroides, alcaloides, taninos condensados, saponinas, cumarinas, ácidos orgânicos (ácido oxálico), mucilagens, nutrientes (rica em Boro e Ferro), histamina.

O extrato metanólico das folhas, cascas e raízes de *Urera baccifera* mostraram forte atividade antimicrobiana contra *Staphylococcus aureus*, *Escherichia coli* e *Pseudomonas aeruginosa*. Extratos alcoólicos das partes aéreas foram eficazes virucidas contra o vírus herpes simples tipo 1 (HSV-1).

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: a planta é fortemente urticante, causando dor intensa e dermatite quando em contato direto com a pele. Os frutos maduros são ingeridos por pássaros. As fibras são muito resistentes e possuem potencial para a fabricação de cordoaria. As folhas são comestíveis, após cozimento, para retirar a urticância, em preparos culinários para fazer refogados, bolinhos e milanesas.

Figura 40 – Urtiga-brava: arbusto no interior de mata aberta (a); ramo com folhas alternas e flores em inflorescências rosadas (b)



Fonte: autor (2019)

Referências: (BATTISTI et al., 2013; BECKER; FERNANDA, 2012; GINDRI, 2012; KINUPP; LORENZI, 2014; KISSMANN; GROTH, 2000; MARTINS et al., 2009; ROMANIUC NETO; GAGLIOTI, 2015; RIO GRANDE DO SUL, 2017).

41º) Banana-do-mato

Nome científico: *Bromelia antiacantha* Bertol.

Família: Bromeliaceae

Sinônimos populares: banana-do-mato, caraguatá, gravatá.

Descrição: erva perene, quase sem caule, estolonífera, ereta ou decumbente. Folhas em roseta basal, fibrosas, duras, com margens cobertas de espinhos em forma de gancho, de cor vermelha na base quando jovens e verde no ápice, de até 1,5m de comprimento (Figura 41). Flores reunidas em inflorescência do tipo espiga no centro da roseta, com brácteas brancas e vermelhas. Frutos são bagas amarelas, ovoides, de polpa amarela, com sementes negras.

Distribuição: nativa do Brasil, ela ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo) e no nordeste (Bahia). Fora do Brasil, ocorre no Uruguai.

Partes utilizadas: folhas e frutos,

Formas de uso: xarope e decocção.

Indicação e utilização: os frutos são expectorantes, purgativos, diuréticos, vermífugos e até abortivos. A polpa do fruto é empregada para tratar bronquite, asma, icterícia, hidropisia e para eliminar cálculos renais.

O xarope dos frutos maduros serve como antitussígeno. Levar à fervura, por 5 minutos, um fruto picado para 1 xícara de água; a seguir, amassar o fruto e coar, adicionar ao coado 2 xícaras de café de açúcar cristal, retornando ao fogo até dissolver bem o açúcar — Tomar 1 colher de sopa, 2 a 3 vezes ao dia. Para afecções da mucosa da boca, aftas e feridas, pode-se utilizar 1 colher de sopa de folhas fatiadas em 1 xícara de chá de água em fervura — desligar o fogo, esperar esfriar, adicionar 3 gotas de própolis e utilizar o chá em bochechos, 3 vezes ao dia.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: saponinas, enzimas (bromelina), mucilagens, taninos, cristais de oxalato de cálcio, carboidratos (monossacarídeos ácidos), ácidos graxos (palmítico, linoleico, oleico).

Possivelmente, a ação expectorante se dá devido aos cristais de oxalato de cálcio e à presença de açúcares ácidos, que podem atuar no mecanismo de ação como demulcentes, no tratamento da tosse, protegendo contra a inflamação.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: os frutos maduros são muito ácidos, recomenda-se a utilização em pequenas quantidades, pois podem causar irritação em pessoas sensíveis, além de serem muito fibrosos. São indicados para geleias, sucos e licores. A planta é cultivada como ornamental ou como cercas-viva.

Figura 41 – Banana-do-mato: erva com folhas de margem aculeada e dispostas em roseta basal



Fonte: autor (2019)

Referências: (BATTISTI et al., 2013; FORZZA et al., 2015; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; KINUPP; LORENZI, 2014; LORENZI; MATOS, 2008; PANIZZA, 1997; SANTOS et al., 2009; RIO GRANDE DO SUL, 2017).

42º) Suçuaiá

Nome científico: *Elephantopus mollis* Kunth

Família: Asteraceae (Compositae)

Sinônimos populares: suçuaiá, erva-de-colégio, sussuaiá, erva-grossa.

Descrição: erva perene, ereta, de base sublenhosa e ramos curtos, de 40cm a 120cm de altura. Folhas ásperas (as basais são rosuladas); ao longo do caule e dos ramos, as folhas são alternas, de forma espaçada. Flores arroxeadas, dispostas em inflorescências em capítulos terminais e axilares, protegidas por brácteas coriáceas (Figura 42). Fruto do tipo cipsela (aquênio), piloso.

Distribuição: nativa do continente americano, ela ocorre desde os Estados Unidos até o Uruguai. No Brasil, distribui-se no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), no centro-oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), no norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins) e no nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Sergipe).

Partes utilizadas: folhas e raízes.

Formas de uso: infusão e decocção.

Indicação e utilização: possui ação tônica, diurética, febrífuga, emenagoga, antisséptica e anti-herpética. É muito utilizada para eliminar cálculos renais, para isso, recomenda-se a decocção das raízes. As folhas têm atividade emoliente, resolutive, sudorífica, antissifilítica e antirreumática, além de aliviarem cólicas, colites, coceiras, problemas respiratórios, tosses, bronquites, gripes e catarro pulmonar.

O chá das folhas pode ser feito por infusão ou decocção. O suco das folhas frescas, por sua vez, pode ser ingerido para eliminar cálculos urinários. Para uso externo, pode ser feito cataplasma com as folhas frescas, não só para tratar micoses, úlceras e feridas, como também para estimular a cicatrização.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: flavonoides, triterpenos, lactonas sesquiterpênicas.

Lactonas sesquiterpênicas demonstraram propriedades citotóxicas e antitumorais. Extratos crus da planta suprimiram, significativamente, o desenvolvimento de artrite crônica induzida por Adjuvante Completo de Freund (AFC) e de artrite aguda induzida por carragenina, em modelos com ratos, demonstrando a atividade anti-inflamatória.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: planta considerada daninha, comum em áreas destinadas a pastagens, gramados, beira de estradas e terrenos baldios.

Figura 42 – Suçuaiá: aspecto geral da erva crescida espontaneamente (a);

planta com folhas rosuladas basais e flores arroxeadas, reunidas em inflorescências axilares e terminais (b)



Fonte: autor (2019)

Referências: (ALMEIDA; DEMATTEIS, 2015; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; GROppo, 2015; KISSMANN; GROTH, 2000; LORENZI, 2008; LORENZI; MATOS, 2008; RIO GRANDE DO SUL, 2017).

43º) Erva-mate

Nome científico: *Ilex paraguariensis* A. St. Hil.

Família: Aquifoliaceae

Sinônimos populares: erva-mate, mate, erva.

Descrição: árvore perenifólia, de tronco curto e copa densa, que atinge de 10m a 15m de altura. Folhas simples, alternas, glabras, oblongas, coriáceas (Figura 43). Flores brancas reunidas em inflorescência fasciculada na axila foliar. Fruto carnosos, tipo baga esférica, de cor vermelha, com quatro sementes.

Distribuição: nativa da América do Sul (Argentina, Paraguai, Uruguai, Chile e Brasil). Em nosso país, ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Minas Gerais e São Paulo), no centro-oeste (Distrito Federal, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso) e no nordeste (Bahia).

Partes utilizadas: folhas.

Formas de uso: infusão e cataplasma.

Indicação e utilização: estimulante, tônica, diurética, estomáquica, sudorífica, antiúlcera, antioxidante, antiobesidade, antidiabética, antifúngica, antimicrobiana. Reduz a fadiga muscular e mental, melhora o apetite e a digestão.

No sul do Brasil, é utilizada em forma de chimarrão, que é uma infusão quente e sem adoçante, preparada em cuias. No restante do país, é consumida em forma de chá-mate ou bebida gelada, com atividade estimulante. As folhas são utilizadas, também, na culinária regional, na elaboração de pães e bolos, para o preparo de sorvetes, mousses, pudins e molhos. O chá, em forma de infusão, é preparado com 1 colher de chá (2g) das folhas trituradas em 1 xícara de chá de água

fervente — deixar descansar por 5 minutos, coar e beber. Externamente, pode ser usada em cataplasma, para tratar feridas e úlceras.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: alcaloides (metilxantinas, teobromina, teofilina, cafeína), flavonoides (rutina, quercetina, canferol), taninos, saponinas (derivadas do ácido ursólico e oleanólico), ácidos orgânicos (dicafeoilquínico, caféico, clorogênico), óleo essencial (linalol, α -ionona, β -ionona, α -terpineol, ácido octanóico, geraniol, 1-octanol, nerolidol, geranilactetona e eugenol), vitaminas, ácido fólico, sais minerais (fósforo, potássio, magnésio, manganês, cálcio, ferro).

Extratos aquosos demonstraram atividade vasodilatadora, sobre preparações vasculares isoladas, e estimulante, sobre o sistema nervoso central. Os taninos conferem sabor adstringente e a cafeína é responsável pela ação estimulante. Os polifenóis (ácido cafeico, cafeína, derivados de cafeoil, ácido cafeoilchiquímico, ácido clorogênico, feruloinico, canferol, quercetina, ácido quínico, rutina, teobromina) da erva-mate constituem a maior parte dos seus princípios biologicamente ativos, com potente atividade antioxidante, são agentes redutores que fornecem proteção contra estresse oxidativo dos tecidos do organismo, que causam envelhecimento, câncer, doenças cardiovasculares e inflamação. Saponinas estão relacionadas ao efeito hipocolesterolêmico por inibir a difusão passiva de ácido cólico através da formação de micelas, impedindo a absorção, com propriedades anticâncer, antiparasitária e anti-inflamatória. Extratos do óleo essencial da erva-mate demonstraram ser agentes antimicrobianos eficazes contra bactérias Gram-positivas (*Bacillus subtilis*, *Brevibacterium amoniagenes*, *Propionibacterium acnes*, *Staphylococcus aureus* e *Streptococcus mutans*); e fungos (*Candida utilis*, *Pityrosporum ovale*, *Penicillium chrysogenum* e *Trichophyton mentagrophytes*). Extratos aquosos, por sua vez, foram ativos contra *Staphylococcus aureus* e *Escherichia coli*.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: a espécie é a árvore símbolo do estado do Rio Grande do Sul. O mate é a bebida estimulante mais utilizada no sul da América do Sul, tanto em infusão quente (chimarrão) quanto em infusão fria (tererê). Além de ser importante frutífera para a avifauna, como sabiás e pombas, fornece substâncias conservantes de alimentos e desodorante na indústria de cosméticos. É cultivada, também, como árvore ornamental.

Figura 43 – Erva-mate: planta jovem com brotos foliares avermelhados (a); ramo com folhas alternas (b)



Fonte: autor (2019)

Referências: (BACKES; IRGANG, 2002; BURRIS et al., 2012; CASTRO; CHEMALE, 1995; GROPPPO, 2015; KINUPP; LORENZI, 2014; KUBO; MUROI; HIMEJIMA, 1993; RIO GRANDE DO SUL, 2017; SIMÕES et al., 1986).

44°) Cancorosa

Nome científico: *Jodina rhombifolia* (Hook. & Arn.) Reissek

Família: Santalaceae

Sinônimos populares: cancorosa-de-três-pontas, cancorosa, sombra-de-touro.

Descrição: árvore de pequeno porte, até 5m de altura, perenifólia, muito ramificada. Casca espessa, sulcada longitudinalmente. Folhas alternas, simples, coriáceas, glabras, romboédricas, com 3 espinhos (Figura 44). Flores pequenas, branco-amareladas, reunidas em inflorescências do tipo glomérulo nas axilas das folhas. Fruto do tipo cápsula drupácea, rugosa, separando-se na maturação em 5 partes, cada qual contendo uma semente.

Distribuição: ocorre na Bolívia, no Paraguai, na Argentina, no Uruguai e no Brasil, onde se distribui desde Santa Catarina até o Rio Grande do Sul. É comum na serra do sudeste e no litoral do Rio Grande do Sul.

Partes utilizadas: folhas e casca.

Formas de uso: infusão e decocção.

Indicação e utilização: possui ação antidiarreica, adstringente, cicatrizante e depurativa do sangue. Muito utilizada para tratar resfriados, problemas estomacais, úlceras gástricas, afecções da pele, tumores, pólipos nasais e varizes.

Para uso interno, aconselha-se utilizar 1 colher de sopa de folhas trituradas para 1 xícara de chá de água fervente — tomar 3 a 4 vezes ao dia. O cozimento (decocção) das cascas serve como adstringente em diarreias. Externamente, o chá das folhas é empregado como cicatrizante de ferimentos infectados.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: flavonoides do tipo glicosilflavonoides (vicenina-2, vitexina, orientina, swertisina), esteroides, ácidos orgânicos, taninos, alcaloides, gomas, mucilagens.

Os extratos hidroetanólico e aquoso das partes aéreas apresentaram atividade antiúlcera, em ratos com úlcera induzida por HCl e etanol, inibindo a formação destas úlceras, com efeito similar ao da ranitidina. Essa atividade está relacionada à presença de C-glicosilflavonoides.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: espécie com potencial ornamental, pode ser utilizada em áreas urbanas de espaço restrito, como calçadas ou canteiros de avenidas. É confundida com a outra cancorosa (*Maytenus ilicifolia* Mart. ex Reissek), da qual se difere por apresentar folhas duras com 3 espinhos.

Figura 44 – Cancorosa: árvore ramificada, cultivada em canteiro (a); ramo com folhas alternas, romboédricas e com três espinhos (b)



Fonte: autor (2019)

Referências: (ALICE et al., 1995; BACKES; IRGANG, 2002; DETTKE; CAIRES, 2015; LOPES, 1997; LORENZI; MATOS, 2008; MONTANHA et al., 2009; RIO GRANDE DO SUL, 2017; SIMÕES et al., 1986).

45°) Salsaparilha

Nome científico: *Muehlenbeckia sagittifolia* (Ortega) Meisn.

Família: Polygonaceae

Sinônimos populares: salsaparrilha.

Descrição: subarbusto trepador volúvel, rizomatoso, de ramos verde-vináceos, glabros, angulosos. Folhas alternas, simples, inteiras, membranáceas, glabras, oblongo-lanceoladas e de base sagitada (Figura 45). Flores brancas, dispostas em inflorescências do tipo tirso. Fruto do tipo aquênio trígono, envolto pelo cálice acrescente.

Distribuição: nativa na Bolívia, na Argentina, no Paraguai, no Uruguai e no Brasil, onde ocorre no sul (Rio Grande do Sul e Santa Catarina) e no centro-oeste (Mato Grosso do Sul).

Partes utilizadas: folhas.

Formas de uso: infusão e banho de assento.

Indicação e utilização: usada para controlar artrite, inflamação, distúrbios hepáticos, doenças da pele, alergias, hemorroidas e diabetes. É muito utilizada para purificar o sangue, devido à sua ação depurativa. O chá das folhas secas pode ser tanto ingerido quanto utilizado em uso tópico, na forma de banho de assento.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: ácidos orgânicos (ácido hexadecanoico, ácido octadecatrienóico ou ácido linolênico), vitamina E.

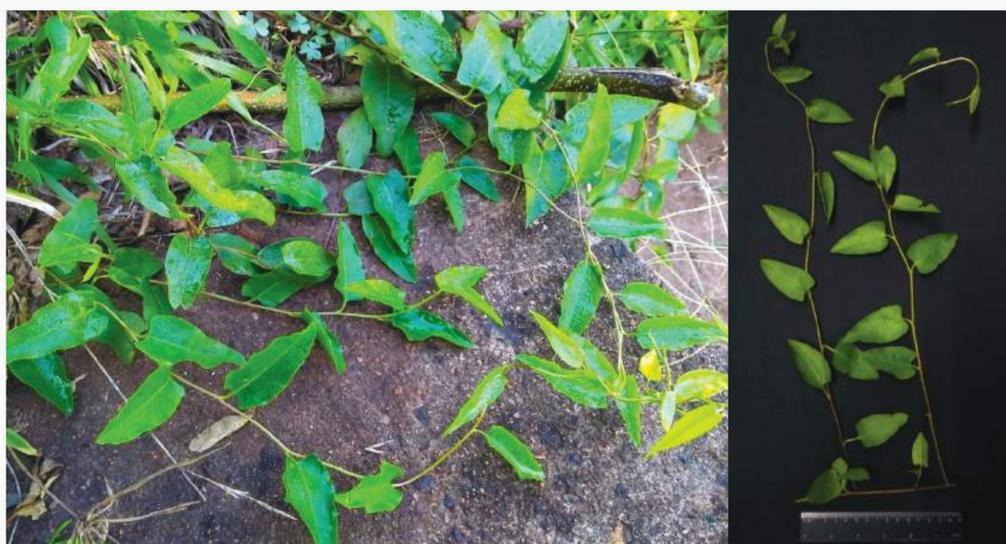
O extrato metanólico das folhas, em estudo in vitro, exibiu atividade não só antioxidante, como também antinociceptiva na dor inflamatória e pode validar seu uso tradicional em condições inflamatórias. O ácido linolênico tem sido descrito como potente antioxidante in vitro.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: a planta se desenvolve espontaneamente em terrenos baldios e beira de matas. Carece de estudos farmacológicos e químicos para comprovação de seus usos medicinais populares, por isso se deve ter cuidado no seu emprego.

Figura 45 – Salsaparrilha: trepadeira volúvel crescida espontaneamente em beira de mata (a); ramo com folhas alternas de base sagitada (b)



Fonte: autor (2019)

Referências: (BATTISTI et al., 2013; BERTOLDI et al., 2018; DIMITRI, 1978; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; LOPES, 1997; MELO, 2015b; RIO GRANDE DO SUL, 2017).

46º) Pixirica

Nome científico: *Leandra australis* (Cham.) Cogn.

Família: Melastomataceae

Sinônimos populares: pixirica.

Descrição: arbusto de 0,5m a 3m de altura, coberto de pelos

avermelhados, com ramos jovens cilíndricos. Folhas simples, inteiras, pilosas, opostas, ovadas a oblongo-ovadas, nervação curvinérvea, com cinco ou sete nervuras principais (Figura 46). Flores de cor branca-amarelada, reunidas em inflorescências paniculadas, com indumento vermelho escuro a negro. Fruto do tipo baga, roxo-escuro, com cálice persistente.

Distribuição: nativa do Brasil, ela ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e no sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo).

Partes utilizadas: folhas e frutos.

Formas de uso: infusão.

Indicação e utilização: os frutos são levemente adocicados e comestíveis.

O chá das folhas é utilizado, popularmente, como antidiarreico, antiespasmódico e em enfermidades do aparelho circulatório.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: flavonoides (rutina e ácido gálico), antocianinas nos frutos (cianidinas-3-O-glicosídeo), taninos, triterpenoides, esteroides.

Em modelo animal de obesidade, a administração diária de frutos foi capaz de proteger o fígado de uma possível esteatose (gordura), assim como reduziu danos oxidativos gerados pela obesidade. As antocianinas possuem comprovado efeito antioxidante e anti-inflamatório.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: os frutos são empregados na produção caseira de geleias e sucos. A espécie carece de estudos farmacológicos e químicos para comprovação de seus usos medicinais populares, por isso se deve ter cuidado no seu emprego.

Figura 46 – Pixirica: aspecto geral do arbusto em ambiente sombreado (a); folhas pilosas com nervuras curvas (b)



Fonte: autor (2019)

Referências: (ALICE et al., 1995; BAUMGRATZ; SOUZA, 2015; NUNES, 2018; RIO GRANDE DO SUL, 2017).

47°) Pariparoba

Nome científico: *Piper mikanianum* (Kunth) Steud.

Família: Piperaceae

Sinônimos populares: pariparoba, pariparova, pariparoba-do-rio-grande-do-sul.

Descrição: arbusto pequeno e ramificado, de 1m a 2m de altura, ramos nodosos, estriados. Folhas simples, alternas, membranosas, ovado-arredondadas, base cordada, nervação palminérvea. Flores pequenas reunidas em inflorescências espigadas cilíndricas. Fruto do tipo drupa piramidal.

Distribuição: nativa do Paraguai, da Argentina e do Brasil, onde ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Minas Gerais e São Paulo) e no norte (Acre).

Partes utilizadas: folhas e raízes.

Formas de uso: infusão e decocção.

Indicação e utilização: a raiz é citada para uso interno em decocção, como emenagoga, no tratamento de amenorreia, metrorragia e leucorreia.

O chá das folhas é usado contra infecções, reumatismos, problemas intestinais e do fígado.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: óleos essenciais (α -pineno, limoneno, linalol, safrol, β -cariofileno, germacreno D, biciclogermacreno, espatulenol, farnesol), flavonoides, alcaloides, saponinas, taninos.

O safrol é um fenilpropanoide conhecido não só por suas propriedades antibacteriana e carcinogênica, como também por sua citotoxicidade, sendo que *Piper mikanianum* é promissora para estudos de bioatividade.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: no Rio Grande do Sul, as folhas são usadas como abortivas, conforme o nome popular pariparova, isto é, significando "parir a ova". Há outra espécie de pariparoba, *Piper umbellatum*, comum em todo o Brasil, com usos semelhantes, além de ser considerada diurética, febrífuga, contra afecções das vias respiratórias (tosse e bronquite) e amenizadora de queimaduras leves e furúnculos, pela utilização das folhas em chá, xarope e cataplasma.

Referências: (ALICE et al., 1995; DE ABREU et al., 2002; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; GUIMARÃES et al., 2015; GUIMARÃES; VALENTE, 2001; RIO GRANDE DO SUL, 2017).

48°) Coronilha

Nome científico: *Scutia buxifolia* Reissek

Família: Rhamnaceae

Sinônimos populares: coronilha, espinho-de-touro, canela-de-espinho, laranjeira-do-mato.

Descrição: no campo, é encontrada na forma de arbusto ou árvore de pequeno porte (3m a 8m); na floresta, é encontrada em forma de árvore alta (15m a 20 m). Tronco curto e tortuoso, ramificado, copa densa e arredondada. Casca escura e descamante. Ramos eretos, horizontais e pêndulos, finos e flexíveis, quadrangulares, com espinhos, retos, fortes e agudos (Figura 47). Folhas perenes, simples, alternas, verde-escuras, brilhantes, forma oval-elíptica a obovada. As folhas, que jovens são macias e avermelhadas, tornam-se coriáceas na maturidade. A folha nasce entre dois espinhos e tem posição pendente. Flores pequenas, amarelo-esverdeadas, reunidas em fascículos axilares. Fruto do tipo drupa globosa-triangular, com três sementes.

Distribuição: é encontrada na Argentina, no Uruguai e no Brasil, onde ocorre na região sul do país (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

Partes utilizadas: folhas e cascas do tronco.

Formas de uso: infusão, decocção e tintura.

Indicação e utilização: possui ações hipotensora, cardiotônica e diurética. É muito utilizada para tratar problemas de pressão.

A tintura das cascas é utilizada como tônico cardíaco. As cascas e as folhas são empregadas como diuréticas e hipotensoras.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: alcaloides (ciclo-peptídicos), taninos, saponinas, flavonoides, óleo essencial (espatulenol, β -cubebeno, germacreno D, linalol, carvacrol, α -copaeno, cubenol, γ -eudesmol, 1,8-cineol, acetato de timol), heterosídeos antociânicos, cardioativos e cianogênicos, gomas, mucilagens.

A presença de heterosídeos cardioativos relaciona-se à ação cardiotônica citada na medicina popular; flavonoides, taninos e esteroides indicam atividade analgésica; e os constituintes do óleo essencial justificam atividade antioxidante desta espécie.

Em ensaio antibacteriano, o óleo essencial, extraído das cascas do tronco de *S. buxifolia*, mostrou atividade frente a *Staphylococcus aureus*, *Micrococcus sp.* e *Escherichia coli*.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: planta espinhosa, característica de algumas regiões campestres do sul, também ocorre como pioneira no interior de floresta madura. As folhas alimentam as lagartas da mariposa *Morpho catenarius argentinus*.

Figura 47 – Coronilha: aspecto geral da arvoreta em cultivo (a); ramo com espinhos retos e folhas alternas (b)



Referências: (ALICE et al., 1995; BACKES; IRGANG, 2002; BOLIGON et al., 2008, 2014; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; RIO GRANDE DO SUL, 2017; SIMÕES et al., 1986).

49º) Baleeira

Nome científico: *Varronia curassavica* Jacq. (= *Cordia curassavica* (Jacq.) Roem. & Schult., *Cordia verbenacea* DC.)

Família: Boraginaceae

Sinônimos populares: baleeira e erva-baleeira.

Descrição: arbusto ereto, muito ramificado, de até 2m de altura, aromático, com a extremidade dos ramos pendente. Folhas simples, alternas, coriáceas, lanceoladas a oblongo-lanceoladas (Figura 48). Flores pequenas, brancas, reunidas em inflorescências espigadas terminais. Fruto do tipo drupa, subgloboso, vermelho quando maduro.

Distribuição: ocorre na Argentina, no Paraguai e no Brasil, onde é encontrada no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), no centro-oeste (Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), no norte (Amazonas, Amapá, Pará, Roraima e Tocantins) e no nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Sergipe).

Partes utilizadas: folhas.

Formas de uso: infusão, decocção e compressa.

Indicação e utilização: possui ação nalgésica, antiartrítica, anti-inflamatória, antidiarreica e antiulcerogênica. É indicada no tratamento de reumatismo, artrite reumatoide, dores musculares e da coluna, prostatites, nevralgias e contusões.

A Anvisa recomenda a infusão das folhas para inflamações em contusões e dores. Para uso interno, aconselha-se utilizar 1 colher de sopa de folhas picadas para 1 xícara de chá de água fervente – tomar 1 xícara, 3 vezes ao dia. O chá das folhas é utilizado, também, para cicatrização de feridas externas e úlceras, como é o caso de pescadores da região litorânea que a empregam para curar seus ferimentos provocados por peixes.

Externamente, usar 3 colheres de sopa de folhas picadas em 1 xícara

de álcool, deixar em maceração por 5 dias e coar – aplicar nas partes afetadas pelas dores, com uma porção de algodão, cobrindo com um pano – essa compressa pode ser aplicada à noite, após um banho morno.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: óleo essencial (β -cariofileno, elixeno, γ -muuroleno, α -Pineno, β -Pineno, sabineno), triterpenos, flavonoides (artemetina), alantoína.

Estudos farmacológicos têm validado várias das propriedades atribuídas pelo uso popular da erva-baleeira. Extratos etanólicos das folhas mostraram atividade anti-inflamatória e protetora da mucosa gástrica, reduzindo lesões. O β -cariofileno e o α -humuleno são os dois principais sesquiterpenos responsáveis pela atividade anti-inflamatória do óleo essencial da erva-baleeira. Extrato bruto de diclorometano apresentou atividade antiedematogênica significativa, reduzindo edema induzido por carragenina em modelos animais.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: planta de crescimento vigoroso e espontâneo, ela desenvolve-se na costa brasileira em áreas abertas de pastagens, beira de estradas e terrenos baldios, sendo considerada planta daninha. A erva-baleeira consta em diferentes listas oficiais do Ministério da Saúde no Brasil, servindo na preparação de medicamentos fitoterápicos e drogas vegetais industrializadas.

Figura 48 – Baleeira: arbusto ereto muito ramificado (a); ramo com folhas alternas (b)



Fonte: autor (2019)

Referências: (ALICE et al., 1995; BAYEUX et al., 2002; BRASIL, 2009; BRASIL, 2010; LORENZI; MATOS, 2008; PANIZZA, 1997; QUEIROZ et al., 2016; RIO GRANDE DO SUL, 2017; SMITH, 1970; STAPF, 2015).

50°) Douradinha

Nome científico: *Waltheria communis* A. St. Hil. (= *Waltheria douradinha* A. St.-Hil.)

Família: Malvaceae (Sterculiaceae)

Sinônimos populares: douradinha, douradinha-do-campo.

Descrição: subarbusto ereto ou decumbente, com até 50cm de altura, pubescente, ramificado, de casca fibrosa, raiz desenvolvida profunda, algumas vezes dotada de pequenas estruturas xilopodiais. Folhas simples, alternas, cartáceas, de superfície branco-tomentosa, com indumento denso em ambas as faces e com cinco nervuras principais sulcadas na face superior. Flores amarelas reunidas em inflorescências do tipo glomérulo pubescente e denso terminal. Fruto do tipo cápsula bivalva, envolvido pelo cálice persistente.

Distribuição: nativa do Brasil, ela ocorre no sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), no sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo), no centro-oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso), no norte (Tocantins) e no nordeste (Alagoas e Bahia). Fora do Brasil, ocorre no Uruguai, na Argentina e no Paraguai. Costuma ser encontrada em campos limpos ou sujos, em solos rochosos e arenosos.

Partes utilizadas: partes aéreas e raízes.

Formas de uso: infusão e decocção.

Indicação e utilização: eficiente para a limpeza do sangue, ela é depurativa e muito utilizada por pessoas com pressão alta e dores do estômago, além de combater bronquite e laringite. Possui ação estimulante, sudorífica, antitussígena, antiblenorrágica, emética, diurética, emoliente e cicatrizante.

Para uso interno, utiliza-se a tintura das cascas como tônico cardíaco; as folhas e a casca dos ramos, por sua vez, são diuréticas e hipotensoras. Para tratar afecções pulmonares, tosse e bronquite, indica-se utilizar 20g de folhas picadas em 1L de água fervente — tomar 4 a 5 xícaras de chá por dia. Externamente, é indicada para tratar feridas, amolecer tumores e úlceras.

Constituintes químicos e dados farmacológicos: flavonoides, alcaloides (quinolônicos: antidesmona, waltheriona-A, waltheriona-B, alcaloide VG8; ciclopeptídicos: waltherina-A, chamaedrina), amida (O)-metilembamida, saponinas, taninos, triterpenos, esteróis, mucilagens.

Os extratos brutos de toda a planta apresentaram atividade antioxidante e antimicrobiana contra *Staphylococcus aureus*, *S. epidermidis*, *S. setubal*, *Klebsiella pneumoniae*, *Bacillus subtilis*, *Pseudomonas aeruginosa* e *Escherichia coli*.

Contraindicações: não há referências na literatura consultada.

Efeitos adversos e precauções: não há referências na literatura consultada.

Curiosidades: planta típica dos campos de altitude do sul do país, podendo perpetuar-se como daninha, desenvolvendo-se em pastagens, solos cultivados, beira de estradas e terrenos desocupados. Ocorre, no Brasil, outra espécie de douradinha, *Waltheria indica* L.

(= *Waltheria americana* L.), com características e propriedades semelhantes.

Figura 49 – Douradinha: subarbusto ramificado de região campestre (a); ramo com folhas esbranquiçadas, alternas e flores amarelas reunidas em glomérulos terminais (b)



Fonte: autor (2019)

Referências: (ALICE et al., 1995; BATTISTI et al., 2013; ESTEVES, 2015b; GARLET, 2000; GARLET; IRGANG, 2001; GRESSLER, 2006; HOELZEL et al., 2005; LORENZI, 2008; LORENZI; MATOS, 2008; RIO GRANDE DO SUL, 2017; SIMÕES et al., 1986).

Referências bibliográficas

- ADATI, T. T. **Estudo biofarmacognóstico de *Acanthospermum australe* (Loefl.) O. Kuntze – Asteraceae**. Tese (Doutorado em Fármaco e Medicamentos), Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/9/9138/tde-13012012-173123/pt-br.php>>. Acesso em: 23 fev. 2019.
- AKIO TANAKA, J. C. et al. **Constituintes químicos de *Luehea divaricata* Mart. (Tiliaceae)**. Química Nova, v. 28, n. 5, p. 834–837, 2005.
- ALICE, C. B. et al. **Plantas medicinais de uso popular: Atlas farmacognóstico**. Canoas: ULBRA, 1995. 205p.
- ALMEIDA, G.; DEMATTEIS, M. ***Elephantopus* in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB16098>>. Acesso em: 6 mar. 2019.
- ANUNCIAÇÃO, J. N. **Abordagem fitoquímica, farmacognóstica e microbiológica de derivados de *Alternanthera brasiliana* L. (Kuntze)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas)– Universidade Federal do Pará, 2012. Disponível em: <<http://www.ppgcf.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/jailtonnascimento.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2019.
- ASSINI, F. L.; FABRÍCIO, E. J.; LANG, K. L. **Efeitos farmacológicos do extrato aquoso de *Solidago chilensis* Meyen em camundongos**. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, v. 15, n. 1, p. 130–134, 2013.
- AYRES, A. S. F. S. J. et al. **Comparative central effects of the aqueous leaf extract of two populations of *Passiflora edulis***. Brazilian Journal of Pharmacognosy, v. 25, p. 499–505, 2015.
- BACKES, P.; IRGANG, B. **Árvores do Sul: guia de identificação & interesse ecológico**. Santa Cruz do Sul: Instituto Santa Cruz, 2002. 326 p.
- BATTISTI, C. et al. **Plantas medicinais utilizadas no município de Palmeira das Missões, RS, Brasil**. Revista Brasileira de Biociências, v. 11, n. 3, p. 338–348, 2013.
- BAUMGRATZ, J. F. A.; SOUZA, M. L. D. R. **Leandra in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB9507>>. Acesso em: 1 mar 2019.
- BAYEUX, M. C. et al. **Evaluation of the antiedematogenic activity of artemetin isolated from *Cordia curassavica* DC**. Brazilian Journal of Medical and Biological Research, v. 35, p. 1229–1232, 2002.
- BERNACCI, L. C. et al. **Passifloraceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB12508>>. Acesso em: 21 fev. 2019.
- BERTOLDI, K. et al. **Antioxidant and Antinociceptive Activities of Methanol Extract of *Muehlenbeckia sagittifolia***. Current Traditional Medicine, v. 4, p. 43–52, 2018.
- BOLIGON, A. A. et al. **Estudo fitoquímico de *Scutia buxifolia* – Rhamnaceae**. Horticultura Brasileira, v. 26, n. 2, p. 25–28, 2008.
- BOLIGON, A. A. et al. ***Scutia buxifolia* Rissek essential oil: *in vitro* antioxidant and antimicrobial activities**. Anais da Academia Brasileira de Ciências, v. 86, n. 3, p. 1463–1469, 2014.
- BORDIGNON, S. A. L.; SCHENKEL, E. P.; SPITZER, V. **The essential oil composition of *Cunila microcephala* and *Cunila fasciculata***. Phytochemistry, v. 44, n. 7, p. 1283–1286, 1997.
- BORGES, R. A. X.; TELES, A. M. ***Solidago* in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB5503>>. Acesso em: 25 fev. 2019.
- BOVINI, M. G. ***Sida* in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB9234>>. Acesso em: 5 mar. 2019.
- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução da Diretoria Colegiada – RDC nº 10, de 9 de março de 2010. Dispõe sobre a notificação de drogas vegetais junto à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 mar. 2010. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2010/anexo/anexo_res0010_09_03_2010.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso**. Brasil, 2015. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_2ed.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2019.
- BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. **Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica**. Brasil, 2012. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/praticas_integrativas_complementares_plantas_medicinais_cab31.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2019.

- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 886, de 20 de abril de 2010**. Institui a Farmácia Viva no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) Brasil, 2010. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2010/prt0886_20_04_2010.html>. Acesso em: 3 mar. 2019.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **RENISUS – Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS**, 2009. Disponível em: <<http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2014/maio/07/renisus.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2019.
- BRIGHENTI, F. L. et al. Effect of *Psidium cattleianum* leaf extract on enamel demineralisation and dental biofilm composition in situ. **Archives of Oral Biology**, v. 57, p. 1034–1040, 2012.
- BURGER, M. E. et al. Action of the extracts of *Pluchea sagittalis* on the absorptive characteristics of the gastrointestinal tract. **Brazilian Archives of Biology and Technology**, v. 43, n. 1, 2000.
- BURRIS, K. P. et al. Composition and bioactive properties of yerba mate (*Ilex paraguariensis* A. St.-Hil.): A review. **Chilean Journal of Agricultural Research**, v. 72, n. 2, p. 268–274, 2012.
- CASTRO, H. G. et al. **Contribuição ao estudo das plantas medicinais: metabólitos secundários**. 2. ed. Viçosa: UFV, 2004. 113p.
- CASTRO, L. O.; CHEMALE, V. M. **Plantas medicinais, condimentares e aromáticas: descrição e cultivo**. Guaíba: Agropecuária, 1995. 195p.
- CAVALCANTI, T. B.; GRAHAM, S. **Cuphea in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB8744>>. Acesso em: 2 mar. 2019.
- CZELUSNIAK, K. E. et al. Farmacobotânica, fitoquímica e farmacologia do guaco: Revisão considerando *Mikania glomerata* Sprengel e *Mikania laevigata* Schulyz Bip. ex Baker. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 14, n. 2, p. 400–409, 2012.
- DA ROSA, R. L. et al. Anti-inflammatory, Analgesic and immunostimulatory effects of *Luehea divaricata* Mart. & Zucc. (Malvaceae) bark. **Brazilian Journal of Pharmaceutical Sciences**, v. 50, n. 3, 2014.
- DE ABREU, A. M. et al. *Piper mikanianum* (Kunth) Steudel from Santa Catarina, Brazil—A new source of safrole. **Journal of Essential Oil Research**, v. 14, n. 5, p. 361–363, 2002.
- DETTKE, G. A.; CAIRES, C. S. **Santalaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB14412>>. Acesso em: 6 mar. 2019.
- DIMITRI, M. J. **Enciclopedia argentina de agricultura y jardineria**. Buenos Aires: ACME S.A.C.I. Tomo I, 1978. 651p.
- DOMINGUES, K. et al. Avaliação de extratos de quebra-pedra (*Phyllanthus* sp.) frente à patógenos causadores de infecções no trato urinário. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 17, n. 3, p. 427–435, 2015.
- ESTEVES, G. **Luehea in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015a. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB9094>>. Acesso em: 5 mar. 2019.
- ESTEVES, G. **Waltheria in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015b. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB9275>>. Acesso em: 3 mar. 2019.
- ETHUR, E. M. et al. Effectiveness of aqueous and hydroalcoholic extracts of *Acanthospermum australe* (Loefl.) Kuntze against diarrhea-inducing bacteria. **Brazilian Journal of Biology**, v. 78, n. 4, p. 619–624, 2018.
- FACHINETTO, J. M.; TEDESCO, S. B. Atividade antiproliferativa e mutagênica dos extratos aquosos de *Baccharis trimera* (Less.) A. P. de Candolle e *Baccharis articulata* (Lam.) Pers. (Asteraceae) sobre o sistema teste de *Allium cepa*. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 11, n. 4, p. 360–367, 2009.
- FALEIRO, J. H. et al. The chemical featuring, toxicity, and antimicrobial activity of *Psidium cattleianum* (Myrtaceae) leaves. **New Journal of Science**, v. 1, p. 1–8, 2016.
- FIDELIS, I. **Crescimento, armazenamento, homeopatia, produção de metabólitos secundários e teste biológico do extrato de *Sphagneticola trilobata* (L.) Pruski em coelhos diabéticos**. 2003. Tese (Doutorado em Fitotecnia), Universidade Federal de Viçosa. Disponível em: <<http://alexandria.cpd.ufv.br:8000/teses/fitotecnia/2003/176815f.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2019.
- FLORA SBS. **Asteraceae. *Chaptalia nutans* – Língua-de-vaca**. São Bento do Sul. Projeto Flora SBS [s.d.]. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/florasbs/asteraceae/lingua-de-vaca>>. Acesso em: 18 fev. 2019a.

- FLORA SBS. **Asteraceae. *Moquiniastrum polymorphum* – Cambará.** São Bento do Sul. Projeto Flora SBS [s.d.]. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/florasbs/asteraceae/cambara-guacu>>. Acesso em: 20 fev. 2019c.
- FLORA SBS. **Asteraceae. *Sphagneticola trilobata* – Margaridão.** São Bento do Sul. Projeto Flora SBS [s.d.]. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/florasbs/asteraceae/margaridao>>. Acesso em: 19 fev. 2019b.
- FORZZA, R. C. et al. **Bromeliaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil.** 2015. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB5956>>. Acesso em: 6 mar. 2019.
- FROELICH, S. et al. Phenylethanoid glycosides from *Stachytarpheta cayennensis* (Rich.) Vahl, Verbenaceae, a traditional antimalarial medicinal plant. **Brazilian Journal of Pharmacognosy**, v. 18, n. 4, p. 517–520, 2008.
- GARLET, T. M. B. **Levantamento das plantas medicinais utilizadas no município de Cruz Alta, RS, Brasil.** 2000. Dissertação (Mestrado em Botânica)– Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- GARLET, T. M. B.; IRGANG, B. E. Plantas medicinais utilizadas na medicina popular por mulheres trabalhadoras rurais de Cruz Alta, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 4, n. 1, p. 9–18, 2001.
- GASPARETTO, J. C. et al. *Mikania glomerata* Spreng. e *M. laevigata* Sch. Bip. ex Baker, Asteraceae: Estudos agronômicos, genéticos, morfoanatômicos, químicos, farmacológicos, toxicológicos e uso nos programas de fitoterapia do Brasil. **Brazilian Journal of Pharmacognosy**, v. 20, n. 4, p. 627–640, 2010.
- GINDRI, A. L. **Análise fitoquímica das raízes e folhas, e morfo-anatômica dos caules e folhas de *Urera baccifera* Gaudich.** 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas, Universidade Federal de Santa Maria, 2012. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/33432122-Analise-fitoquimica-das-raizes-e-folhas-e-morfo-anatomica-dos-caules-e-folhas.html>>. Acesso em: 27 fev. 2019.
- GOSMANN, G. et al. Composição química e aspectos farmacológicos de espécies de Passiflora L. (Passifloraceae). **Revista Brasileira de Biociências**, v. 9, n. 1, p. 88–99, 2011.
- GRESSLER, V. **Estudo fitoquímico e da atividade antimicrobiana de *Waltheria douradinha* Saint Hilaire.** 2006. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.
- GROPPO, M. **Aquifoliaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil.** 2015. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB4904>>. Acesso em: 6 mar. 2019.
- GUIMARÃES, E. F. et al. **Piperaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil.** 2015. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB12814>>. Acesso em: 2 mar. 2019.
- GUIMARÃES, E. F.; VALENTE, M. C. **Piperáceas.** Flora Ilustrada Catarinense: Itajaí, 2001. 104 p.
- HECK, M. R.; RIBEIRO, M. V.; BARBIERI, R. L. **Plantas medicinais do Bioma Pampa no cuidado em saúde.** Brasília: EMBRAPA, 2017. 156 p.
- HEFLER, S. M.; RODRIGUES, W. A.; CERVI, A. C. O gênero *Plantago* L. (Plantaginaceae) na região sul do Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 9, n. 3, p. 297–321, 2011.
- HEIDEN, G.; SCHNEIDER, A. ***Baccharis* in Lista de Espécies da Flora do Brasil 5172.** 2015a. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB5172>>. Acesso em: 4 mar. 2019.
- HEIDEN, G.; SCHNEIDER, A. ***Baccharis* in Lista de Espécies da Flora do Brasil 5158.** 2015b. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB5158>>. Acesso em: 3 fev. 2019.
- HENN, G. J. **Desenvolvimento de um extrato hidroetanólico das folhas de *Plantago australis* (Kunth) Rahn padronizado em verscosídeo e determinação de sua segurança toxicológica.** 2016. Dissertação (Mestrado em Patologia)– Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Porto Alegre, 2016.
- HOELZEL, S. C. S. M. et al. An unusual quinolinone alkaloid from *Waltheria douradinha*. **Phytochemistry**, v. 66, n. 10, p. 1163–1167, 2005.
- HORN, R. C. et al. Avaliação “in vitro” do efeito da infusão de *Cunila microcephala* Benth sobre a atividade da enzima acetilcolinesterase e biomarcadores de estresse oxidativo em eritrócitos de agricultores. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 18, n. 1, p. 341–348, 2016.

- KATAOKA, V. M. F.; CARDOSO, C. A. L. Avaliação do perfil cromatográfico obtidos por CLAE-DAD e da atividade antioxidante das folhas de espécies *Campomanesia sessiliflora* (O. Berg) Mattos e *Campomanesia xanthocarpa* O. Berg. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 15, n. 1, p. 121–129, 2013.
- KINUPP, V. F.; LORENZI, H. **Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas**. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2014. 768p.
- KISSMANN, K. G.; GROTH, D. **Plantas infestantes e nocivas**. 2. ed. São Paulo: BASF, 2000. 3 v.
- KUBO, I.; MUROI, H.; HIMEJIMA, M. Antibacterial Activity against *Streptococcus mutans* of mate tea flavor components. **Journal of Agricultural and Food Chemistry**, v. 41, n. 1, p. 107–111, 1993.
- LEMÕES, M. A. M. et al. O uso da planta *Sphagneticola trilobata* por agricultores acometidos de diabetes mellitus. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online**, v. 4, n. 1, p. 2733–2739, 2012. Disponível em: <http://seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1592/pdf_485>. Acesso em: 19 fev. 2019.
- LIMA, H. C. de; MARTINS, M. V. **Erythrina in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB29674>>. Acesso em: 25 fev. 2019.
- LIMBERGER, R. P. et al. Biological Activities and Essential Oil Composition of Leaves of *Blepharocalyx salicifolius*. **Pharmaceutical Biology**, v. 39, n. 4, p. 308–311, 2001.
- LINDE, G. A. et al. Quimiotipos, extracción, composición y aplicaciones del aceite esencial de *Lippia alba*. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 18, n. 1, p. 191–200, 2016.
- LOEUILLE, B.; MONGE, M. **Pluchea in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB16256>>. Acesso em: 15 fev. 2019.
- LOPES, A. M. V. **Plantas usadas na medicina popular do Rio Grande do Sul**. Santa Maria: Infograph, 1997. 49p.
- LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. Nova Odessa: Plantarum, 1998. 2 v.
- LORENZI, H. **Plantas Daninhas do Brasil: Terrestres, Aquáticas, Parasitas e Tóxicas**. 4. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008. 672p.
- LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas cultivadas**. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008. 576p.
- LORENZI, H.; SOUZA, H. M. **Plantas ornamentais do Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras**. 4. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008. 1120p.
- MARIN, R. **Solidago chilensis Meyer: desenvolvimento de métodos analíticos, extratos secos qualificados, avaliação farmacológica in vivo e produção de comprimidos**. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Farmacêuticas), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/149495/001002364.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 25 fev. 2019.
- MARKMAN, B. E. O. **Caracterização farmacognóstica de Campomanesia xanthocarpa Berg. Myrtaceae**. 2002. Dissertação (Mestrado em Fármaco e Medicamentos) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/9/9138/tde-17032015-085231/pt-br.php>>. Acesso em: 06 fev 2019.
- MARQUETE, R.; TORRES, R. B.; MEDEIROS, E. S. **Salicaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB14384>>. Acesso em: 4 mar. 2019.
- MARTINS, E. R. et al. **Plantas medicinais**. Viçosa: UFV, 1998. 220p.
- MARTINS, F. O. et al. In vitro inhibitory effect of *Urera baccifera* (L.) Gaudich. extracts against herpes simplex. **African Journal of Pharmacy and Pharmacology**, v. 3, n. 11, p. 581–584, 2009.
- MATIAS, L. Q.; LOPES, R. C.; SAKURAGUI, C. M. **Alismataceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB4261>>. Acesso em: 16 fev. 2019.
- MATOS, F. J. A. **Farmácias Vivas: sistema de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades**. 4. ed. Fortaleza: UFC, 2002. 267p.
- MELO, E. De. **Polygonaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil 13728**. 2015a. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB13728>>. Acesso em: 14 fev. 2019.

- MELO, E. De. **Polygonaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil 103637**. 2015b. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB103637>>. Acesso em: 1 mar. 2019.
- MENDES, C. S. O. **Caracterização da composição química e atividade biológica de extratos de *Alternanthera brasiliana* (L.) Kuntze Amaranthaceae**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Agrárias), Universidade Federal de Minas Gerais, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/NCAP-8YYQW5/c_ntia_sorandra.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2019.
- MONDIN, C. A. ***Acanthospermum* in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB103231>>. Acesso em: 22 fev. 2019.
- MONTANHA, J. A. et al. Chemical and anti-ulcer evaluation of *Jodina rhombifolia* (Hook. & Arn.) Reissek extracts. **Brazilian Journal of Pharmacognosy**, v. 19, n. 1A, p. 29–32, 2009.
- MORAES, L. A. S. et al. Phytochemical characterization of essential oil from *Ocimum selloi*. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 74, n. 1, p. 183–186, 2002.
- MOREIRA, R. C. R. et al. Efeito leishmanicida in vitro de *Stachytarpheta cayennensis* (Rich.) Vahl (Verbenaceae). **Brazilian Journal of Pharmacognosy**, v. 17, n. 1, p. 59–63, 2007.
- MORIM, M. P. ***Parapiptadenia* in Lista de Espécies da Flora do Brasil 31381**. 2015. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB31381>>. Acesso em: 3 mar. 2019.
- MOURA, B. S. et al. Evaluation of bioactive extracts of *Piptadenia gonoacantha* and *Piptadenia rigida* using supercritical CO₂. **Revista Fitos**, v. 10, n. 2, p. 95–219, 2016.
- NASCIMENTO, J. C. et al. Chemical composition and antimicrobial activity of essential oils of *Ocimum canum* Sims. and *Ocimum selloi* Benth. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 83, n. 3, p. 787–799, 2011.
- NUNES, A. M. **Frutos liofilizados de *Leandra australis* e atividade em modelo animal de obesidade**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde)– Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2018. Disponível em: <<https://riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/5776/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20Aline%20-%20ultima%20vers%C3%A3o.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 01 mar 2019.
- OLANDA, G. B. et al. Extrato hidroalcoólico de *Erythrina crista-galli* L. frente a microrganismos causadores da mastite bovina. **Enciclopédia Biosfera**, v. 13, n. 24, p. 538, 2016.
- ONOFRE, S. B.; HERKERT, P. F. Antimicrobial activity of extracts obtained from *Urera baccifera* (L.) Gaudich. **Advances in Life Sciences**, v. 2, n. 5, p. 139–143, 2012.
- PANIZZA, S. **Plantas que curam: cheiro de mato**. 2. ed. São Paulo: IBRASA, 1997. 279p.
- PASTORE, J. F.; SANTOS, E. P. ***Cunila* in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB8134>>. Acesso em: 5 mar. 2019.
- PEREIRA, Alessandra O. et al. Chemical composition, antimicrobial and antimycobacterial activities of *Aristolochia triangularis* Cham. from Brazil. **Industrial Crops and Products**, v. 121, n. 1, p. 461–467, 2018.
- QUEIROZ, T. B. et al. Teor e composição química do óleo essencial de erva-baleeira (*Varronia curassavica* Jacq.) em função dos horários de coleta. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 18, n. 1, p. 356, 2016.
- RAMOS, M. M. B. **Atividade anticâncida e citotoxicidade do óleo essencial de *Psidium cattleianum* (araçá-amarelo)**. 2017. Tese (Doutorado em Biologia Buco-Dental)– Universidade Estadual de Campinas. 2017. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/325349/1/Ramos_MarcelleMarieBuso_D.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2019.
- REDKO, F. et al. Antimicrobial isoflavonoids from *Erythrina crista-galli* infected with *Phomopsis* sp. **Zeitschrift fur Naturforschung – Section C Journal of Biosciences**, v. 62, p. 164–168, 2007.
- REGINATTO, F. H. et al. Steroidal and Triterpenoidal Glucosides from *Passiflora alata*. **Journal of the Brazilian Chemical Society**, v. 12, n. 1, p. 32–36, 2001.
- RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Saúde. Departamento de Ações em Saúde. **Plantas medicinais do Jardim Botânico de Porto Alegre**. MACHADO, C. A.; VARGAS, J. F. R. (Org.). Porto Alegre: Escola de Saúde Pública, 2018. 110p.

- RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Saúde. **Portaria SES/RS 588/2017**. Disponível em: <<http://www.saude.rs.gov.br/upload/arquivos/carga20171201/22110143-portaria-replame-rio-grande-do-sul.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2018.
- RITTER, M. R. et al. **Mikania in Lista de Espécies da Flora do Brasil 5388**. 2015a. Disponível em: <<http://florado-brasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB5388>>. Acesso em: 4 mar. 2019.
- RITTER, M. R. et al. **Mikania in Lista de Espécies da Flora do Brasil 5378**. 2015b. Disponível em: <<http://florado-brasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB5378>>. Acesso em: 3 mar. 2019.
- RITTER, M. R.; BAPTISTA, L. R. M.; MATZENBACHER, N. I. Asteraceae , gênero *Mikania* Willd. Secções Globosae e Thysigerae. Flora ilustrada do Rio Grande do Sul. **Boletim do Instituto de Biociências**, v. 50, p. 1–90, 1992.
- ROCHA, L. et al. *Mikania glomerata* Spreng: Desenvolvimento de um produto fitoterápico. **Brazilian Journal of Pharmacognosy**, v. 18, p. 744–747, 2008.
- ROMANIUC NETO, S.; GAGLIOTI, A. L. **Urticaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB15076>>. Acesso em: 25 fev. 2019.
- ROQUE, N. **Moquiniastrum in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB130869>>. Acesso em: 20 fev. 2019.
- ROQUE, N.; MONGE, M. **Chaptalia in Lista de Espécies da Flora do Brasil 5274**. 2015. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB5274>>. Acesso em: 2 mar. 2019.
- SALIMENA, F. R. G. **Stachytarpheta in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://florado-brasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB21466>>. Acesso em: 5 mar. 2019.
- SALIMENA, F. R. G.; MULGURA, M. **Aloysia in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015a. Disponível em: <<http://florado-brasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB135457>>. Acesso em: 5 mar. 2019.
- SALIMENA, F. R. G.; MULGURA, M. **Lippia in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015b. Disponível em: <<http://florado-brasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB15171>>. Acesso em: 4 mar. 2019.
- SANT'ANNA, L. S. **Efeitos do extrato da *Campomanesia xanthocarpa* sobre parâmetros cardiovasculares em ratos tratados com frutose**. 2012. Universidade Federal do Pampa, 2012.
- SANTOS, V. N. C. et al. Ripe fruits of *Bromelia antiacantha*: Investigations on the chemical and bioactivity profile. **Brazilian Journal of Pharmacognosy**, v. 19, n. 2, p. 358–365, 2009.
- SARTORI, M. R. **Atividade antimicrobiana de frações de extratos e compostos puros obtidos das flores de *Acmela brasiliensis* Spreng (*Wedelia paludosa*) (Asteraceae)**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas), Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2005. Disponível em: <<http://siaibib01.univali.br/pdf/Mara%20Rubia%20Sartori.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2019.
- SCOPEL, M. **Análise botânica, química e biológica comparativa entre flores das espécies *Sambucus nigra* L. & *Sambucus australis* Cham. & Schldl. e avaliação preliminar de sua estabilidade**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas)– Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6559/000531771.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 15 fev. 2019.
- SECCO, R. et al. **Phyllanthaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://florado-brasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB24168>>. Acesso em: 5 mar. 2019.
- SENNA, L. **Alternanthera in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://florado-brasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB4302>>. Acesso em: 23 fev. 2019.
- SIGRIST, S. **Cipó-mil-homens**. 2014b. Disponível em: <<http://www.ppmac.org/content/cipó-mil-homens>>. Acesso em: 14 fev. 2019.
- SIGRIST, S. **Erva-de-bicho**. 2014a. Disponível em: <<http://www.ppmac.org/content/erva-de-bicho>>. Acesso em: 14 fev. 2019.
- SIMÕES, C. M. O. et al. **Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1986. 174p.
- SIMÕES, C. M. O. **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. Porto Alegre/Florianópolis: UFRGS/UFSC, 2003.
- SIQUEIRA, E. P. et al. Bioactivity of the compounds isolated from *Blepharocalyx salicifolius*. **Brazilian Journal of Pharmacognosy**, v. 21, n. 4, p. 645–651, 2011.

SIQUEIRA, N. C. S. de; ALICE, C. B.; THIESEN, F. V. Aspectos farmacognósticos e perfil cromatográfico dos constituintes de *Baccharis articulata* Lam. (Pers.), Compositae. **Caderno de Farmácia**, v. 4, n. 1/2, p. 63–76, 1988.

SMITH, L. **Boragináceas**. Flora Ilustrada Catarinense: Itajaí, 1970. 85p.

SOBRAL, M. **Adoxaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB36>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

SOBRAL, M. et al. **Myrtaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil 0560**. 2015a. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB10560>>. Acesso em: 4 mar. 2019.

SOBRAL, M. et al. **Myrtaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil 10335**. 2015b. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB10335>>. Acesso em: 5 mar. 2019.

SOBRAL, M. et al. **Myrtaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil 10262**. 2015c. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB10262>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

SOBRAL, M. et al. **Myrtaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil 10858**. 2015d. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB10858>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

SOUZA, G. C. et al. Ethnopharmacological studies of antimicrobial remedies in the south of Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 90, p. 135–143, 2004.

SOUZA, V. C. **Brassicaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB117492>>. Acesso em: 5 mar. 2019.

STAPF, M. N. S. **Varronia in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB105435>>. Acesso em: 3 mar. 2019.

STEFANELLO, M. E. A. et al. Avaliação da atividade antimicrobiana e citotóxica de extratos de *Gochnatia polymorpha* ssp. *floccosa*. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 16, n. 4, p. 525–530, 2006a.

STEFANELLO, M. E. A. et al. Óleo essencial de *Gochnatia polymorpha* (Less) Cabr. ssp. *floccosa* Cabr. **Química Nova**, v. 29, n. 5, p. 999–1002, 2006b.

STEHMANN, J. R. et al. **Solanaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB14821>>. Acesso em: 2 mar. 2019.

TAN, Q. W. et al. A New Erythrinan alkaloid glycoside from the seeds of *Erythrina crista-galli*. **Molecules**, v. 22, n. 1558, p. 1–7, 2017.

TASCETTO, A. P. D. **Avaliação da atividade antimicrobiana de extratos aquosos e etanólicos de *Baccharis trimera* e *Baccharis articulata* frente ao microorganismo *Helicobacter pylori***. 2010. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, 2010. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/125/1/AnaPaulaTaschetto.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2019.

TAVARES, I. B.; MOMENTÉ, V. G.; NASCIMENTO, I. R. Lippia alba: estudos químicos, etnofarmacológicos e agrônômicos. **Revista Brasileira de Tecnologia Aplicada nas Ciências Agrárias**, v. 4, n. 1, p. 204–220, 2011.

TENÓRIO, J. A. B. **Caracterização química, toxicológica e atividades farmacológicas do extrato das raízes de *Solanum paniculatum* L.** 2015. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Inovação Tecnológica em Medicamentos), Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: <<http://tede2.ufrpe.br:8080/tede/bitstream/tede2/5221/2/Jonh%20Aldson%20Bezerra%20Tenorio.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

TESKE, M.; TRENTINI, A. M. M. **Compêndio de Fitoterapia**. 2. ed. Curitiba: Herbarium, 1995. 317p.

TRUITI, M. C. T. et al. In Vitro antibacterial activity of a 7-O- β -D- glucopyranosylnutanocoumarin from *Chaptalia nutans* (Asteraceae). **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, v. 98, n. 2, p. 283–286, 2003.

ZENI, A. L. B. **Estudo fitoquímico, toxicológico e dos efeitos neuroprotetor e tipo antidepressivo do extrato aquoso de *Aloysia gratissima* (Gill et Hook) Troncoso (Erva santa)**. 2011. Tese (Doutorado em Neurociências) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95637>>. Acesso em: 05 fev. 2019.

ZOTTIS, A.; SARRAGIOTTO, M. H. **Constituintes químicos de *Chaptalia integerrima***. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.sbgq.org.br/ranteriores/23/resumos/1068/index.html>>. Acesso em: 18 fev. 2019.

Glossário de termos farmacêuticos e médicos

Adstringente: agente que causa, na língua, uma sensação de aperto, diminuindo as secreções ou formando capa protetora.

Afecções: doenças.

Afta: úlcera pequena e superficial que aparece nas mucosas do aparelho digestivo.

Amenorreia: ausência de menstruação.

Analgésica: que reduz ou suprime a dor.

Antianêmica: que combate anemia.

Antiartrítica: que combate a inflamação nas articulações.

Antiasmática: que combate a dificuldade de respirar, que se manifesta por acessos irregulares.

Antibacteriana: que combate bactérias, destruindo-as ou detendo seu crescimento.

Antiblenorrágica: que combate a blenorragia, infecção purulenta da uretra e do prepúcio, no homem, ou da uretra e da vagina, na mulher.

Anticatarral: que combate o catarro e a constipação do peito.

Anticoagulante: que impede a coagulação do sangue.

Anticolinesterásica: substância que atua por meio da inibição da enzima acetilcolinesterase.

Anticonceptiva: o mesmo que anticoncepcional; que impede a fecundação.

Anticonvulsivante: que combate as convulsões.

Antiescorbútica: que previne ou cura o escorbuto, que é a doença causada pela carência de vitamina C.

Antiespasmódica: que age contra espasmos e dores agudas.

Antifúngica: que age contra as infecções provocadas pelos fungos; antimicótica.

Antigonorreica: que combate gonorreia ou blenorragia.

Anti-helmíntica: vermífuga, que combate as verminoses.

Anti-histamínico: que combate alergias, age contra o efeito da histamina.

Anti-inflamatória: que combate a inflamação.

Antileucorreica: que combate a leucorreia, agindo contra corrimento vaginal resultante de infecções por fungos, bactérias ou protozoários.

Antimalárica: que evita ou cura a malária.

Antimicrobiana: que impede o desenvolvimento de micróbios.

Antinevrálgica: que pode ser utilizado no combate da neuralgia; antineurálgica.

Antinociceptiva: que anula ou reduz a percepção e a transmissão de estímulos que causam a dor.

Antiofídica: que age contra o veneno de cobra.

Antioxidante: substância que reduz ou impede os efeitos e consequências da oxidação.

Antipirética: substância que diminui a temperatura do corpo ou combate a febre; antifebril.

Antirreumática: que age contra o reumatismo.

Anti-sifilítica: que combate a sífilis ou as suas manifestações, antiluético.

Antitérmica: que diminui a temperatura corporal; antifebril; antipirética.

Antitumoral: que combate tumores, formações patológicas com massa de tecido que persiste e cresce, sem função fisiológica.

Antiulcerogênica: que inibe a formação de úlceras.

Antiviral: que combate vírus.

Aterosclerose: afecção degenerativa das artérias que associa as lesões da arteriosclerose e do ateroma.

Blenorragia: infecção purulenta da uretra e do prepúcio, no homem, ou da uretra e da vagina, na mulher.

Broncodilatadora: que dilata o lúmen das passagens de ar dos pulmões.

Bronquite: inflamação da mucosa dos brônquios, dos condutos situados na traqueia, através dos quais o ar entra e sai dos pulmões

Cardiotônica: que tonifica o músculo cardíaco.

Carminativa: contra gases intestinais; antiflatulento.

Cistite: inflamação da mucosa da bexiga, geralmente causada por uma infecção; infecção na bexiga.

Citoprotetora: que protege células normais dos efeitos tóxicos da quimioterapia e da radioterapia.

Colagoga: que favorece a secreção da bile.

Colecistite: inflamação na vesícula biliar.

Colerética: que aumenta a produção da bile.

Colesterolemia: hipercolesterolemia, elevação patológica da taxa de colesterol no sangue.

Contraceptivo: anticoncepcional, que evita a gravidez.

Depurativa: que purifica o organismo, facilitando a eliminação de produtos do metabolismo.

Dermatose: designação das doenças da pele em geral.

Descongestionante: substância que alivia a congestão nasal.

Diaforética: sudorífera, sudorífica; estimulante da transpiração; que faz suar.

Dispepsia: distúrbios da função digestiva.

Diurética: que provoca a eliminação abundante de urina.

Eczema: doença da pele, com avermelhamento e prurido.

Elefantíase: doença parasitária que torna a pele rugosa como a do elefante; filariose.

Emética: que provoca vômito.

Emoliente: que tem a propriedade de amolecer tecidos irritados ou inflamados, formando uma capa protetora.

Epilepsia: doença nervosa com convulsões e distúrbios de consciência.

Escrofulose: doença que provoca escrófulas, isto é, ingurgitamento dos gânglios linfáticos devido a várias causas, às vezes infecciosas.

Esteatose: acumulação excessiva de gordura nos tecidos.

Estomatite: inflamação da mucosa bucal.

Eupéptica: que estimula as secreções gástricas, facilitando a digestão.

Expectorante: que facilita a expulsão das secreções; aquilo que ajuda na expectoração, na eliminação de catarro dos brônquios.

Febre intermitente: que para e recomeça por intervalos.

Flatulência: acúmulo de gases no tubo digestivo.

Gastralgia: dor de estômago.

Gastrite: inflamação da mucosa do estômago.

Gastroprotetora: que protege a mucosa do estômago.

Gonorreia: blenorragia; doença transmitida por via sexual, sendo causada pela bactéria Gram-negativa *Neisseria gonorrhoea*, que pode causar, no homem, a inflamação da uretra e, na mulher, o aparecimento de um corrimento mucoso.

Gota reumática: reumatismo decorrente do excesso de ácido úrico no sangue.

Hematoma: edema que contém sangue.

Hemorroidas: condição patológica em que as veias do ânus ou do reto estão inchadas ou torcidas, causando dores.

Hemostática: agente capaz de estancar hemorragias.

Hepatoprotetora: que protege o fígado.

Herpes: doença causada por vírus; erupção cutânea caracterizada pela formação de vesículas sobre base inflamada e separadas por intervalos de pele sã.

Hidropisia: retenção de líquido, edema.

Hiperacidez: excesso de ácido no estômago.

Hiperplasia: aumento de um órgão pelo crescimento excessivo de células.

Hipersensibilidade: sensibilidade excessiva, alergia.

Hipocolesteremiante: que provoca diminuição da taxa de colesterol no sangue.

Hipoglicemiante: que provoca diminuição da concentração ou da taxa de glicose no sangue.

Icterícia: manifestação patológica caracterizada pelo aumento da bilirrubina no sangue, com deposição desse pigmento amarelo em vários tecidos, como na pele e nas mucosas; o que explica a cor amarelada apresentada pelo paciente.

Intestino constipado: alteração intestinal que causa retenção de fezes ou dificuldade para evacuar: constipação intestinal; prisão de ventre.

Laringite: inflamação da laringe, levando à rouquidão.

Laxante: laxativo, que atua como purgativo fraco, que facilita a evacuação intestinal.

Leucorreia: corrimento vaginal, resultante de infecções por bactérias, fungos ou protozoários.

Litíase: formação de cálculos nos canais excretores das glândulas, como vias biliares e urinárias.

Litolítica: que dissolve ou desintegra cálculos ou pedras.

Metrorragia: hemorragia uterina fora do período menstrual.

Micose: infecção causada por fungos.

Mucolítica: que dissolve o muco.

Mucoprotetora: proteção das mucosas.

Narcótica: substância que amortece os sentidos, causando perda da sensibilidade.

Necrose: morte celular ou de tecido orgânico.

Neuroprotetor: que protege os neurônios.

Nevralgia: neuralgia, sintoma caracterizado por dor ao longo de um nervo e suas ramificações.

Parasitose: doença causada por parasitas.

Pneumoconiose: atribuição genérica para doenças causadas pela presença de poeira ou partículas sólidas no aparelho respiratório.

Prostatite: inflamação da próstata.

Prurido: comichão ou coceira; irritação que provoca coceira na pele.

Resolutiva: que faz cessar uma inflamação.

Sedativa: calmante, tranquilizante.

Sinusite: inflamação da mucosa dos seios da face, região do crânio formada por cavidades ósseas ao redor do nariz, maçãs do rosto e olhos.

Sudorese: transpiração, eliminação de suor através da pele.

Sudorífera: sudorífica, diaforética, que provoca transpiração, que faz suar.

Tônico: que estimula o organismo em geral.

Uretrite: inflamação ou infecção do canal da uretra.

Vasoconstritora: que provoca contração dos vasos sanguíneos.

Vermífuga: que destrói ou expulsa vermes.

Índice dos nomes populares

açoita-cavalo	21	erva	79	marcela	11
alfavaca	27	erva-baleeira	87	margarida	57
alfavaca-cheiro-de-anis	27	erva-cidreira	36	mastruço	26
angico	62	erva-cidreira-brasileira	36	mate	79
angico-verdadeiro	62	erva-colônia	33	menstruz	26
angico-vermelho	62	erva-da-pontada	33	mentruz	26
anis	27	erva-da-sepultura	33	mulungu	71
araçá	67	erva-das-mulheres	27	murta	63
araçá-amarelo	67	erva-de-bicho	40	paricá	62
araçá-vermelho	67	erva-de-bugre	19	pariparoba	85
araçazeiro	67	erva-de-cobra	59	pariparoba-do-rio-grande-do-sul	85
arnica	55, 73	erva-de-colégio	78	pariparova	85
arnica-do-campo	73	erva-de-lagarto	19	pata-de-boi	16
arnica-do-mato	58	erva-de-nossa-senhora	33	pata-de-vaca	16
atroveran	27	erva-de-soldado	33	penicilina	69
baleeira	87	erva-grossa	77	periquito	69
banana-do-mato	76	erva-lanceta	73	perpétua-do-mato	69
cafezeiro-do-mato	19	erva-lucera	44	persicária	40
cambará	61	erva-mate	79	pimenta-d'água	40
cambará-guaçú	61	erva-pombinha	22	pitanga	17
ambuim	62	erva-santa	33	pitangueira	17
cancorosa	12, 81	espiga-de-ouro	73	pixirica	83
cancorosa-de-três-pontas	81	espineira-santa	12	poejo	24
cancrosa	12	espinho-de-touro	85	poejo-miúdo	24
candeia	61	flor-da-paixão	65	quebra-pedra	22
canela-de-espinho	85	garupá	33	quebra-pedra-ereto	22
caraguatá	76	gervão	31	quitoco	44
carqueja	14	gervão-roxo	31	rabo-de-rojão	73
carqueja amarga	14	gravatá	76	sabugueiro	45
carqueja-branca	40	guabirola	34	sabugueiro-do-brasil	45
carqueja-doce	40	guabirola-do-mato	34	sabugueiro-do-rio-grande	45
carqueja-miúda	40	guaçatonga	19	salsaparrilha	82
carquejinha	40	guaco	39, 59	sálvia	36
carrapichinho	68	guaco-de-casa	39	sálvia-da-gripe	36
carrapichinho-miúdo	68	guamirim	63	sananduva	71
carrapicho-do-campo	68	guanxuma	30	seibo	71
carrapicho-rasteiro	68	guanxuma-branca	30	sete-sangrias	49
carvalhinho	19	guanxuma-vermelha	49	soita-cavalo	21
cataia	42	guavirova	35	sombra-de-touro	81
chá-de-bugre	19	insulina	57	suçuaiá	78
chá-de-campanha	51	jurubeba	47	suspiro-de-folha-roxa	69
chapéu-de-couro	51	jurubeba-verdadeira	47	sussuaiá	78
cidrozinho-do-campo	33	lanceta	73	tanchagem	28
cipó-de-cobra	43	laranjeira-do-mato	85	tansagem	28
cipó-jarrinha	43	língua-de-vaca	28, 55	terramicina	69
cipó-mil-homens	43	lucera	44	transagem	28
cordão-de-ouro	73	macela	11	urtiga-brava	75
coronilha	85	mal-me-quer-do-brejo	57	urtigão	75
corticeira	71	maracujá	54, 65	urtigão-do-mato	75
corticeira-do-banhado	71	maracujá-ácido	54	urtiga-vermelha	75
crista-de-galo	71	maracujá-azedo	54	vassourão	61
doril	70	maracujá-de-suco	54	vassourinha	30
douradinha	88	maracujá-doce	65	vedelia	57
douradinha-do-campo	88				

Índice dos nomes científicos

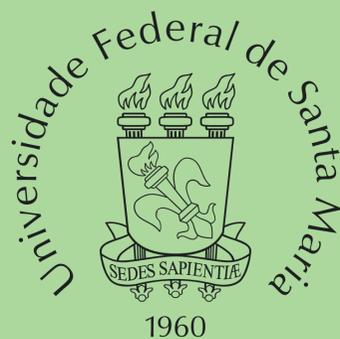
<i>Acanthospermum australe</i>	68	<i>Mikania laevigata</i>	39
<i>Achyrocline satureioides</i>	11	<i>Moquiniastrum polymorphum</i>	61
<i>Aloysia gratissima</i>	33	<i>Muehlenbeckia sagittifolia</i>	82
<i>Alternanthera brasiliiana</i>	69	<i>Ocimum carnosum</i>	28
<i>Aristolochia triangularis</i>	42	<i>Parapiptadenia rigida</i>	62
<i>Baccharis articulata</i>	40	<i>Passiflora alata</i>	65
<i>Baccharis crispa</i>	14	<i>Passiflora edulis</i>	54
<i>Baccharis trimera</i>	14	<i>Phyllanthus amarus</i>	24
<i>Bauhinia candicans</i>	17	<i>Phyllanthus niruri</i>	22
<i>Bauhinia forficata</i>	16	<i>Phyllanthus tenellus</i>	24
<i>Blepharocalyx salicifolius</i>	63	<i>Piper mikanianum</i>	84
<i>Bromelia antiacantha</i>	76	<i>Piper umbellatum</i>	84
<i>Campomanesia xanthocarpa</i>	34	<i>Plantago australis</i>	28
<i>Casearia sylvestris</i>	19	<i>Pluchea sagittalis</i>	44
<i>Chaptalia nutans</i>	55	<i>Polygonum hydropiperoides</i>	41
<i>Cordia curassavica</i>	87	<i>Polygonum persicaria</i>	41
<i>Cordia verbenacea</i>	87	<i>Polygonum punctatum</i>	40
<i>Coronopus didymus</i>	26	<i>Psidium cattleianum</i>	67
<i>Cunila microcephala</i>	24	<i>Sambucus australis</i>	45
<i>Cuphea calophylla</i>	51	<i>Sambucus nigra</i>	47
<i>Cuphea carthagenensis</i>	49	<i>Scutia buxifolia</i>	84
<i>Cuphea racemosa</i>	50	<i>Sida rhombifolia</i>	30
<i>Echinodorus grandiflorus</i>	51	<i>Solanum fastigiatum</i>	49
<i>Echinodorus macrophyllus</i>	51	<i>Solanum paniculatum</i>	47
<i>Elephantopus mollis</i>	78	<i>Solidago chilensis</i>	73
<i>Erythrina crista-galli</i>	71	<i>Sorocea bonplandii</i>	13
<i>Eugenia uniflora</i>	17	<i>Sphagneticola trilobata</i>	57
<i>Gochnatia polymorpha</i>	61	<i>Stachytarpheta cayennensis</i>	31
<i>Ilex paraguariensis</i>	79	<i>Urera baccifera</i>	75
<i>Jodina rhombifolia</i>	81	<i>Varronia curassavica</i>	87
<i>Leandra australis</i>	83	<i>Waltheria americana</i>	90
<i>Lippia alba</i>	36	<i>Waltheria communis</i>	88
<i>Luehea divaricata</i>	21	<i>Waltheria douradinha</i>	88
<i>Maytenus ilicifolia</i>	12, 82	<i>Waltheria indica</i>	89
<i>Mentha pulegium</i>	25	<i>Wedelia paludosa</i>	55
<i>Mikania glomerata</i>	59		

SÉRIE EXTENSÃO

“Plantas medicinais nativas de uso popular no Rio Grande do Sul” foi elaborado com o intuito de dar suporte às atividades de extensão que vêm sendo desenvolvidas na Universidade Federal de Santa Maria — nele são apresentadas as 50 plantas mais utilizadas pela população do estado do Rio Grande do Sul. O conhecimento sobre essas espécies medicinais de interesse no SUS pode auxiliar não só no alívio de problemas simples de saúde, como também na melhoria das condições de vida da população.



PRE
Pró-Reitoria de Extensão



1960